

Atlântida

No reino da Luz

VOLUME

1

Roger Bottini Paranhos



Atlântida - No Reino da Luz é um livro revolucionário sobre o continente perdido, tema que fascina a humanidade desde os enigmáticos relatos de Platão, *Timeu* e *Critias*. Com uma nova abordagem, sem paralelo na literatura espiritualista, o autor apresenta neste primeiro volume o final da era de ouro da sociedade atlante, momento em que os espíritos exilados de Capela, a "raça Adâmica", chegam à Terra para iniciar o seu processo de resgate espiritual.

Aqui é descrito o fabuloso domínio dos atlantes sobre a energia Vril, o quinto elemento, que lhes permitiu adquirir, há 12 mil anos, avançado padrão tecnológico muito superior ao de nossos dias. É relatado ainda o trabalho desse povo no desenvolvimento da raça humana, quando, com o uso da engenharia genética, aprimoraram corpos de antropóides, com o objetivo de tomar o mundo primitivo apto a receber a encarnação de espíritos mais evoluídos.

Como pano de fundo, os leitores acompanharão os dramas de consciência dos sacerdotes do Vril da nova geração, os atlantes-capelinos, que sofreram a sedução do poder e dos caprichos típicos das almas ainda escravizadas pelos desejos humanos, levando-os a quedas constantes no processo de desenvolvimento moral.

De forma clara, objetiva, e com a maestria de sempre, Roger Bottini Paranhos conduz uma narrativa envolvente, que proporciona aos seus leitores preciosos detalhes de uma época que permanece viva no inconsciente coletivo da humanidade.

Roger Bottini Paranhos

ATLÂNTIDA
NO REINO DA LUZ

Volume 1

1ª edição
2009



A humanidade somente encontrará a felicidade quando reconhecer que a mensagem crística trazida pelos grandes avatares da Terra é o roteiro absoluto para uma vida harmônica.

Hermes

Sumário

Capítulo introdutório	
Ainda o universalismo cristico.....	9
<small>CAPÍTULO 1</small>	
Exílio de Capela.....	29
<small>CAPÍTULO 2</small>	
Ano novo solar.....	53
<small>CAPÍTULO 3</small>	
O poder do vril.....	75
<small>CAPÍTULO 4</small>	
O Conselho do Vril.....	83
<small>CAPÍTULO 5</small>	
O mundo primitivo.....	91
<small>CAPÍTULO 6</small>	
Conhecendo um novo mundo.....	106
<small>CAPÍTULO 7</small>	
Três encontros.....	115
<small>CAPÍTULO 8</small>	
Entrevista com Kundô.....	133
<small>CAPÍTULO 9</small>	
O mundo dos sonhos.....	141
<small>CAPÍTULO 10</small>	
Despedida de Atlântida.....	150
<small>CAPÍTULO 11</small>	
As gêmeas.....	157

CAPÍTULO 12	
O treinamento das gêmeas.....	169
Capítulo 13	
Retorno a Atlântida.....	180
CAPÍTULO 14	
Reencontros com Arnach.....	192
CAPÍTULO 15	
Primeiros conflitos.....	201
CAPÍTULO 16	
Em busca da cura.....	209
CAPÍTULO 17	
Ensinamentos de luz.....	215
CAPÍTULO 18	
<u>Fim do sonho.....</u>	<u>223</u>
CAPÍTULO 19	
Reaprendendo a viver.....	233
CAPÍTULO 20	
Alucinando.....	246

Ainda o universalismo crístico

Quando dei por mim, estava sentado em confortável poltrona elaborada em um material que não é deste mundo. Abri os olhos e vi um imenso oceano. O vento que vinha do mar me beijava o rosto com uma suavidade muito agradável, enquanto meus cabelos balançavam de um lado a outro, algumas vezes encobrendo minha visão. Decididamente, eu não estava no plano físico, pois havia assumido minha forma de manifestação eterna: aquela que retrata nossa plena identidade milenar no mundo imperecível. O corpo espiritual é de natureza ideoplástica e assume a forma de encarnações ou vivências com que mais temos afinidade no plano astral.

Virei-me para o lado esquerdo e ali vi meu amigo e espírito guardião nesta vivência: Ramiro. Ele

dava a descalçar os sapatos e caminhar sobre a relva fofa. Cena maravilhosa! Era o entardecer de um belo dia de Sol, e o clima primaveril daquela praia se fazia muito agradável. Senti vontade inclusive de dar um passeio à beira-mar, caminhar pela areia e sentir a água salgada banhar minhas pernas, lavando-me a alma. Porém minha intuição me dizia que deveríamos aguardar a chegada de I Iermes ali mesmo.

Relaxe e passei a refletir sobre todas as loucuras que aconteceram após o lançamento do livro *Universalismo Cristico - O Futuro das Religiões*. Só agora, mais de um ano depois, passei a compreender melhor as insistentes ameaças dos magos negros, protagonizadas por Galeato. Foi necessário que a Terra executasse uma volta completa no Astro-Rei para eu me dar conta da gravidade contida na mensagem libertadora que materializávamos naquele livro. Realmente a revolução da "consciência espiritual do terceiro milênio" abalou os interesses do império do mal na Terra, e isso não sairia barato para quem colocou essa ideia no papel. Que Deus me proteja hoje e sempre!

É interessante que, mesmo recebendo todos os alertas possíveis, algumas vezes só compreendemos a mensagem quando

Ramiro retomou, então, de seu transe e sorriu, satisfeito em ver-me plenamente lúcido na dimensão espiritual.

— Como tu estás, meu amigo?

— Bem... Agora estou muito bem...

— respondi reticente. Algumas nuvens negras ainda pairam no horizonte, mas é só uma questão de tempo para o Sol brilhar de forma intensa novamente. Somos filhos eternos de Deus. A Luz sempre brilhará para quem acreditar na vida eterna. Não há depressão que consiga se instalar em corações que já viram a “face” do Criador.

— Tu me levantei, então, e nos abraçamos como bons irmãos de longa data. Era impossível não sentir o carinho irradiado pelo querido amigo, durante o amplexo fraternal. Nesse instante, Ramiro falou-me, com um sorriso cativante no rosto:

— Pronto, mano, para narrarmos a fantástica epopeia da Atlântida?

Fiz um sinal afirmativo com a cabeça, admirado com seu comportamento descontraído. Percebi que ele estava se esforçando para evoluir nesse aspecto. As pessoas mudam, tanto no mundo das formas como no reino astral. Somos seres em eterna evolução! Ele, então, prosseguiu:

— Temos que corrigir algumas informações para o trabalho

— Nossa, que maníada! Não percebi que o nome Artemis é feminino e nem me toquei sobre a deusa grega Artemis, naquela época.

Caminhei de um lado a outro, coçando o queixo, e completei:

— Sim! Faz muito sentido. E depois Hermes viveu como o grande Toth no antigo Egito e também foi divinizado como o deus da escrita e da sabedoria, na terra de Kemi.

Ele concordou com seriedade e falou:

— Tudo bem! O teu erro é compreensível. Tu apenas estavas preso aos teus paradigmas. Naquela época, tu tinhas mais dificuldade em perceber e aceitar que reencarnamos algumas vezes como homem, outras como mulher, apesar de saberes muito bem disso. São barreiras inconscientes que atravancam nosso progresso.

Concordei com um gesto sincero, enquanto ajeitava os cabelos que eram desalinhados a todo instante pela brisa serena que vinha do mar, e perguntei:

— E eu cometi mais algum erro a respeito disso? Narrei alguma encarnação minha como homem, mas era mulher?

Ele riu da minha preocupação e respondeu:

— Não. Até agora não cometeste esse equívoco. Desde que

Ele riu, divertindo-se com a situação, e disse, em tom jocoso:

— Brincadeira. Hermes, na personalidade de Ítemis, foi mãe de tua esposa Evelyn.

Olhei para ele com cara de poucos amigos e respondi:

— Brincadeira de mau gosto! Tu não perdes a oportunidade de me esculachar e puxar-me a orelha.

Ramiro apoiou suas mãos em meus ombros, como só os grandes amigos fazem, e falou, com um largo e carinhoso sorriso no rosto:

— Quem mandou você me pedir para ser seu anjo guardião nesta existência? Agora tenho que cumprir meu papel, ou seja, puxar-lhe a orelha a todo instante.

Ele meditou por algum tempo, com o olhar perdido no horizonte, e arrematou, com sua voz denunciando leve emoção:

— Eu preciso fazer isso, meu irmão. Não debes perder o foco de tua missão. Tu não tens ideia da importância de teus relatos para o futuro espiritual da humanidade.

Concordei com um olhar significativo, demonstrando estar ciente da responsabilidade que estava em minhas mãos. Depois voltamos a respirar profundamente o ar puro daquele paraíso e a apreciar a beleza do mar, abraçados, como fazem os grandes

cumprimentou-nos com um forte abraço,
unindo-nos em um
fraterno amplexo de luz.

Que energia sublime! Algo inesquecível!
Como não agradecer mil vezes a Deus por ter o privilégio
de interagir de forma tão próxima com um ser do quilate
espiritual de Hermes Trimegisto? Impossível. Esses séculos de
luta pela liberdade e aquisição de lucidez espiritual não
poderiam ser melhor recompensados.

— Meus queridos irmãos, bom
revê-los — disse-nos o gran-
de mestre, de forma jovial.

Em seguida, fizemos uma sutil
reverência, demonstrando
toda a nossa admiração e gratidão àquele
que tantas vezes nos
mostrou o caminho da Luz. Ele
rapidamente quebrou o clima
formal imposto por nós e convidou-nos a
caminhar pela praia.
Fiquei especialmente animado. Estava
ansioso por descer a co-
lina e banhar-me naquela água revigorante.

Ramiro, de forma cortês e elegante,
informou-nos que outras
atividades urgentes o aguardavam. Ele
sabia que Hermes
necessitava falar comigo em particular e
partiu, sem alarde.
Despedimo-nos de meu guia protetor com
um olhar significativo.

Em seguida, caminhamos por alguns
minutos apreciando

sobre mim, por causa da intervenção de Ramiro e de toda a equipe, portanto, estão atacando a tudo e a todos. Qualquer pessoa que desperta do mundo das ilusões e se mobiliza para estimular a mudança em outros logo é assediada, com o objetivo de desanimá-la. Poucos são os guerreiros que resistem bravamente e não abandonam o ideal libertador do Universalismo Crístico.

Hermes colocou sua destra sobre meu ombro, tentando acalmar-me, enquanto caminhávamos pela praia, e disse, com sua voz serena e impregnada da mais pura sabedoria:

— Jesus já nos falou sobre isso na parábola do semeador. Aqueles que desistem diante das primeiras adversidades são as sementes lançadas em meio aos espinhos... Nós não temos o controle absoluto sobre tudo o que ocorre no plano físico. As coisas vão acontecer, devem acontecer, mas não podemos interferir no livre-arbitrio do mundo. Só nos resta gritar cada vez mais alto para que o homem desperte de seu mundo de ilusões e enxergue a visão libertadora e desprovida de preconceitos do Universalismo Crístico, despindo-se de seu ego humano e compreendendo definitivamente que é um espírito imortal em peregrinação pelos mundos físicos com o

mo liante das maiores tempestades.

O sábio mestre ajeitou os longos cabelos negros, nais escuros que a asa de um corvo, e depois me abriu, talvez comovido com meus dilemas pessoais. Em seguida, respondeu, enquanto eu me mantinha cabisbaixo:

— Eu estava acompanhando teus pensamentos, antes de chegar. E, naquele momento, tu mesmo deste a resposta para essa indagação. És como a fênix, meu querido amigo. Tu renasces de tuas próprias cinzas! E nisso que apostamos. A nova humanidade que surgirá não precisa de gurus perfeitos, que jamais cometam deslizes. E o fim da era dos líderes espirituais infalíveis e o início do ciclo da autoconscientização. A visão espiritual do terceiro milênio precisa de um pioneiro que possa caminhar em todas as frequências, em todas as estradas; andar na luz, assim como anda nas trevas. Teu leque é muito amplo, consegues interagir com todo o Universo que te é apresentado. Tu podes trazer para os braços do Cristo pessoas que dificilmente seriam convencidas pela tradicional explanação evangélica. É difícil explicar. Tu és como um curinga no baralho divino. A visão libertadora da consciência espiritual do terceiro milênio necessita ter um modelo despojado, liberto

religiões obsoletas do passado.

Eu concordei com suas palavras e atalhei:

— Sim, tens razão. Todavia, algumas pessoas podem achar o Universalismo Crístico permissivo demais, como se fosse uma ação do mal para desencaminhar os fiéis do “caminho da salvação”. Já vi fanáticos utilizarem esse pobre discurso por muito tempo.

O sábio mentor assentiu com a cabeça e falou:

— O grande segredo dessa permissividade do Universalismo Crístico é atrair aqueles que estão distanciados da Espiritualidade, por sentir que a visão severa e fantasiosa das religiões não tem nada a contribuir para suas vidas. Atuará também sobre aqueles que são religiosos, a medida que comecem a realizar reflexões sobre suas crenças. Como a visão espiritual do futuro é ampla, desprendida de dogmas e baseada em uma plataforma sensata, atrairá naturalmente as pessoas. E, como tu bem sabes, a partir do momento que o homem busca espiritualidade, ou seja, quando ele abre definitivamente a “caixa de Pandora”, tudo muda em sua vida, porque ele adquire uma consciência superior. Como disse Einstein: “A mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho

alma. Por esse motivo, o Universalismo Crístico precisa ter uma porta de acesso bem ampla. A acomodação espiritual da humanidade é muito grande. Nós já teremos conquistado grande vitória se as pessoas simplesmente assimilarem e praticarem (de forma sincera) a máxima: “Ama ao teu próximo como a ti mesmo e não faças aos outros o que não gostarias que te fizessem”.

Eu meditei sobre suas palavras, que me pareciam bem lógicas, e disse-lhe:

— Mesmo assim, acho que devemos agir rápido, para alastrar o Universalismo Crístico na Terra. Percebo que as trevas estão dando tudo de si, neste momento, para derrubar-nos.

Hermes concordou com seriedade e disse:

— Assim o é! O momento é crucial. Estamos vivendo uma fase de transição para um novo ciclo de evolução planetária, e nossos irmãos que ainda vibram na frequência da escuridão compreendem que, em breve, não terão mais como evitar a ação da Luz. Eles acreditam que agora ainda podem segurar essa onda, por isso estão intensificando o assédio e o ataque. Aproveitam o momento em que a humanidade está entorpecida, em que ainda dorme. Este é o melhor momento para “assaltar” a

de Poseidon, enquanto uma onda mais forte banhava nossos pés com a sempre agradável água do mar.

Depois de um breve momento de meditação, em que eu apreciei a beleza da branquíssima espuma deixada pelas ondas, respondi:

— Sim. Entretanto, tenho alguns receios sobre esse tema. Falar sobre a Atlântida é algo que sempre me preocupou. Era um mundo muito diferente do nosso, bem avançado para a época. Tu sabes de minha preocupação em narrar temas que possam fazer o leitor imaginar que nosso trabalho trata-se de ficção. É muito difícil obter credibilidade entre os leigos e céticos. Quero conquistá-los, também. Ademais, aqueles que buscam o saber espiritual necessitam sentir-se seguros, a ler nossos livros. O mais importante é a essência da mensagem, contudo, preocupar-me em deixá-los sempre tranquilos com relação à credibilidade do conteúdo.

Hermes fez um gesto de concordância, enquanto pegava uma estrela-do-mar trazida pelas ondas. Ele beijou, então, o pequeno animal equinodermo e o devolveu ao seu habitat.

— Sim, eu sei, também penso assim. E sabes bem disso. Por isso queremos que um canal com os

— Já te disse para não me chamar de mestre. Mestre é o Cristo, entidade máxima de nosso mundo, que orientou-nos a trazer a mensagem do amor e da evolução, durante toda a história da Terra, independentemente de cultura, povo e época, e que temos em Jesus seu canal mais marcante no Ocidente.

Inclusive na Atlântida, o Cristo inspirou o grande Antúlio para trazer as verdades eternas à terra de Poseidon.

O sábio mestre ficou, então, em silêncio por alguns segundos, olhando profundamente em meus olhos, preparando-me para realizarmos um salto no tempo, depois prosseguiu:

— Preciso pedir-te mais uma vez, Radamés!

Aquela referência à minha personalidade de 3.300 anos atrás, época do faraó Akhenaton, fez-me viajar no tempo em pensamento, levando-me, mais uma vez, à terra dos faraós, em uma fração de segundo.

— Durante a confecção da trilogia sobre a implantação do monoteísmo na Terra, pedimos-te para narrar aqueles marcantes acontecimentos conforme tua Ótica, e isso causou importante empatia nos leitores. Como já te disse, tu tens o dom de transitar em todas as tribos. Tua narrativa foi tão envolvente que conseguiu despertar a atenção de muitas

nu em praça pública.

Hermes concordou, com um gesto, e depois falou com sabedoria:

— Sim! Tua história é muito bonita, é uma história de vitória. Não deves sentir vergonha de um passado de três mil anos e do próximo que irás narrar, de doze mil anos. Pensa em quantas pessoas se transformaram e transformarão por abrires teu coração e expor tuas vivências marcantes nesses importantes momentos da história da humanidade terrena. E tu achas que vi veste essas experiências por mero acaso? A mente divina já planejava, nesses longínquos períodos, utilizar-se, nos dias atuais, de tuas experiências, para despertar a humanidade, durante o período de transição para a Era de Aquário.

O grande mestre da espiritualidade fez uma breve pausa e depois prosseguiu:

— Além do mais, creio que esse livro resgatará definitivamente Arnach do mundo das trevas. Ele está a um passo da libertação total e já se prontificou a auxiliar-nos nesse trabalho. Tenho certeza de que isso será o detonador psíquico que falta para sua redenção.

Eu, então, lembrei-me de nossas lutas, durante todos esses séculos para libertar Arnach do mundo das

meira encarnação após chegar do exílio do sistema, de Capela, catapultou minha consciência para uma era ainda mais remota. Vi-me novamente na época de ouro da grandiosa Atlântida, ao lado da Grande Pirâmide, em seus anos de apogeu. Em meus olhos, vi luz e felicidade; e, ao meu lado, alguém muito especial...

Eu andei de um lado a outro, com as mãos na cintura, ofegante, demonstrando dúvida e insegurança, e perguntei a Hermes, mal contendo as lágrimas:

— Eu tenho saudade de Isetnefret. Onde está Crystal? Faz um ano que sinto sua presença, velando meus passos, no entanto, não a vejo mais. Desde o lançamento do livro *Universalismo Crístico*, momento em que se intensificaram os ataques das sombras, não consigo vê-la. Sei que ela está me protegendo e amparando, mas sinto muito sua falta. Foi lá na Atlântida que nos separamos, foi lá que surgiu esse abismo entre nossas almas.

Fiquei em silêncio por um breve momento e depois falei, já mais calmo:

— Talvez seja bom lembrar e assim libertar-me desse bloqueio inconsciente. Sinto que ainda não superei tudo o que aconteceu na Grande Ilha.

Hermes cruzou os braços sobre o peito

minha cabeça com as duas mãos e beijou-me a testa. Olhei em seus olhos e percebi um sentimento de imensa compaixão por todos os dramas que vivi no transcorrer desses séculos sem fim.

Ele estava de costas para o mar e de frente para mim. E assim ficou por alguns segundos, mirando-me e irradiando grande sentimento de amor à minha instável alma, até que se desmaterializou totalmente.

Naquele mesmo instante, pelo espectro de meu grande mestre, que se esvaía gradualmente, pude ver Crystal aproximando-se, caminhando lentamente sobre as águas do mar. Ela trajava um deslumbrante vestido longo violeta, que combinava perfeitamente com seus olhos, de mesmo tom. Seus cabelos ruivos, meio ondulados, soltos até a altura dos ombros, presos apenas por uma tiara de cristais luminosos, brilhavam, irradiando uma energia violeta vigorosa, a energia da transmutação!

Sua pele clara, angelical, e o sorriso que emoldurava seu rosto, de traços delicados, levaram-me às lágrimas. Fiquei estático. Era a personificação de uma verdadeira fada. Só pude estender-lhe os braços, enquanto aguardava sua aproximação.

Ela, então, achegou-se lentamente e beijou-me o rosto. Em

compromisso e sempre tiveste grandeza para assimilar os revezes da vida com dignidade. Tu és uma mulher de valor, alguém que deve ser exemplo para nossa humanidade tão perdida em sua caminhada. Em vez de revidar minhas fraquezas com ódio e rancor, foste grandiosa, ergueste-me das sombras, com tua nobreza de caráter. Quando achei que não poderia mais voar, tu me ajudaste a curar minhas asas; quando pensei que não conseguiria mais respirar, tu abriste meus lábios e me salvaste.

Eu, então, beijei as mãos delicadas daquela que havia sido minha esposa Isetnefret, no Egito de Akhenaton, e disse-lhe:

— Obrigado por me amar, apesar de todos os infortúnios que aconteceram em nossa longa jornada, desde Capela.

Ela não conteve as lágrimas e me abraçou, para esconder seus olhos, que deixavam correr o bálsamo da alma. Eu, então, respirei fundo e continuei:

— Hermes quer que eu seja narrador, novamente, assim como na trilogia *Akhenaton, Moisés 1 e Moisés 2*. Ele reforçou a importância disso pela questão da empatia. No entanto, cometi erros marcantes naqueles longínquos anos que ainda vivem em minha memória. Tudo começou

é difícil teres uma vida que te pertença.
Tu és do mundo. Tu
és do Cristo, tua vida não te pertence.
Compreenda isso! Siga
cumprindo teu destino. Nem tenho como
explicar-te o que re-
ceberás, quando retornares em definitivo
para o Mundo Maior.

Ela, então, percebeu a leveza de minha
alma, nutrida por
aquelas maravilhosas emoções, e disse-me,
com um magnetis-
mo que não é desse mundo e com um
olhar igualmente mágico:

— Vem, caminhemos pela praia.

A cada passo que eu dava, sentia meus
pés flutuarem sobre
a areia molhada. Minha alma estava leve
como há muito não
acontecera. A vida realmente é uma grande
gangorra, com seus
altos e baixos. Temos que ser fortes nos
momentos de dor e tris-
teza, porque assim venceremos.

Nós podemos vencer sempre, jamais
devemos desistir da
vida. E aquele que vence encontra uma
felicidade que vale po-
mil existências. Basta ter paciência e
trabalhar por sua recons-
trução interior.

Inebriado pela mais absoluta felicidade,
pedi, então, para
andar com a bela fada de mãos dadas. Ela
sorriu e disse-me:

— Tu continuas carente, meu
querido.

Eu ri como uma criança e respondi:

No verdade, sempre fui mais um

levou-te à caminhada tortuosa de que agora tu recuperas. Será bom tu narrares conforme tua ótica. Hermes tem razão... Hermes sempre tem razão... Isso te ajudará a quebrar bloqueios que estão nas regiões mais profundas de teu inconsciente. Será como uma salutar terapia de regressão a vidas passadas, que permitirá a ti dar um grande salto na expansão de tua consciência. Compreenderás melhor o mundo e os homens e assim te tornarás mais habilitado para cumprir tua missão na Terra.

Eu concordei com um significativo olhar e disse:

— Aceito o desafio! Contigo ao meu lado, vencerei mais essa etapa. Tenho confiança em ti. Tu és grandiosa, porque nada te impede de ver o lado bom das coisas e das pessoas. Tu és uma mulher muito especial, realmente rara neste mundo. Ao lado de um grande homem deve existir sempre uma grande mulher. Sou feliz por ter tido a honra de ter sido teu esposo em mais de uma oportunidade. Talvez eu seja abençoado por Deus ainda nessa existência para encontrar uma mulher que tenha tanta nobreza de caráter quanto tu. Caso contrário, caminharei só. Acima de tudo deve estar o ideal, pois, como tu mesmo disseste, minha vida não é minha! Não estou aqui para

decidiu abandonar a migração para um mundo superior com os atlantes da fase de ouro do continente perdido.

Ela segurou minha mão e falou:

— Nosso lar é onde está nosso coração. Somos cidadãos do Universo. As experiências nas escolas planetárias são apenas momentos efêmeros diante de nossa vida eterna. Tríade, no sistema de Capela, foi nosso lar, mas agora a Terra, o planeta azul, é quem reclama nossa atenção. E é aqui que devemos viver, até que o Criador nos convoque a outras paragens nesse céu infinito, para trabalhar em Seu augustíssimo nome.

Concordei com um simples gesto e a abracei mais uma vez. Ela repousou a cabeça em meu peito, e ficamos balançando por alguns segundos, aproveitando aquele momento mágico de reencontro, como se estivéssemos dançando ao som de uma doce música. Sussurrei, então, em seu ouvido:

— Só sinto paz ao teu lado, confiança, carinho verdadeiro... Lamento por todos os meus erros. Sou um autêntico Capelino, pois "mordi a maçã do pecado e perdi o paraíso" por duas vezes, tanto em meu exílio de Capela quanto em minha primeira encarnação nesse mundo, na Atlântida, quando escapou de minhas mãos a oportunidade de viver o paraíso na Terra ao teu

do norte da África, porque, na América, o Sol nasce no mar, e não o contrário.

Crystal sorriu com minha perspicácia e esclareceu-me:

— Estamos em Buena Vista Del Norte, uma das praias de Tenerife, que compõem o arquipélago das Ilhas Canárias, o principal ponto de ligação da “Atlântida Europeia” com o mundo antigo. Aqui neste ponto encontrava-se o “portal dimensional europeu” entre nossa Atlântida e o mundo comum. Deste local uma civilização superior saía para educar

1 1 Neste trabalho utilizaremos o termo “Atlântida Oriental ou Europeia” para designar o lado do continente próximo a Europa (ilhas Canárias) e “Atlântida Ocidental ou Americana” para o lado da América, na região da Flórida e das ilhas do Caribe. No “Reino da Luz”, quando os habitantes de Poseidon se amavam e eram um povo só (apesar das duas raças), não havia

Exílio de Capela

As duas luas no céu de Tríade, naquela noite, estavam estranhamente indagadoras. Pareciam perguntar-me se eu estava satisfeito com o plantio que havia realizado. Sim! Elas riam de minha desgraça, puniam-me por meu fracasso espiritual.

Em nossas lendas, esses dois satélites naturais de nosso mundo representavam o anjo bom e o mau. A lua mais distante, com tonalidade azul, representava o bem, ou seja, os bons valores da alma. Já a mais próxima e maior, a que tinha matiz avermelhado, representava os caprichos inferiores do homem.

Enquanto eu aguardava o retomo de minha esposa, fiquei meditando sobre aquela situação. Sempre ouvíamos da boca dos profetas os diversos alertas sobre a chegada do “fim dos tempos”

Sabíamos que seria um desterro para um mundo rudimentar, muito distante da tecnologia e do conforto que já havíamos conquistado, e isso era o que mais me irritava. Eu e muitos dos que seriam exilados haviam auxiliado, com muito suor, a conquistar os avanços de nosso mundo, porém, tínhamos desprezado os valores da alma. Agora éramos tratados como intrusos no próprio paraíso que ajudáramos a construir. Onde estava a justiça divina, que desconsiderava nosso espírito de pesquisa e trabalho? Muitos que seriam eleitos para ficar naquele mundo moderno pouco tinham contribuído, e nós, que tanto fizemos, seríamos expulsos, na categoria de criaturas indesejáveis para o progresso futuro. Que os ditos eleitos fossem, então, expurgados para o mundo primitivo, já que não faziam tanta questão das conquistas tecnológicas ali obtidas. Se a moral lhes era mais importante que o conforto, eles que mudassem para o “mundo das cavernas”, que havia sido destinado a nós, e lá vivem dentro de sua retidão e moral irretocável.

Todos esses pensamentos invadiam minha mente confusa, enquanto eu olhava para uma das crateras da lua vermelha, muito mais próxima de nosso planeta do que a Terra.

uma nova jornada no planeta de exílio e que não intercederá para evitar nossa partida.

Eu me irritei e chutei a cadeira que estava à minha frente e, depois de resmungar alguns improperios, falei, com indignação e raiva incontidas:

— Teu pai é um maldito! Como pode negar asilo à própria filha?

Evelyn me olhou com tristeza e apenas respondeu:

— Por diversas vezes, meu pai nos alertou no passado, no entanto, estávamos surdos para a verdade. Ele falou que precisamos aprender uma lição de humildade e respeito aos semelhantes. Acredito que ele tenha razão. Andrey, vamos assumir a responsabilidade por nossos erros. Terminamos nos deslumbrando com o que a ciência nos proporcionou e desprezamos os valores da alma. Analise-se, meu amor, e verá que esquecemos gravemente de respeitar e amar nossos semelhantes. A ambição e a cobiça dominaram nossas almas, de forma sorradeira, e nem percebemos. Agora compreendo, os anos que vivi longe de meu pai me levaram a esse distanciamento dos sagrados valores espirituais. Ele disse, inclusive, que não me reconhece mais e que deixei de ser a filha amorosa e querida, razão de seu maior

que descobriam, pouco a pouco, que seus dias em nosso mundo estavam contados. Choro e ranger de dentes! A mesma fórmula que Jesus preceituara à humanidade terrena milhares de anos depois, para aqueles que virassem as costas para o código moral de evolução espiritual de seu mundo.

O mecanismo de evolução espiritual é único em todo o Universo. As escolas planetárias evoluem, e os alunos que negligenciam essa evolução devem ser apartados para mundos de aprendizado inferior. Assim é o plano divino.

Nós, capelinos, havíamos mordido a maçã do pecado e estávamos perdendo o paraíso. Em breve, chegaríamos à Terra para civilizá-la. A raça dita “adâmica” estava a poucos momentos de sua transmigração de Capela para a Terra. Foi com nossa chegada que a humanidade criou a lenda de Adão e Eva, pois mordemos a maçã do pecado e perdemos o paraíso. Isso ficaria gravado em nosso inconsciente por vários milênios.

Em seguida, olhei para meu punho e percebi que, naquele momento, a marca do exílio estava em alto relevo, o símbolo universal que identifica os reprovados nos processos de seleção evolutiva nos infinitos mundos habitados no Universo.

luz; outras, em treyas.

— Sim, é inútil lutar! Nossa alienação com relação aos valores maiores da vida fez com que perdêssemos o importante convite para prosseguirmos com as conquistas deste mundo. Entretanto, outros desafios surgirão no mundo primitivo que nos servirá de escola.

Eu sacudi a cabeça, com as mãos paradas na cintura, e concluí:

— Não consigo compreender como deixamos isso acontecer. Tínhamos todo o conhecimento e a sabedoria para evitar essa falência em nossa caminhada. Parece que fomos hipnotizados por nossa própria ambição e arrogância.

Evelyn acariciou meu rosto e disse:

— Tínhamos imenso conhecimento, porém pouca sabedoria. Mas meu pai falou que adentraremos nesse novo mundo em uma condição privilegiada. Em virtude de nossos avançados conhecimentos científicos e por sermos almas portadoras de erros brandos, encarnaremos no mundo físico na região mais avançada do planeta. Esse continente chama-se terra de Poseidon e se encontra em uma dimensão intermediária, entre o físico e o espiritual, apenas um nível acima do mundo tridimensional dessa escola planetária. Lá teremos uma

Um brilho surgiu nos olhos de minha adorada esposa. Ela sorriu, então, e falou, com alegria:

— Sim, vamos transformar esse fel em licor divino. Aquele que só vê espinhos em uma rosa perde importante oportunidade de crescimento.

Assim, nos dias seguintes, visitamos locais que marcaram nossa jornada evolutiva em Triade, relembrando os bons momentos de nossa vida juntos. Éramos um casal que se divertia verdadeiramente. Dessa forma, divertimo-nos muito, enquanto o desespero tomava conta daqueles que percebiam a enigmática marca em seus pulsos. Tínhamos um ao outro, e isso bastava para vencer aquele momento difícil.

Em alguns momentos, passeávamos pelos parques deslumbrantes de nosso mundo, onde era possível desfrutar de uma beleza natural incomparável com a da Terra: belas árvores, flores lindíssimas, pássaros de beleza desconcertante. Tudo isso compunha uma paisagem inesquecível, enriquecida pelo conforto e a alta qualidade de vida propiciada pelo avanço tecnológico, até então obtido.

Em Triade, simplesmente não havia necessidade alguma de trabalho mecânico ou manual. Tudo era realizado pelas máquinas construídas e controladas com

de um reflexo instintivo em busca da
proteção e do amparo
de uma força maior. As almas sublimadas,
que já se tornaram
eleitas a uma vivência superior, libertas
das rodas cárnicas, não
se esquecem de Deus quando superam as
dificuldades da vida;
na verdade, elas passam a trabalhar mais
intensamente pela
obra do Senhor dos mundos. A maior das
provações não está
na pobreza e na doença, mas sim na
riqueza e no poder. E essa
é a prova coletiva por que nosso mundo
agora está passando.

Eu abaixei, então, a cabeça, vencido
pela explicação lógica
de minha esposa, e chorei.

— Chore, meu amor! — disse-me
Evelyn. Lave tua alma
para melhor compreender os erros do
passado. Eu tenho feito
isso todos os dias, desde que soube de
nosso exílio. Quero marcar
esse ensinamento em minha alma de
forma definitiva, para
jamais cometer esse equívoco novamente.

Procurei agir como ela e, em nosso
último dia em Triade,
tomei uma iniciativa que levou minha
esposa às lágrimas de
felicidade. Decidi me despedir de seu pai
de forma carinhosa e
sem ressentimentos. Nas últimas semanas,
eu o estava culpando
por não nos ajudar a evitar o exílio, mas
havia me decidido a
enfrentar esse destino com outros olhos.

servar a aproximação daquela terrível bola de fogo, que parecia hipnotizar-nos.

O imenso asteroide cruzou os céus de nosso planeta, entrando em choque com a atmosfera, causando um assustador espetáculo de cores e sons. O estrondo era ensurdecedor e lembrava o rugido de um leão ansioso por atacar suas vítimas. Apertei a mão de Evelyn, demonstrando-lhe segurança. Ela olhou para mim de forma serena, com um sorriso amável emoldurando seu belo rosto.

Em poucos minutos foi possível ver as almas já desencarnadas sendo atraídas, de forma incontrolável, pelo estranho objeto nos céus. As almas despreparadas de Tríade gritavam desesperadas de medo, acreditando-se condenadas a um inferno eterno ou, então, ao aniquilamento. Não demorou muito para os exilados que ainda viviam na esfera física, assim como nós, serem despregados de seus corpos, sofrendo aquela atração ir-reprimível.

Ao contrário do que está acontecendo na Terra atualmente, a passagem do astro intruso no céu promoveu instantaneamente o desenlace físico de todos os exilados, que foram carregados de uma única vez para seu novo mundo: a Terra atual.

possuir vida própria. Era um verdadeiro monstro executor! A sensação era de uma pressão atrativa insuportável e, ao mesmo tempo, de um calor que parecia queimar-nos a pele.

Respirávamos rapidamente, por diversos minutos, por causa da ansiedade incontornável e também para tentar, inconscientemente, controlar aquele fogo que parecia nos consumir.

E, como se uma morte não fosse o bastante, sofremos uma segunda. Para atravessarmos o portal dimensional, simbolizado pelo astro intruso, foi necessário nos desfazermos não só do corpo físico, mas também do perispiritual. O perispírito é o corpo intermediário que liga o espírito ao corpo físico. E também um veículo de manifestação mais sutil, do qual o espírito se utiliza em sua vida espiritual, quando está vivendo fora da dimensão humana.

A migração para o planeta Terra exigia que nos despojássemos de todos os corpos elaborados a partir do sistema astral e biológico dos mundos regidos pela estrela de Capela. A viagem do exilados realizar-se-ia tão somente com a alma, que pode se deslocar na velocidade do pensamento.

Depois de alguns momentos de atordoamento, quando em nenhum instante soltei a mão de Evelyn, conseguimos perceber

Um novo e pavoroso estrondo se seguiu e, repentinamente, abandonamos o asteróide, que era apenas um portal interdimensional. Fomos todos transmigrados de Capela para o Sistema Solar, na Órbita do terceiro planeta: a Terra. Tudo isso foi realizado em apenas alguns poucos segundos, na velocidade do pensamento. Todo o processo foi conduzido por espíritos da ordem dos arcanjos, seres de evolução muito superior à compreensão humana, responsáveis pela administração sideral dos dois sistemas estelares envolvidos: Capela e Solar. Eles mantinham-se serenos e nos olhavam com imenso amor e respeito. Isso tranquilizou-nos. Além do mais, percebíamos neles absoluto controle da situação. Nada poderia dar errado.

Ao adentrarmos na atmosfera terrestre, imediatamente fomos recompondo nossos corpos perispirituais com os elementos astrais e biológicos da Terra. O choque foi dantesco! Para traçarmos um perfil comparativo, foi algo semelhante a estar acostumado a beber água pura em Triade e ter de beber água lamacenta e contaminada na Terra. A medida que nossos corpos eram reconstruídos com a energia astral do planeta azul, sentíamos um fogo queimar-nos por dentro: um

Boa parte dos capelinos que ingressaram na esfera primária da Terra, quando reencarnaram pela primeira vez, sofreu deformidades físicas, e distúrbios psicológicos gravíssimos, em decorrência de os veículos de manifestação física da Terra (corpos físicos) serem muito primitivos em comparação com os de nosso antigo mundo. Era algo semelhante a pilotos de Fórmula 1 terem de dirigir carros velhos, verdadeiramente arruinados.

Em virtude disso, os Capelinos que viriam a reencarnar em meio aos atlantes tiveram um processo de adaptação bem mais brando. A Atlântida, na verdade, não fazia parte do processo geológico da Terra da terceira dimensão, era como um reino semimaterial, que pairava em meio ao Oceano Atlântico. Ela poderia ser vista pelos homens comuns dos demais continentes que se aventuravam pelos mares, mas muitos não a percebiam, por ela estar em uma frequência superior ao alcance dessas almas primárias.

Muitas das lendas sobre discos voadores e seres alados dos povos antigos nada mais eram do que visitas dos avançados atlantes, realizadas a esses povos, para auxiliá-los em sua caminhada rumo ao progresso.

No transcorrer deste obra, relatarei o

Em resumo: a Atlântida vivia em uma frequência superior, foi se materializando na dimensão física, à medida que sua humanidade foi baixando a vibração espiritual, conforme explicaremos no transcórre deste livro.

Para ser ainda mais claro, o mundo atlante era como os reinos mitológicos das fadas, elfos, duendes etc., um mundo à parte, superior, envolto em mistério, inacessível ao homem comum. Ele tinha como missão promover sua evolução e educar os povos primários do restante da Terra. Essa seria, agora, nossa tarefa no novo mundo em que estávamos prestes a viver. Não existe um reino de Deus e um reino do homem; o que chamamos de matéria é apenas a porção visível do espírito.

Essa sintonia harmônica de Atlântida com as frequências sutis superiores é que nos permitiu dominarmos plenamente a energia Vril e viver em uma dimensão superior à do restante da Terra. A elevação da vibração espiritual da Terra, pela ação das gerações futuras, fará a humanidade terrena voltar, no futuro, a dominar essa avançada tecnologia, digna somente de uma humanidade que compreende os sagrados objetivos da vida: amor e evolução.

Essa condição especial de Atlântida é um dos motivos pelos

A grande energia não era percebida com os limitados sentidos físicos. Era necessário penetrar em uma frequência mais sutil para percebê-la, e somente essas raras almas poderiam manipular essa força, de acordo com suas respectivas capacidades; uns mais, outros menos.

Os quatro elementos eram apenas uma representação simbólica dos diversos estados da matéria. Os atlantes conheciam detalhadamente todas as combinações que compõem os elementos químicos; compreendiam o comportamento dos átomos e das moléculas formadas e o porquê de certos átomos serem extremamente reativos, enquanto outros são praticamente inertes. Conheciam também com profundidade propriedade como eletronegatividade, raio iônico, energia de ionização etc.

Usando o Vril eles realizavam também fantásticas metamorfoses de um elemento em outro, inclusive os que não possuem correspondência. A tão sonhada conquista da pedra filosofal, a metamorfose do cobre em ouro era algo facilmente obtido nas indústrias de Atlântida, que manufacturavam produtos sem gerar detritos. Era possível elaborar qualquer coisa por meio de qualquer elemento, inclusive o barro e até mesmo o

pios. Os atlantes não adoravam imagens. Com a chegada dos capelinos, essa prática começou a ser instituída, durante o triste período da decadência.

A energia Vril permitia, também, a criação de veículos não poluentes. Por meio da inversão do eixo gravitacional, os automóveis locomoviam-se sem rodas, flutuando a dez centímetros do chão. A movimentação em todas as direções e a diferença de velocidade era comandada por mudanças na inclinação desse eixo. Os veículos também podiam subir e deslocar-se a dezenas de metros do solo.

Mas voltemos à nossa narrativa. Abordaremos mais detalhadamente esse fascinante tema no transcorrer deste relato,

Depois desse período de adaptação, fomos, então, informados de que nossa “descida” para a vida humana estava próxima e que já era hora de conhecermos nossos futuros pais. Eles estariam presentes em uma reunião emergencial dos mestres atlantes na Grande Pirâmide, no templo do “quinto elemento”, o fabuloso Vril!

Na dimensão astral, fomos convidados a presenciar o momento em que os atlantes foram informados da chegada dos capelinos em seu mundo de paz, amor e evolução. Foi inevitável

luíam o perfeito corpo físico que recebíamos geneticamente de nossos pais, causando doenças que não faziam parte da vida em Atlântida. No mundo primitivo da Terra, isso passou a ocorrer de forma ainda mais preocupante.

Enquanto caminhávamos deslumbrados pelo interior da Grande Pirâmide, observávamos as paredes em cristal branco, que pareciam ter vida própria. Era possível ouvir sons sutis das correntes de Vril a percorrer aquela cadeia de transmissão energética. Os cristais brancos de quartzo sempre foram os mais perfeitos catalisadores do Vril.

Desde aquele dia, sempre senti que a presença de Deus morava dentro da Grande Pirâmide de forma especial. Parecia que, no reflexo das paredes, o olhar do Onipresente vigiava tudo e nós, sempre permitindo-nos seguir nosso livre-arbítrio, porém demonstrando sutilmente alegria em nossas decisões acertadas e tristeza em nossos equívocos.

E impressionante imaginar como os atlantes atingiram tal desenvolvimento há doze mil anos, época em que o homem moderno acredita que existiam somente sociedades tribais. Era realmente assim no restante do globo, talvez com uma ou outra exceção, como os povos das atuais China e Índia que já come-

sadas. Era necessário apenas conduzir as pedras colossais aos locais apropriados, após serem lapidadas por meio de avançada tecnologia, semelhante ao laser moderno. Os atlantes jamais lutavam contra a gravidade, resolviam o problema utilizando essa força a seu favor.

Os primeiros egípcios, que ainda dominavam parcialmente o Vril, construíram as pirâmides e a esfinge de Gizé utilizando essa mesma tecnologia. Somente Vril poderia erguer monólitos com duas toneladas, sem utilizar resistentes roldanas e guindastes.

Hoje em dia, os arqueólogos procuram mil explicações. Algumas muito absurdas, como a construção de uma rampa circular até o topo das pirâmides egípcias, para conduzir os pesados blocos. Qual rampa resistiria a tal peso? Diversas teorias insensatas são levantadas simplesmente pela dificuldade da ciência atual em abandonar seus limitados paradigmas de compreensão; comportamento este que tem atrasado a evolução tecnológica e espiritual da Terra de forma preocupante.

Outros povos descendentes dos atlantes, como os habitantes da Ilha de Páscoa e os sumérios também utilizaram essa fantástica energia para erguer suas construções monumentais.

gregos, egípcios e, posteriormente, os romanos.

Outro exemplo da presença atlante no resto do mundo é a construção de pirâmides por todos os povos antigos do planeta, sendo que no Egito tivemos as mais impressionantes demonstrações dessa cultura. A Atlântida era um continente repleto desses fabulosos “catalisadores energéticos”, que eram construídos usando as mais belas pedras, desde o granito até o asfalto negro. Na capital Poseidon, como já relatamos, encontramos a mais colossal dessas construções: a “Grande Pirâmide”, quatro vezes maior que a pirâmide de Keops, no Egito, composta de blocos de cristal branco, que, depois, foram fusionados, tornando-se uma única peça. Essa Grande Pirâmide, hoje submersa nas profundezas do mar, está localizada exatamente na região conhecida como Triângulo das Bermudas, gerando uma espécie de energia magneto-espiritual, que desencadeia os fenômenos já conhecidos, como o desaparecimento de barcos e a rotineira alteração da leitura dos instrumentos de navegação.

Os atlantes dominavam também a tecnologia da informação, por meio de cristais de quartzo manipulados pela energia

Veil O avanço na área da informática foi

associadas à ciência e às demais áreas do conhecimento humano e espiritual. Era impossível falar de qualquer assunto sem envolver a causa primária da vida, que é a realidade espiritual.

Por esse motivo, os grandes mestres haviam convocado aquela reunião para ser realizada no interior da Grande Pirâmide e lá ouvir as orientações do mundo maior.

Eu e Evelyn aguardamos, ansiosos, o início daquela imprevista assembleia. Era possível perceber, entre os veneráveis anciãos de Atlântida, uma grande apreensão.

Sentados, lado a lado, bem juntinhos e de mãos dadas, apenas acompanhávamos, com olhares curiosos, a movimentação da chegada daqueles espíritos elevados. Além da apreensão natural pelos acontecimentos que se desenrolavam, ainda estávamos ansiosos para conhecer nossos futuros genitores.

Todos os sacerdotes da Grande Energia haviam sido chamados, em decorrência de uma tragédia ocorrida em Poseidon, fato inimaginável naquela época. Um jovem de dezesseis anos havia causado a morte intencional de duas pessoas, por meio da manipulação maléfica do Vril.

Evelyn apertou minha mão e sussurrou em meu ouvido:

grupo a reencarnar em Atlântida, já havia sucumbido ao caldeirão de emoções descontroladas, algo típico em consciências que ainda estão em desarmonia com o grande plano do Senhor dos mundos. Ele desenvolveu uma técnica de utilização da energia Vril que permitia matar pessoas a distância, por asfixia. Após desentender-se com seus colegas de estudo, ele havia realizado o crime absurdo para testar seu invento. O rapaz havia sido preso em uma sala de isolamento mental, pois poderia comandar a energia Vril mentalmente e cometer novos crimes para libertar-se.

Os atlantes estavam chocados. Jamais pensaram na utilização da poderosa energia para a prática do mal; não mais assim, de forma quase incontrolável, caso o rapaz não fosse encarcerado.

Poucos minutos depois do amplo debate sobre o tema, sumo sacerdote do templo dirigiu-se com passos lentos ao grande altar e disse-nos:

— O que dizer, meus irmãos? Estou tão estupefato quanto todos aqui presentes. Compreendendo minha incapacidade para solucionar esse problema, orei ao Grande Espírito e pedi-lhe esclarecimentos para nos orientar na busca pela solução que traga paz à nossa sociedade.

evolutivas para o crescimento dos filhos de Deus. Os habitantes da Ilha de Poseidon atingiram patamar superior ao programado por nosso planeta Terra. Justo se faz que os irmãos aprovados para uma vivência superior migrem para uma dimensão ou para um mundo de ordem mais elevada. E, seguindo a orientação do Criador, já migraram para a Terra espíritos exilados do Sistema de Capela, na Constelação do Cocheiro, almas rebeldes que necessitaram ser afastadas do processo de aperfeiçoamento daquele mundo para não prejudicar as almas sinceras que desejam crescer conforme o processo de evolução traçado naquela escola divina. Os exilados de Capela já se encontram em vosso meio, reencarnando sistematicamente e concretizando o processo de transição planetária, onde novas comunidades são inseridas ou apartadas nos diversos mundos do Universo. No período de um século, esses irmãos em estágio evolutivo inferior reencarnarão gradualmente, à medida que os atuais habitantes da Grande Ilha ascenderão a um mundo superior, após seu desenlace da matéria. Essa transformação mudará o cenário de vosso mundo, determinando uma decadência no nível espiritual de seus habitantes. Esperamos que esses irmãos rebeldes se

Terra, mas conto com vossa colaboração, meus irmãos, para educar os rebeldes e mostrar-lhes o caminho do amor. Única fonte de edificação espiritual para alcançarmos a evolução até os braços de Deus. Por isso peço-vos que essa última encarnação em que vivereis na Terra seja dedicada ao auxílio espiritual aos irmãos capelinos. Suportem com amor e paciência as “crianças espirituais” que o Pai nos envia para educarmos. Espero ter-vos esclarecido, meus amados irmãos. Ficai com a luz de Deus!

Naquele instante, a tela de cristal voltou a ficar opaca e depois se tomou um espelho perfeito, ao mesmo tempo em que todos os atlantes ali reunidos trocavam ideias sobre as informações recebidas.

Nesse instante, um de nossos principais instrutores, desde que chegamos à Terra, chamou-nos para acompanharmos a conversa de um grupo de jovens. Ficamos deslumbrados com a beleza daqueles seres que irradiavam energia pura e agradável.

Sem demora, nosso nobre instrutor aproximou-me de um jovem casal à nossa frente e falou:

— Andrey, eis teus futuros pais.

Ele apontou para um homem alto, com olhar carinhoso e sonhador, e falou:

Essa é Atônia, sacerdotisa do

Concordamos como duas crianças assustadas. E, no momento em que o orientador estava se afastando, resolvi perguntar-lhe por que havíamos sido escolhidos para ter pais assim tão especiais.

Ele me olhou de forma significativa e disse:

— Vocês possuem grande conhecimento sobre o Vril e o manipulam de forma impressionante. Escolhemos esses jovens casais para serem seus pais por dois motivos: primeiro, para que juntos possam explorar todo o potencial de suas energias criadoras pelo bem da Terra; e, segundo, para que vocês possam ter uma infância segura, em meio a pais que lhes deem carinho e boa formação moral.

Ele me mostrou a cabeça e concluiu:

— O poder é algo muito perigoso e cobiçado e ele pode corromper! Admiramos o poder de suas mentes, mas também temos receio do que esse poder pode ocasionar a almas instáveis como as suas.

Ele se despediu e foi dedicar-se a outros assuntos, enquanto eu e Evelyn ficamos pensativos. Minha bela esposa olhou, então, para suas mãos e disse-me, com indisfarçável preocupação:

— André, por que ele nos disse isso? Será que ele crê que usaremos o Vril para o mal? Terá visto

Se imaginássemos que nos tempos atuais, doze mil anos após, os homens ainda estariam se matando, promovendo guerras estúpidas e vivendo em pleno atraso espiritual, acho que todos ficaríamos chocados com a falta de perseverança no bem desses irmãos que ingressavam no plano evolutivo da Terra, naqueles longínquos dias.

Após debaterem por algum tempo, ele perceberam que Nasser estava calado, meditativo. Os demais amigos chamaram sua atenção para a conversa do grupo, e ele disse, em tom solitário.

— Irmãos, todas as teses são corretas e possíveis, mas devemos pensar na possibilidade de os capelinos não se adaptarem à frequência elevada de nosso mundo. Vejam bem, todo o conhecimento e avanço de nossa civilização perder-se-ão, pois o continente terá de ser destruído! Para evitar isso, poderíamos levar a outras terras um conhecimento básico, inofensivo, com o objetivo de civilizar o resto do planeta e assim promover o avanço dos capelinos no mundo primevo, caso se confirme a destruição da Grande Ilha e de seu legado de amor e sabedoria.

Todos concordaram com as palavras de Nasser.

Crista então falou preocupada:

rebelem, não possuirão conhecimento tão avançado que venha prejudicar as novas terras em que viverão.

Atônis sorriu e disse, com seu estilo brando e amigável:

— Concordo com a ideia, apesar de achar que essa fuga para outras terras não será necessária. Mas qual será o pensamento dos planos superiores sobre essa ideia? Será que eles desejam que o conhecimento atlante siga para terras primitivas?

Naquele instante, surgiu do nada uma luz cristalina, e materializou-se entre eles um espírito sublime que disse:

— A inspiração divina está em vossos corações. Essa é a vontade dos planos superiores! Iniciais aprendizes que demonstrem o coração puro, mas dentro dos limites que eles deverão conhecer, para que não prejudiquem o restante do globo. A energia Vril, elemento de discórdia entre almas primárias, deve ser conhecida somente em sua mais simples aplicação. Nós estaremos unidos ao vosso projeto e trabalhando com afinco para que ele se realize!

Logo após, o espírito de luz se desmaterializou diante de

Capítulo 2

Ano novo solar

A manhã estava belíssima e, apresentando um céu azul espetacular, brindava-nos com sua beleza, enquanto magníficos raios solares surgiam no horizonte, para abençoar a vegetação exuberante da Atlântida Ocidental.

A capital Poseidonis estava em festa. Era o dia de reverenciarmos o começo de mais um ano, entendido como o início de um novo dia, no momento em que o Astro-Rei despontava no horizonte, que não ocorre nos dias atuais. O ano iniciava com o primeiro raio de Sol do primeiro dia da primavera. Éramos um povo essencialmente solar.

Sempre de mãos dadas com Evelyn, eu observava, pela janela de nosso veículo de deslocamento aéreo, a beleza das aves, sobrevoando, elegantes, as frondosas árvores que contornavam o colina do principal templo do Sol de toda

cidade por nos batizar em nosso início de carreira.

Eu concordei com um gesto sereno e falei, enquanto acariciava sua pequena mão:

— Lembro-me, também. Atônis queria que eu fosse um sacerdote do Sol, como ele, mas minha vocação para o Vril era indiscutível. Tua mãe, querida, a nobre Artemis, nem precisou convencê-lo disso. Minha vocação para a ciência era indiscutível. Não herdei a tendência de meus pais para a filosofia espiritual.

Em Atlântida, a ciência, a arte, a filosofia e a refigião eram entendidas como provenientes de uma única fonte: Deus; portanto, todos os que se dedicassem a essas áreas eram considerados sacerdotes.

Nós rimos das agradáveis lembranças de nossa adolescência, enquanto desfrutávamos da bela vista aérea. Agora, já éramos jovens independentes, e, em breve, nosso casamento seria oficializado.

Hoje, relembro aqueles dias e mesmo considerando que éramos exilados de um mundo superior, em Capela, percebo o quanto fomos privilegiados. Creio que, de todas as encarnações que vivi na Terra, essa foi a que me proporcionou as melhores condições em todas as situações.

reços dourados; sandálias em estilo semelhante ao grego, quase sempre da mesma cor dourada; seus colares solares também eram muito marcantes, sem contar o adorno na cabeça, que se assemelhava a uma coroa de ouro. Eu vestia uma roupa justa ao corpo, calças e blusas semelhantes às vestimentas atuais, porém mais confortáveis, sempre da cor bege e com o poderoso símbolo do Vril no peito. Nos momentos de lazer, usávamos vestes informais, mas a trabalho e em grandes celebrações vestíamos roupas que identificavam nossas atividades dentro da grande sociedade atlante.

Assim como meu pai, eu era alto, tinha dois metros. Em Poseidon, raros homens mediam menos de um metro e noventa centímetros de altura; e o tamanho médio dos homens era igual ao meu. Já as mulheres mediam em geral um metro e oitenta centímetros.

Os atlantes do lado ocidental da ilha apresentavam predominantemente pele clara. Eu tinha a tez branca e possuía longos cabelos, bem lisos e louros; minha pele era absolutamente sem manchas e rugas; e meus olhos, de um azul brilhante, da cor do céu. Desde muito jovem, eles eram profundamente penetrantes.

gante, que representava a alegria da vida; tudo nela era mágico ao meu olhar. Dormir cheirando seus cabelos, para mim, era o paraiso na Terra. Sempre, antes de deitarmos, eu beijava seus olhos e agradecia a Deus por estarmos juntos.

Sim, formávamos um lindo casal! O que mais dois rebeldes exilados de Capela poderiam desejar? Nada. Eramos plenamente abençoados.

Além de toda a beleza natural que herdamos de nossos pais, ainda nos destacávamos pelo porte nobre e pelo poderoso título que ostentávamos: sacerdotes do Vril. Isso nos alçava a uma categoria especial dentro de nossa sociedade. Apesar de vivermos em um sistema fundamentado na mais absoluta igualdade, nossa condição incomum nos rendia convites especiais. Éramos admirados e respeitados por toda a comunidade atlante, ainda mais por sermos filhos de nobres cidadãos que exerciam elevados cargos de âmbito nacional.

Os pais de Evelyn eram muito destacados. A bela e nobre Artemis era vista como uma das principais sacerdotisas do Vril, de todos os tempos. Alguns diziam que não havia registro de uma mulher que dominasse o quinto elemento de forma tão abrangente em toda a história da

de criança, sempre achei as costas da colina do sol um dos locais mais belos de nossa terra. O tumulto da cerimônia, hoje, será desgastante. Vamos relaxar um pouco, antes do evento.

Ela concordou e, então, com apenas um olhar, alterei as rotas gravitacionais da aeronave, que era impulsionada pela silenciosa energia Vril. Poucos atlantes possuíam esse poder. As naves eram todas idênticas, e ninguém tinha a posse delas. Os veículos eram de todos, ou seja, estavam sob a administração do governo.

Após um atlante usá-lo, qualquer um poderia entrar na nave e partir com ela. Para isso, elas eram programadas para atender a rotas preestabelecidas. O usuário entrava no veículo e apenas mencionava em voz alta seu destino. A nave, então, imediatamente seguia o curso solicitado, avaliando as rotas mais adequadas e controlando o fluxo de outros veículos que cruzassem seu caminho. Isso garantia a total segurança de todos e permitia que os passageiros se dedicassem a outras atividades, enquanto realizavam a viagem.

Somente os sacerdotes do Vril ou pessoas que tinham relativo domínio sobre a grande energia tinham como dirigir manualmente o veículo. Eram exceções as

vitacionais simplesmente as mantinha
paradas no ar, como se
estivessem no solo, no mais absoluto
silêncio. Somente ouvidos
bem treinados poderiam ouvir o sutil som
da energia Vril per-
correndo as centrais de força da aeronave,
assim como ocorria
nos corredores da Grande Pirâmide.
Quando em movimento, só
ouvíamos o som do atrito do vento na
fuselagem.

Eu, então, brucei Evelyn um pouco
mais forte e disse-lhe,
ao pé do ouvido:

— O que posso querer mais?
Nossa vida é absolutamen-
te perfeita. Todos os dias, quando acordo,
agradeço ao Espírito
Criador por tantas dádivas.

Ela concordou, com um meigo sorriso,
enquanto retribuía
o abraço. Ficamos assim por mais alguns
segundos, como se
nossa vida estivesse sendo embalada por
uma música divina,
até que completei:

— Evelyn, eu creio que a amo
mais do que a mim mesmo.
Não sei o que seria de minha vida sem
tê-la ao meu lado. Sinto
grande tristeza quando a imagino longe de
mim. Só de pensar
em perdê-la, sinto um aperto no peito.
Você parece ser mais im-
portante do que o ar que respiro.

Ela ficou séria e disse, com voz tensa:

— Não diga isso, Andrey. Você
sabe que o princípio divino

memos torna-se nosso maior inimigo na busca pela iluminação espiritual. Eu mesmo não compreendo esse medo. Parece que não sou digno dos méritos e privilégios que recebo.

Eu me afastei em direção à ponta da plataforma da nave, com a intenção de chegar mais perto da cachoeira, e disse, mais para mim mesmo do que para ela.

— Eu domino o Vril com grande facilidade, mas parece que não sou senhor de meu próprio eu. Gostaria de ter o equilíbrio interior de meus pais.

Evelyn se aproximou e falou, enquanto me abraçava pelas costas:

— Você vai ter esse equilíbrio, Andrey, e será o maior sacerdote do Vril que a terra de Poseidon já conheceu. Você desenvolverá novas técnicas para aplicar o quinto elemento e trará progresso e conforto à nossa sociedade, como nunca se viu.

Eu sorri e disse-lhe, desanuviando minha mente:

— **Sim!** Mas você sabe o que quero, eu desejo muito atravessar o portal para o mundo primevo. Desejo viajar pelo restante do globo, para a esfera da terceira dimensão, e utilizar o Vril para ajudar esses povos primitivos que estão além do nevoeiro que encobre os limites de nosso reino. Quero atravessar as bru-

mos ao topo da colina. Lá estacionei o veículo serenamente, na área destinada, nas proximidades do templo do Sol.

A porta de material vítreo de alta resistência se abriu, e descemos radiantes da aeronave. Tínhamos a força da juventude e um mundo pleno de grandes realizações pela frente.

Artemis, a quem eu chamava de minha segunda mãe, havia me dito, dias antes, que depositava em mim esperança muito grande com relação ao uso do Vril. Apesar de sua filha ser uma grande sacerdotisa da grande energia, ela me afirmou, confidencialmente, que esperava de mim algo raro, nos anos vindouros: materializar o Vril. Poucos sacerdotes, durante séculos, tinham realizado esse fascinante processo de manipulação do quinto elemento. Em geral, conseguiram isso por breves segundos, sempre dentro do templo principal da Grande Pirâmide.

O único que realizou um feito realmente espetacular nesse sentido foi Antúlio: o grande avatar da Atlântida, aquele que recebeu a mensagem da Luz diretamente do Cristo Planetário, assim como ocorreria com Jesus e outros grandes iluminados de nossa humanidade, no futuro.

Antúlio, poucos anos antes de voltar para o reino espiritual,

ao meu ego. Ela desejava meu sucesso mais do que ninguém, no entanto, temia por minhas origens. Eu era um instável capelino, e não um atlante da era de ouro. Atlântida vivia uma nova era. A cada dia, mais casos estranhos aconteciam. Decididamente, uma nova humanidade estava passando a habitar a terra de Poseidon, e os sábios atlantes sabiam disso.

O poder do Vril se tornava, inclusive, cada vez mais restrito, por questões de segurança. Antigamente, ele era liberado para qualquer aplicação, agora, até mesmo em sua utilização mais básica - a movimentação das aeronaves -, já era estudada a possibilidade de ser protegida com senhas de segurança.

E assim, pouco a pouco, eu me tornava o centro das atenções, e os elogios tornavam-se inevitáveis. Inclusive, a cerimônia de que iríamos participar estava sendo filmada e retransmitida para todo o continente. Em termos religiosos, aquele evento do qual poucos poderiam participar era comparável à missa do galo rezada pelo papa na Capela Sistina, em Roma.

Em alguns momentos, tomava-se visível em meu semblante aquela mesma arrogância e prepotência que eu havia cultivado, com raízes profundas em minhas vivências

para captar e transmitir imagens e sons com nossa tecnologia, que era, em todos os aspectos, superior aos recursos digitais atuais. Receptores em cristal de quartzo captavam as transmissões magnéticas com facilidade, em qualquer canto do grande continente, desde o portal, na costa da atual Flórida, na América, até as Ilhas Canárias, na Europa; inclusive algumas colônias próximas, fora da Atlântida, captavam esses sinais, mas a qualidade caía significativamente, por ser um mundo de natureza mais grosseira. Da mesma forma, tínhamos aparelhos de comunicação semelhantes aos atuais telefones celulares, contudo, a tecnologia era baseada no Vril, portanto, chamaremos, nesta narrativa, apenas de telefones móveis.

Em seguida, vieram os cumprimentos usuais dos amigos, entre eles Ryu e Arnach. Este último eu considerava como um verdadeiro irmão. Ele era muito parecido comigo, porém, com cabelo quase branco, de tão louro, e com os fios levemente cacheados.

Essa nossa afinidade vinha de longa data. Fomos amigos em várias encarnações anteriores, no sistema de Capela. Sempre namorador, ele aparecia nos eventos cada vez com uma nova companhia. Sua instabilidade emocional em

sua mente estava sempre voltada para o sexo feminino. Três, em cada quatro palavras que mencionava, referiam-se à beleza das mulheres, que sempre desejava conquistar. Ele vivia em eterno clima de desafio amoroso. Era bater o olho em uma mulher, e ali estava ele planejando como derrubar suas defesas e, assim, ceder aos seus encantos de conquistador. Poucos dias depois, ele se cansava e perdia todo o interesse. Parecia que ele não desejava encontrar o amor, e, sim, apenas sentir a adrenalina do desafio da conquista, algo que, na época, eu encontrava dificuldade para compreender.

Ele, então, sussurrou, de forma maliciosa, em meu ouvido:

— Coisa linda, não é, Andrey? Preciso me conter para não me apaixonar. Ela mora muito longe. Mesmo com nossas rápidas naves, não desejo ficar cruzando o continente a todo instante, para vê-la.

Ele esboçou um discreto sorriso e complementou:

— O pai de Ariane é governador de parte da região que faz fronteira com o portal oriental de acesso para o “mundo de dores”. Ele é responsável por várias excursões a esse mundo funesto. Isso me assusta. Quero distância daquela região. Além de mais, ele quer um bom casamento para

Terra, mas sempre ouvíamos que não estávamos preparados. Esse era um de meus maiores desejos para o ano novo que se iniciava.

Enquanto eu estava perdido em meus pensamentos, Evelyn chamou a atenção de Arnach para que ele se aquietasse, pois meu pai já tinha subido ao altar e estava de braços erguidos em direção ao Sol nascente.

Mas, antes, não perdeu a oportunidade de censurá-lo:

— Arnach, Ariane é a irmã caçula de Nereu. Ele não me parece muito amigável. Controle suas atitudes. Ouvi falar que Nereu tem um poder incomum sobre o Vril e tem o humor muito instável. Além disso, ele é muito amigo de Atlas, que assumiu este ano o cargo de administrador geral da Atlântida Oriental. Apesar de jovem, ele conquistou a confiança do conselho dos anciãos.

O genioso galanteador sorriu discretamente e manteve-se em silêncio, em respeito a meu pai, que estava pronto para a cerimônia e aguardando a atenção de todos.

O culto solar de Atlântida em nada se assemelhava aos rituais dos povos primitivos do resto do mundo. Assim como ele faria no antigo Egito, na personalidade de Akhenaton Atónia

seguidores em encarnações futuras. Séculos depois, ele próprio reencarnaria como o faraó Akhenaton, para reforçar a crença nesse deus secundário do panteão egípcio, que foi o passo inicial para devolver à humanidade (de forma definitiva) a crença monoteísta que havia se perdido, desde os tempos da antiga Atlântida, conforme relatamos no livro *Akhenaton - A Revolução Espiritual do Antigo Egito*.

Essas lembranças inconscientes são tão fortes que, no templo do Sol da Atlântida, o Astro-Rei nascia entre duas montanhas. Quando Akhenaton estava procurando um local para fundar sua nova capital, viu esse mesmo quadro místico na região hoje conhecida como Tell-el-Amama, no Egito. Lá construiu a fabulosa cidade de Akhetaton, que revolucionou o mundo por fugazes trinta anos.

Atônis se manteve, então, em silêncio, com os braços abertos e de costas para todos nós, porém voltado para o Sol, que despontava no horizonte. Suas vestes brancas e os adornos dourados ficaram misticamente iluminados ao contato com os primeiros raios solares da manhã; seu belo rosto, emoldurado por longos cabelos louros, pareceu transformar-se, no momento em que ele elevou os olhos para o céu.

Poderoso era visto como Deusa, em alguns momentos, e Deus, em outros. Nesse momento, Atônis estava reverenciando a Deusa que gerava a vida, em seu pleno aspecto feminino.

Já nos primeiros segundos em que os raios solares atingiram a escultura, provocando o fenômeno de cores já relatado, Atônis passou a falar com sua voz doce e eloqüente. Sua devoção ao Espírito Criador sempre foi algo que muito me emocionou.

— Criadora da Vida, Senhora de todos os mundos. Mais uma vez se manifesta aqui, aos nossos olhos, um símbolo de Teu poder magnânimo. As forças que manipulamos no macrocosmo representamos aqui em nosso pequeno símbolo de Teu poder criador. Sabemos que Tu, nossa Mãe, geras a vida e a alimentas, assim como nós. Teus filhos, fazemos com nossas crianças, desde o homem até os animais, nossos irmãos menores.

Nesse momento, alguns harpistas e violinistas passaram a tocar, em seus instrumentos, uma melodia divina, que encanta nos todos, enquanto Atônis prosseguia com sua oração divina.

— Senhora da Vida, abre nossos olhos para percebermos sempre a beleza das pequenas coisas que vemos na natureza.

então, esclareceu-nos:

— Desculpem-me, meus irmãos, por essa minha demonstração exterior que não condiz com o momento. Mas meu coração sofre com os rumos que nossa sociedade está seguindo. Quero aproveitar esse instante, em que essa cerimônia está sendo transmitida para os sessenta e quatro milhões de habitantes de nosso país, para expor minhas preocupações. Mais um ano se inicia, e, a cada novo ano, vemos que nosso povo está perdendo seus valores. Todos nós sabemos que uma nova humanidade está reencamando neste paraíso que chamamos terra de Posseidon. Os pais precisam saber orientar seus filhos, para que eles também consigam perceber a importância de amar e proteger sua terra e seus semelhantes. As novas gerações trarão em seus corações dúvidas e dilemas internos de suas vivências terrenas do mundo em que vieram. O inconsciente de nossos filhos está povoado de pequenos dramas, que nem mesmo eles saberão interpretar. Cabe-nos dedicar-lhes muito amor e orientá-los a vencerem tendências que, algumas vezes, podem ser mais fortes do que eles mesmos.

Enquanto meu pai falava, percebi minha mãe, Cristo, sentada elegantemente ao seu lado, de pernas

mento por esse imprevisto na cerimônia, mas algo dentro de mim me dizia que eu deveria falar-lhes sobre isso. Vamos, então, orar à Grande Deusa e encerrar as festividades. E que esse novo ano seja de grandes realizações para todo o nos o povo! Que a Senhora da Vida nos abençoe!

Enquanto meu pai prosseguia com suas exi-sições, perdi-me em meus pensamentos. Olhei para Arnach e os demais amigos de minha geração e comecei a analisar nosso comportamento e compará-lo com o de nossos pais. Seria somente um conflito de gerações? Impetuosidade dos jovens? Sim! Eramos diferentes deles. Parecia-me que eles eram mais devotados a Deus e aos valores da alma. Eles ouviam de forma mais clara e intensa a “voz interior”. Entre os jovens, muitos colocavam isso em segundo plano, até mesmo por não terem a profundidade espiritual necessária.

Decididamente, nossos pais eram espíritos nobres, senhores de si, enquanto nós possuíamos um imenso “porão” de traumas interiores que desconhecíamos. A nova geração de Atlântida era como os icebergs dos mares gelados do norte. Tinhamos uma gigantesca área inconsciente submersa em nossas mentes, que não sabíamos reconhecer, nem dominar.

destreza e equilíbrio. Desde uma simples dança, passando por atividades esportivas e terminando na competência profissional. Em tudo eles sempre eram superiores.

Eu e meus amigos, pelo menos, tínhamos grande habilidade com o Vril, o que diminuía esse sentimento de rancor. Já os milhões de habitantes comuns da nova geração nem isso possuíam, eram seres medíocres, que não se destacavam dentro da perfeita sociedade atlante, o que agravava seu sentimento de inferioridade.

Isso, para espíritos exilados por sua arrogância, era algo muito amargo para digerir. Não foram poucas as vezes que vi a nova geração olhando com preocupante despeito para os atlantes da era de ouro. Os atlantes-capelinos irradiavam discreta raiva, que passava despercebida.

Inclusive, invíamos seu lento processo de envelhecimento. Alguns pareciam tão jovens quanto nós, mesmo tendo vinte ou trinta anos a mais. Nossas almas imperfeitas aceleravam o processo degenerativo dos perfeitos corpos que recebíamos de nossos pais, ao ingressar na vida física.

Lembro-me, como se fosse hoje, do dia em que perdemos o campeonato de um esporte muito parecido com o voleibol para um time de atlantes da era de ouro.

pírito, após as contínuas derrotas, assim como nos diversos momentos em que ficava evidente sua superioridade em relação a nós. Se eles tivessem observado isso, durante todo o processo de transição para o novo ciclo, talvez pudessem ter-nos auxiliado a vencer nosso ego arrogante e vaidoso, mudando o triste destino do continente perdido.

Entretanto, o que passou não pode ser mudado. Devemos apenas aprender com nossos erros e construir um novo futuro. Eles eram professores e também aprendizes. Assim é a vida: aprendemos uns com os outros; os mestres com os alunos e vice-versa.

Assim, quando dei por mim, a cerimônia já estava sendo encerrada. Ao ver meu pai abraçando e beijando minha mãe com imenso carinho, corri para eles, como fazia quando era apenas uma frágil criança.

A expressão de felicidade deles ao verme dessa forma, tão espontânea, foi algo inesquecível. Atônico ficou ainda mais contente, porque isso corroborava a importância de suas palavras anteriores: educar bem os filhos, ou seja, mostrar-lhes o verdadeiro amor, para que, no futuro, tomassem-se dignos atlantes. Quem me dera pudessem ser motivo de orgulho para eles durante

responsabilidades, brincávamos e dançávamos, com um brilho apaixonante no olhar e com um largo sorriso no rosto.

Eu e Evelyn adorávamos dançar. Se os amigos deixassem, ficávamos por horas naquele mundo só nosso: olho no olho, mãos unidas, corpos próximos, em uma magnífica troca de energias sublimes. Somente quem um dia encontrou uma pessoa verdadeiramente especial em sua vida pode mensurar o que estou narrando.

Com um olhar sincero e seguro de meus sentimentos, olhei profundamente nos olhos de Evelyn e disse-lhe:

— Estou a meio caminho do paraíso.

Desde criança eu lhe dizia isso, época em que nossos corações descobriram que havíamos nascido um para outro. Sabíamos, pelas informações de nossos pais, que éramos exilados de Capela e tínhamos perdido o paraíso em um mundo superior. Eles nos estimulavam a recuperar essa condição. Então, eu sempre falava à Evelyn que eu estava a meio caminho do paraíso, lutando para ser melhor a cada dia. É somente o fato de estar ao seu lado já era meio caminho andado para chegar lá.

Ela, então, sorriu e falou-me:

Hoje é um dia tão maravilhoso

que uma pintura dos mais renomados artistas da Terra.

Tanto as louras da raça branca como as morenas da raça vermelha eram deslumbrantes. Nesses instantes, eu até ficava com pena de meu amigo Arnach. Ele parecia uma criança dentro de uma loja de doces.

Eu e Evelyn nos divertíamos com seu olhar perdido, mesmo na companhia da belíssima Ariane. Não foram poucas as vezes que ela teve de chamar-lhe a atenção por causa de seu olhar vago e perdido, em vez de concentrar-se na conversa com ela, aquela deslumbrante mulher.

Os rapazes eram também muito elegantes, geralmente vestiam túnicas brancas e discretas, ou, então, confortáveis calças e blusas, assim como nos dias atuais, porém feitas de tecido mais elástico, privilegiando o conforto.

Nossos longos cabelos pouco nos diferenciavam das mulheres. Eramos uma raça andrógina. Tanto homens como mulheres eram muito parecidos. Tínhamos poucos pelos no corpo, cabelos muito lisos e longos e uma constituição física delicada.

O que diferenciava os homens das mulheres eram basicamente os órgãos sexuais. Além disso, éramos mais fortes. Não muito, pois o domínio do Vril fazia

todos que cruzavam seu caminho eram vistos como inimigos. Desde muito cedo, ela preocupava os mestres da velha geração, que observavam seus passos tortuosos com especial atenção.

Electra tinha obsessão por mim, e não apenas por causa de minha beleza, ela admirava meu poder especial sobre o Vril e minha elevada posição social. Além disso, desejava um bom casamento, e Evelyn lhe era um indesejável obstáculo. Logo percebi que minha noiva se fragilizou com o olhar cruel de Electra e disse-lhe:

— Não dê atenção a isso, meu amor. Você sabe que só tenho olhos para você.

Ela concordou, com um gesto sereno.

— Sim. Eu confio em você, mas é impossível não se sentir desconfortável com a pesada energia que ela me dirige. Como alguém pode ter tanto ódio no coração?

Olhei, então, com desprezo para Electra, e ela irradiou-me um sentimento de raiva e revolta interior. Logo depois, deu-nos as costas e foi dançar com um ingênuo rapaz.

Mas logo nos esquecemos do fato, pois Arnach se aproximou, com seu habitual senso de humor, contando suas hilárias histórias e fazendo-nos rir sem parar. Ariane, a cada instante,

que, no final da tarde, Atônís chamou para si novamente a atenção e falou-nos, com largo sorriso no rosto:

— Que dia maravilhoso, meus irmãos! Momento de grande alegria para todos nós. O Astro-Rei já parte para o descanso na

O poder do Vril

No dia seguinte, lá pela metade da manhã, dirigi-me, pensativo, para a Grande Pirâmide de Poseidon. Geralmente, percorria aquele tranqüilo e belo caminho acompanhado de Evelyn, mas, naquele dia, ela saíra bem cedo com Artemis, para outros compromissos, permitindo que eu me entregasse aos meus pensamentos.

Durante o percurso, resolvi meditar sobre os acontecimentos do dia anterior: o discurso improvisado de meu pai, ressaltando a responsabilidade que pesava sobre os ombros da nova geração; e séculos de progresso, harmonia e a conquista de uma sociedade perfeita que poderiam estar correndo sérios riscos, caso não correspondêssemos às expectativas. Era fundamental que forjássemos um caráter nobre e digno,

Inconscientemente, o que me tranquilizava era saber que Evelyn tinha o comportamento de uma atlante genuína. Sua retidão de caráter, responsabilidade e dedicação ao próximo me comoviam e me fortaleciam para manter-me no caminho correto. Intuitivamente, eu sabia que ela era a grande responsável pelo homem que eu havia me tornado. Como eu a amava loucamente, desejava sempre atender suas expectativas, comportando-me sempre com natural dignidade. Além disso, minha vida era um conto de fadas. Não havia por que me rebelar ou alimentar sentimentos negativos. Isso não fazia sentido.

Apesar de ser claro que nós, os capelinos, éramos os “patinhos feios”, comparados com nossos ancestrais, eu tinha um grande trunfo: o notável domínio sobre o Vril. Isso mantinha meu ego sempre elevado, era uma forma de sentir-me superior.

Assim, em meio a esses pensamentos, eu pouco percebia meus lampejos de arrogância e prepotência. Considerava-me um atlante com caráter perfeito. SO estranhava aquele medo injustificável de algo que não sabia o que era e que me consumia. Em alguns momentos, eu me fazia uma série de perguntas inter-namente que me causavam mais confusão

Nem mesmo durante o período em que vivemos em trevas corremos tal perigo, apesar da atitude impensada que eu tomaria no futuro...

A Grande Pirâmide de Poseidonis possuía inteligência artificial e um sistema de defesa próprio. Qualquer anormalidade em seu funcionamento ou ação criminosa provocava o desligamento de seu centro de força principal, localizado no coração da grande estrutura. E, se alguma criatura em desequilíbrio entrasse de forma desavisada nas dependências da “Casa Maior do Vril”, corria o risco de ser desintegrada pelos sistemas de defesa. Existiam avisos acerca disso por todas as entradas.

Meditando sobre a beleza e a genialidade daquele colosso, diante de meus olhos, pensei: “Não podemos perder esse paraíso. Preciso conhecer os povos primitivos da Terra, para ter real noção da grandeza de nosso mundo e, assim, dar-lhe mais valor, do fundo da alma, assim como fazem meus pais”.

Quando cheguei próximo à imensa pirâmide, fiquei a meditar sobre a importância do progresso que a sociedade atlante havia alcançado, refletido não só naquela gigantesca estrutura, mas em tudo ao nosso redor.

Se os arqueólogos descobrirem a

(em sua maioria, com forma piramidal), que acumulavam essa energia de maneira impressionante.

Depois, essas “pedras mágicas” eram transportadas para as linhas de montagem e produção, para serem operadas por técnicos comuns. Tais cristais poderiam manter a energia Vril elaborada para aquele fim por muitos e muitos anos, até mesmo por séculos, dependendo da capacidade de manipulação do sacerdote sobre o quinto elemento.

Algumas centrais de operação na Atlântida não eram recarregadas fazia muito tempo. Um exemplo era o fornecimento de energia para as residências, realizado por uma das centrais da Grande Pirâmide, com redistribuição para todo o continente. Era uma energia sem resíduos, grátis e renovável, que não exigia linhas de transmissão física, como a energia moderna.

Tratava-se de uma força oculta, que simplesmente alimentava uma rede invisível de centrais menores, com seus cristais energéticos interligados. Isso tudo ocorria de forma automática, sem a necessidade de intervenção humana. Poucos sabiam como aquele engenho energético havia sido elaborado, milênios antes. Acredito até que qualquer problema no funcionamento teria dificuldades para se resolver, seu plano

mação. Esse trabalho também exigia um pouco mais de talento dos sacerdotes do Vril. Desse modo, absolutamente tudo o que a mente humana pudesse conceber poderíamos elaborar com o espetacular dinamismo do Vril.

Alguns sacerdotes do quinto elemento, os sacerdotes pesquisadores, grupo em que me incluía, também conseguiam fazer reprogramações no código genético de enfermos, mas isso, além de pouco necessário em nosso mundo, até então, já era algo automatizado, dentro das centrais de curas na Grande Pirâmide e nas demais pirâmides regionais, por todo o continente.

Quem tivesse qualquer tipo de desequilíbrio orgânico ou astral, ao adentrar na Grande Pirâmide, sentia imediatamente a ação dessa força curativa, recombinao seu DNA. Essa correção do código genético ocorria em todos os corpos, não só no físico; algo que assombraria os médicos modernos.

No passado, esses estudos tinham por objetivo exclusivo socorrer os povos do mundo primitivo, que, em breve, eu conheceria. Depois da chegada dos capelinos, esses efeitos curativos tornaram-se comuns e necessários entre a civilização atlante, por causa de nosso DNA perispiritual deficitário.

Quem muito deseja atender aos caprichos da alma um dia pode se desapontar, se não atingir seu objetivo. E esse dia estava prestes a chegar para Arnach, o que causou uma revolução dentro dele, que veio, de certa forma, refletir na vida de todos nós.

Em alguns dias, na condição de sacerdote pesquisador, eu era dispensado do trabalho conjunto com o Vril e passava as tardes estudando novas aplicações para aquela misteriosa energia, que, para mim, parecia tão simples. Era estranho como a manipulação do Vril me parecia absurdamente fácil. Os longos séculos voltados para a ciência em Tríade, no sistema de Capela, haviam aperfeiçoado minha mente e meu espírito para executar aquela tarefa com facilidade, em um nível que beirava a perfeição.

A grande Artemis acompanhava meus estudos com indizível atenção e esclarecia minhas dúvidas, dentro do possível. Em determinada tarde, ela se aproximou e disse-me:

— Andrey, como vão seus estudos?

Eu empurrei para o lado a tela de cristal pela qual acessava o banco de dados central da Grande Pirâmide, por uma interface mental, e disse-lhe, com empolgação:

— Eu sinto, às vezes, que esse poder é ilimitado. Creio que,

gui. A sábia mentora prosseguiu, então:
— Não importa! Você já vive como desejava, desde aquele tempo. Eu creio que você encontrará novas aplicabilidades para o Vril, que ainda são desconhecidas. Sua mente desconhece fronteiras. Nem o céu é limite para você.

A bela mentora acariciou meu rosto e concluiu:

— Andrey, você é ainda tão jovem e domina a grande energia de forma especial. Lembre-se, qualquer dúvida, pergunte sempre. Será um prazer ajudá-lo em sua busca.

Ela sorriu, estava pronta para retirar-se, quando falei, da forma carinhosa como sempre a tratava:

— Minha mãe, preciso de sua ajuda agora. Eu quero materializar o Vril hoje mesmo. Sei que posso!

Artemis era mãe de minha noiva, mas cuidava de mim desde criança como uma segunda mãe. Meus pais entendiam a necessidade disso, já que me tornei um sacerdote do Vril, atividade que não era o foco deles, pois eram sacerdotes solares. Os cidadãos atlantes não tinham apenas profissão; viviam totalmente para sua vocação.

Espíritos evoluídos não possuem sentimento de posse sobre os filhos. Meus pais, portanto, entregaram-me de coração a Artemis, para que ela fosse a responsável por minha educação.

ter vida própria, variando de cor e brilho, dentro de escalas incompreensíveis ao homem comum. Uma energia absolutamente maravilhosa!

Quando materializado, ele assumia a forma de um “oitão” ou o símbolo do “infini de pé”, sempre tremulando. O som misterioso que emanava assemelhava-se a um mantra sagrado. Era como se ouvíssemos um sopro divino. Conforme diziam os antigos: “Presença do Vril era como ver o ‘espírito de Deus’”.

Em seguida, manipulei o éon do Vril e desenhei um coração para a querida mentora, minha segunda mãe. Ela colocou as mãos no rosto, sorriu e deixou escapular uma lágrima de emoção. Em seguida, o Vril novamente desapareceu, tão misteriosamente como surgiu.

Ela me abraçou e disse:
— Parabéns pelo sucesso, meu filho!

Eu olhei para ela com emoção e fezei:

Capítulo 4

O Conselho do Vril

No dia seguinte, Ártemis agendou um encontro com o Conselho do Vril, para que eu lhes demonstrasse o grande feito. Composto por quatro sábios, o Conselho decidia os principais rumos que seriam dados à pesquisa e à utilização do quinto elemento. Um dos conselheiros supremos era pai de minha segunda mãe, e isso lhe permitia ter fácil acesso àqueles grandes mestres que raramente apareciam em público. Alguns diziam que todos eles já contavam com mais de um século de idade. Viveram a juventude integralmente dentro da época de ouro, muito antes da chegada dos emocionalmente instáveis, os capelinos.

Ao lado de Artemis, caminhei por amplos corredores, naquele imenso complexo que era a Grande Pirâmide da capital

sempre foram excelentes filtros de energias. A função daqueles bichanos era neutralizar qualquer energia impura da qual fôssemos portadores. Eles olharam para nós e se aproximaram lentamente.

Depois de alguns instantes, em que nos estudaram, roçaram em nossas pernas, ronronando, com o objetivo de purificar-nos e, assim, ser autorizada nossa passagem. Muitos desses fascinantes animais vagavam por todo o complexo piramidal, com a função de higienizar o ambiente.

O Vril necessitava de energia ambiente cristalina, para melhor fluir pelas intrincadas redes de cristais no interior da Grande Pirâmide. Essa necessidade era ainda maior no topo da majestosa construção, local por onde desciam as energias sublimas do Astral Superior. Aquela ala da pirâmide não poderia ser poluída, de forma alguma, por vibrações densas.

Seguimos, então, até uma sala de reuniões, onde se encontravam os quatro anciãos: dois homens e duas mulheres.

Nunca estivera naquele andar, e, sem dúvida, estávamos no topo da pirâmide, já que aquele pavimento parecia ter reduzida extensão, talvez pouco mais de vinte metros quadrados.

A decoração e os móveis eram muito

ram gentilmente para eu realizar novamente o que havia feito. Dessa vez tive dificuldades. Talvez pela tensão do momento, causada pelos olhares inquisidores; porém, como da outra vez, o Vril se fez visível aos olhos de todos os presentes, de forma magnífica. Os conselheiros não disfarçaram o espanto. Depois de trocarem informações novamente, por breves instantes, passaram a me interrogar.

O pai de Artemis me perguntou, fitando profundamente meus olhos, como se estivesse devassando as mais ocultas regiões de minha alma:

— Meu filho, você deve saber a importância do que acabou de realizar. Isso significa que o domínio do Vril em suas mãos é quase absoluto. Ao contrário do que ocorre com outros atlantes, não teríamos como limitá-lo. Com isso, pergunto: o que você pretende? O que deseja fazer com esse poder?

Eu estranhei aquela pergunta tão direta, quase ameaçadora, e apenas respondi:

— Nada demais. Apenas quero trabalhar por meu povo, utilizar esse poder que Deus me deu para ajudar nossos irmãos em seu progresso humano e espiritual.

Eu meditei, então, por alguns segundos, e concluí, de forma

O sábio, então, levantou-se, apoiou as mãos sobre a mesa e inclinou seu corpo cansado em minha direção. Com o olhar fixo, ele voltou a questionar-me:

— E se as coisas não acontecerem como você espera? E se tiver que abrir mão de seus objetivos e interesses? E se o nosso mundo “descer” para a dimensão primeva e formos conquistados por povos bárbaros ou, então, se tiver que abrir mão das coisas que deseja para si, qual será sua reação?

Aquelas foram novamente perguntas inesperada colocando-me em xeque. Eu esperava ser interrogado sobre questões técnicas, e não sofrer aquela estranha abordagem psicológica. Depois de um momento de hesitação, respondi, com estranho brilho no olhar:

— Tudo acontecerá conforme planejo. Não permitirei que seja diferente. E, se formos conquistados por povos bárbaros, lutarei até o fim de minhas forças para não sucumbirmos nas mãos do inimigo. Darei meu sangue para vencer os adversários, se isso for necessário.

Artemis, então, olhou para seu pai, que lhe disse, com severidade:

— Espírito guerreiro! Não pode tornar-se mestre do Vril. Sua ação encerrada.

evolução em que se encontra. No entanto, essa é a vontade do Espírito Criador, que te legou esse destino. Quem somos nós para julgar os desígnios de Deus? É uma péssima época para um instável filho da "raça adâmica" deter o poder absoluto sobre o Vril. Estamos ingressando em um tempo de conflitos, e não sabemos seu desfecho. Sim, sinais negros do mal flutuam na linha do horizonte!

O grande sábio refletiu, então, por mais alguns instantes e, por fim, sentenciou, taciturno, porém em tom profético:

— Espero que não chegue o dia em que você irá amaldiçoar essa energia poderosa que hoje o fascina. Sim, ela o fascina! Eu vejo isso, apesar de você disfarçar esse sentimento.

Eu, então, perturbei-me e falei, com evidente irritação:

— Suas observações são injustas. Eu me conheço muito bem. Eu tenho o controle sobre mim.

O misterioso ancião, que parecia tudo saber, voltou a perguntar, em tom conciliador, procurando acalmar-me:

— Então, diga-me por que você acorda algumas noites, assustado, sem saber o motivo? Seria por causa de pesadelos cujo significado não compreende?

O silêncio reinou na sala do Conselho.

destemperada de minha parte, então, colocou rapidamente a mão em meu ombro, freando meus impulsos e me disse, ao pé do ouvido, com uma severidade que não lhe era comum:

— Basta, Andrey! Ele tem razão. Está ficando evidente seu descontrole.

— Minha mãe! — repliquei em tom choroso. Estou sendo agredido e desrespeitado.

Ela acariciou meus cabelos e falou, com serenidade:

— Meu filho, a função do Conselho é colocar-te à prova. Eles não estão aqui para agradar-te. Compreende?

Eu concordei, com um gesto decepcionado. Respirei profundamente, por alguns segundos, até serenar meu estado de espírito, e, em um tom conciliador, dirigi-me novamente ao Conselho:

— Desculpem por minha imaturidade! Nunca quis o título de mestre do Vril, apenas gostaria de estagiar no mundo primitivo. Acredito que será importante para meu amadurecimento e talvez lá possa descobrir e vencer o que se esconde no inconsciente de minha alma e que tanto preocupa este sábio Conselho.

Os conselheiros, então, ergueram-se e disseram, a uma só voz:

— Ficamos felizes por tua lucidez. Pedido concedido!

Eu agradei com um gesto sereno e me

voltou a perguntar-me, com um sorriso gentil:
— E o que te impede de ter paz de espírito e sentir-se digno de viver neste mundo que você julga perfeito?

— Acredito que seja porque eu não consigo harmonizar-me com essa perfeição. Sinto-me como um peixe fora d'água. Sinto um incompreensível desconforto.

— E o que te impede de se harmonizar com a perfeição?

Meditei, por alguns segundos, sobre a nova pergunta, que parecia querer penetrar nos porões de meu inconsciente, e respondi:

— Quero a Luz, mas minha alma, às vezes, obscurece-se com sentimentos que não consigo entender. Parece que preciso travar uma luta diária contra um sentimento incoerente com a realidade em que vivo. Tenho a Luz ao meu redor, mas meu coração, constantemente, sente-se obscurecido pela sombra.

Ela fez uma expressão como de quem compreendia minha questão e voltou a questionar-me, com olhar profundo, muito penetrante:

— Entendo. E por que você crê que não é digno de viver na Luz? Por que acredita que a ação do lado obscuro, necessariamente, precisa dominar-te? Qual a tua crença sobre isso?

pidos, com a cabeça fervendo e com o pensamento perdido em mil indagações, para as quais até hoje ainda não sei muito bem as respostas.

Após minha rápida retirada da sala do Conselho - diria quase uma fuga desatinada, tal era meu estado de espírito

Artemis olhou para o pai e perguntou:

— Era necessário ser assim tão severo?

Ele suspirou profundamente e respondeu:

— Sinto muito medo no coração dele, minha filha. Medo de perder as coisas que lhe são mais caras. Ele não está pronto para gestos de desprendimento. Isso é algo muito perigoso, ainda mais para alguém que pode concentrar o poder do Vril na palma de sua mão. Poucas vezes em minha vida vi um atlante dominar o quinto elemento dessa forma. E, agora, um “filho de Adão” realiza a materialização do Vril, assim, dessa forma brilhante! Isso é muito preocupante. Foi necessário chocá-lo, para que ele tome consciência e reflita sobre as coisas que estão ocultas em seu inconsciente.

Artemis abaixou a cabeça e disse, com serenidade:

Capítulo 5

O mundo primitivo

Nos dias seguintes, dediquei-me a repassar minhas atividades corriqueiras a Arnach e Ryu. Eles eram meus dois amigos mais próximos e colegas de sacerdócio no Vril. Naturalmente, aceitaram de forma muito prestativa. Enquanto eu realizava os preparativos para a viagem, Arnach não parava de me perguntar o que eu queria ver naquele mundo de dor e sofrimento, “antessala do inferno”, segundo ele.

O irônico amigo sacudia a cabeça, sinalizando negação, e dizia:

— Você vai perder festas notáveis nas próximas semanas para interagir com criaturas que beiram à animalidade. Você sabia que os habitantes da terceira dimensão são uma evolução dos macacos?

De forma teatral e com olhar espantado,

E realmente foi assim, Arnach nunca se permitiu realizar tal feito.

Cinco dias depois, eu e Evelyn, acompanhados de nossos pais, dirigimo-nos, ansiosos, para o hangar em Posseidonis, onde ficavam estacionadas as pesadas aeronaves que ingressavam na Terra da terceira dimensão: o mundo primevo.

Minha excitação era notória. Eu não prestava atenção em nada ao meu redor e respondia às perguntas que me faziam de forma monossilábica, como se o único objetivo de minha vida fosse conhecer aquele obscuro mundo, que ainda me era desconhecido.

Até mesmo aquela tosca aeronave me causou admiração. Enquanto meus pais se encarregavam dos detalhes finais para o embarque, fui conversar com os técnicos que iriam operá-la. Como usariam o Vril para manipulá-la? Como seria conduzir as inversões do eixo gravitacional com o quinto elemento, em uma frequência grosseira? Muitas perguntas povoavam meus pensamentos.

Um dos cinco pilotos esclareceu-me, então, de forma atenciosa:

— Andrey, a maior dificuldade na condução das aeronaves é a transição entre dimensões, tanto no

próximas ao portal oriental de Poseidon.

Eles fizeram um sinal afirmativo, ao que completei:

— Estarei à disposição dos amigos, caso necessitem de auxílio para pilotar a nave. Será uma grande alegria poder ajudá-los.

Todos ali já sabiam de minha notável proeza com o Vril, materializando-o. Minha fama de bom piloto também era respeitada por todos na capital atlante. Logo agradeceram com respeito e me disseram que eu deveria descansar o corpo e a mente durante a viagem, porque o mundo primevo era muito desgastante para aqueles que o visitavam pela primeira vez. Era um cansaço emocional e físico, principalmente por causa da mudança de dimensão.

— Andrey, você verá coisas que o surpreenderão. Vivemos em um paraíso, e nosso povo, lamentavelmente, está se esquecendo disso.

Agradei pelas palavras do amigo, com indisfarçável emoção. Era isto mesmo que eu procurava nessa viagem: resgatar os verdadeiros valores da alma, que se perdem entre criaturas imaturas, inseridas em um cenário perfeito, como era nosso caso, em Atlântida.

Intimamente, eu desejava realizar algo deveras útil e necessário. Quem realmente precisava

charuto e media em torno de quarenta metros de comprimento. O material da fuselagem era leve para os padrões atuais, mas pesado para os níveis sutis da dimensão de Atlântida. Era feita de algo semelhante à fibra de carbono.

Depois de longos minutos de minuciosa exploração, deparei-me com meu pai, na porta do veículo. Ele sorria, divertindo-se com minha curiosidade sem limites. Então, perguntou-me, com carinho:

— Podemos partir agora, meu jovem cientista?

Eu sorri para ele e, abraçando-o, respondi:

— Sim, meu filósofo pai! Já estou satisfeito com as informações técnicas obtidas.

Entramos abraçados na aeronave e nos sentamos em alguns poucos assentos destinados aos turistas. Aquela era uma nave de trabalho, dedicada ao transporte dos voluntários, que abriam mão do conforto de Atlântida, para auxiliar seus mãos desafortunados, que reencaimavam na “esfera da dor”.

Em poucos minutos, o veículo decolou do solo e seguiu viagem. Enquanto nossos pais e Evelyn conversavam animadamente, fiquei em silêncio, segurando a mão de minha companheira, com o olhar voltado para a janela perdido em meus

Atlântida era um continente densamente povoado, mas encontrava-se em uma dimensão superior. Precisávamos popular rapidamente o mundo primevo, para atender ao grande número de reencarnações necessárias de espíritos advindos do sistema de Capela. Sem contar que, em breve, Atlântida deixaria de existir, encerrando abruptamente todas as oportunidades de renascimento no continente perdido.

Com a submersão da Grande Ilha, grande parte dos espíritos rebeldes que ali viviam passaria por um longo período de sofrimento no astral, porque a demanda de nascimentos no mundo primevo era muito maior que a oferta.

Alguns instantes depois, já estávamos a poucos quilômetros do portal dimensional. Era possível observar, pela janela da aeronave, uma magnífica manifestação de forças, como uma onda de energia gerada pela explosão de uma supernova. A aeronave reduziu, então, sua velocidade e começou a aproximar-se daquele assustador portal, que parecia querer nos engolir. Os sons e as cores dos choques energéticos eram impressionantes.

Não demorou muito para entrarmos em sua esfera de ação. Sentimos algo semelhante às turbulências sofridas pelos aviãos

O comandante da expedição estava no assento central. Ele me olhou e logo percebeu minha intenção. Sem nada falar, para não atrapalhar os demais pilotos, informou-me telepaticamente que algo muito grave estava acontecendo na dimensão grosseira da Terra, talvez um combate entre as tribos guerreira daquela região. O ódio e o desejo coletivo de vingança afetavam nosso ingresso na terceira dimensão.

Demonstrei o desejo de ajudar a pilotar, e ele desinclinou a cadeira em que estava sentado, levantou-se e me ofereceu seu posto. Eu era pouco mais que um adolescente, no entanto, a velha geração de Atlântida era composta de espíritos dignos e superiores, bem distanciados da arrogância do homem atual, que jamais aceita que alguém mais jovem possa realizar algo melhor. Além do mais, eu já detinha grande respeito na “sociedade do Vril”, como era chamado o seletivo grupo de técnicos capazes de manipular o quinto elemento.

Agradei o gesto generoso do comandante e rapidamente ocupei seu lugar. Ele, então, afastou-se da área de atuação para observar-me. Em segundos, mudei a inversão dos eixos gravitacionais da nave para um padrão aleatório, que combinava

de navegação. Não sei onde fica o local de destino.

Em seguida, expliquei-lhes a técnica utilizada; no entanto, não tinha resposta para a programação a-tatória que havia realizado. Era algo intrínseco, que provinha de uma área inconsciente de meu cérebro, em que eu não encontrava resposta. Era como se meu “eu interior” falasse de coisas que eu desconhecia em meu universo consciente.

Quando retomei para meu assento, pude observar o olhar de espanto dos demais passageiros. Aquilo exaltou meu ego. O olhar de admiração, respeito e assombro tem efeito perigoso em almas que ainda não renunciaram ao poder transitório da vida humana. E eu era uma dessas almas.

Uma hora depois, saímos daquela terrível área de turbulência, e o comandante solicitou que eu desativasse a codificação anterior. Acredito que ninguém quis arriscar-se a mexer naquele processo que parecia ter vida própria. O Vril tomava-se um elemento “consciente de si”, quando manipulado por mim.

O restante da viagem foi bem tranquilo. Só depois ficamos sabendo que a turbulência foi causada por uma guerra tribal na região do norte do atual México e que tinha resultado em

Por alguns instantes, dei razão ao meu instável amigo e passei a me perguntar: “Por Deus, o que eu estou fazendo aqui?”.

Artemis analisou meus pensamentos com atenção e disse-me:

— Sim, Andrey, a raça humana da dimensão primeva é o aperfeiçoamento de uma classe especial da família dos macacos. A civilização atlante foi incumbida de realizar o trabalho de transformação genética, para que esse grupo de primatas pudesse tornar-se racional e, assim, permitir a manifestação de espíritos individualizados no seio do Cosmos e que estão ascendendo a um novo nível de evolução. Tudo na vida trata-se de evolução e progresso. E essa é nossa tarefa. Deus quis que os filhos de Poseidon descessem para uma frequência intermediária entre a quarta e a terceira dimensão, uma vida entre dois mundos bem diferentes. Desde que isso aconteceu, há alguns séculos, nosso povo tem trabalhado em nome do Altíssimo para preparar essa dimensão rude e agressiva para ser palco de desenvolvimento espiritual de uma classe primitiva de espíritos que um dia povoará e dominará toda a Terra. Eles crescerão espiritualmente e serão grandes. Mas, agora, são apenas crianças que dependem de nosso auxílio para dar

então, concluiu com sabedoria:

— Hoje, compete a nós realizarmos o trabalho dos anjos. Compreenda isso, e você verá com outros olhos esses irmãos que, muitas vezes, chocar-te-ão com suas atitudes selvagens e infantis.

Eu beijei a mão de minha “segunda mãe” e disse-lhe, com profunda emoção:

— Sim, eu compreendo tuas palavras e vou refletir sobre elas.

Em seguida, descemos da aeronave, e logo percebi que nossos corpos brilhavam, uma espécie de luz branca, como se tivéssemos sido expostos a algum tipo de radiação.

Assustado, perguntei para Criste:

— Por que brilhamos?

Ela acariciou meus longos cabelos louros, que brilhavam de forma intensa, e respondeu-me:

— Meu filho, nós não somos dessa dimensão. Viemos de um mundo mais sutil. Nossa energia resplandece nesse mundo opaco. Em nossa esfera, não percebemos isso, porque lá tudo é naturalmente brilhante. Aqui, somos como um pássaro colorido, voando por um pântano sombrio.

Olhei para todos os lados e percebi que realmente era assim. Aquele mundo era escuro, sem brilho, e o colorido era muito precário, quase apenas em tons pastéis. Os sons eram também

dade de vida, e, assim, atender às urgentes necessidades reencarnatórias.

Aquilo me impressionou de forma especial e perguntei:

— Mas, meu pai, isso não é errado? Só existe um Único Deus, que você representa muito bem em nossa sociedade, pela ação do Sol sobre nossas vidas. Por que vocês permitem, aqui, esse culto equivocado às personalidades de nosso povo?

Atónis concordou com um gesto e disse-me:

— Meu filho, a Sabedoria Divina é revelada aos homens na proporção direta à sua capacidade espiritual. Observe o Sol, como são fracos seus raios, no momento em que surge no horizonte. De maneira gradual, seu calor e sua força aumentam, à medida que se aproxima do zênite do céu. Assim, permite que toda a criação do Pai se adapte à intensidade de sua luz. E veja, depois, como ele declina, constantemente, diminuindo sua força, até alcançar o ponto do ocaso. Se o Sol fosse se manifestar de súbito, toda a sua energia latente causaria imenso dano à obra de Deus.

O futuro faraó Akhenaton, que revolucionaria o culto solar, milênios depois, meditou por alguns segundos, e concluiu:

Essas pobres criaturas espirituais

O sorriso, entretanto, sumiu de meu rosto, quando me aproximei mais e vi à nossa volta muitas mães e seus pais trazendo em seus braços filhos com graves deformidades físicas, para (quem sabe?) obterem a cura dos "deuses", que lhes visitavam de tempos em tempos.

Eu segurei firme a mão de Ártemis e perguntei-lhe, ao pé do ouvido:

— Minha mãe, por que tanta deformidade nos corpos dessas crianças e jovens? Trata-se de alguma falha no processo de engenharia genética para transformar os macacos da dimensão primeva em homínídeos racionais?

A sábia mentora colocou a mão sobre meu ombro e disse:

— Não, meu filho. O trabalho de aperfeiçoamento genético foi um sucesso, e os espíritos primários designados por Deus para encarnar na matriz genética que aperfeiçoamos, durante séculos, adaptou-se perfeitamente. Estes que você vê com as mais diversas deficiências são os exilados do sistema de Capela, de onde você veio também.

Ártemis fez um gesto sereno com a cabeça, confirmando minhas dúvidas, e arrematou:

— Esses corpos elementares são adequados para almas primárias. Os espíritos que desceram de Capela para a esfera

sofridos, para tentar receber um socorro divino de nossas mãos.

Foi um grande choque ouvir aquelas palavras de Ártemis. Fiquei muito impressionado, de cabeça baixa por alguns instantes, meditando. Evelyn, que estava ao meu lado, em estado de profunda tristeza, segurou minha mão e deitou a cabeça em meu ombro. Em seguida, falei, com voz titubeante:

— Quer dizer, então, que esse seria meu destino e o de Evelyn, caso encarnássemos nessa dimensão, em vez de sermos beneficiados com a oportunidade de nascer na quarta dimensão, em Poseidon?

Criste, aproveitando o silêncio de Ártemis, tomou a palavra para si.

— Andrey, se vocês nasceram em nosso mundo é porque possuíam merecimento para isso. Não existe acaso na obra de Deus. Certamente, o trabalho que realizavam no mundo de onde vieram e os valores que agregaram os tomaram eleitos para uma vivência superior.

Eu e Evelyn éramos cientistas em Triade. Havíamos dedicado várias existências ao estudo de mecanismos que levam o homem ao progresso. Quando reencarnamos em Atlântida, toda essa bagagem que trazíamos conosco se

dessem modificar seus objetivos de vida e seu comportamento perante o que fazer dela.

Artemis concordou, com um gesto, e arrematou:

— Sim, a vida fácil e luxuosa da Grande Ilha está corrompendo as almas ainda despreparadas para uma vida superior. Já conversei com os sábios do Conselho, para estimular as viagens dos jovens a essa esfera. Talvez isso ajude a recuperar o equilíbrio em nosso mundo. Entretanto, eles temem pelo desequilíbrio que isso pode acarretar nas duas dimensões.

— Como assim? — perguntei, sob forte curiosidade.

Artemis, irradiando no mundo primevo uma poderosa energia dourada, mais bela que a do oricalco, respondeu:

— Não temos o direito de influenciar demasiadamente na vida desses povos. Estamos aqui na condição de instrutores, com o objetivo de auxiliá-los em seu progresso. Não podemos resolver todos os seus problemas e também não devemos trazê-los os nossos. Eles precisam viver essa experiência dolorosa para purificar o espírito intoxicado com as mazelas que cultivaram com ardor no planeta de que foram exilados. Por outro lado, não podemos obrigar os capelinos

Olhei para meus pais e para Evelyn e perguntei, confuso: — O que ela deseja? O que posso fazer?

Antes que alguém dissesse algo, a mãe da criança falou-me, de coração para coração, por linguagem telepática, que todo atlante dominava:

— Divindade sagrada que vem dos Céus, cure minha criança. Não consigo mais suportar vê-la com tantas dores, ouvir seus gemidos. Perdoe os erros dela em outras vidas. Permita a meu filho o direito de viver em condições mínimas, para trabalhar por sua reabilitação diante do grande Deus. Com saúde, ele poderá corrigir seus enganos do passado.

Aquela sábia manifestação, vindo de uma humilde silvícola, impressionou-me deveras. Olhei para meus pais e Evelyn e murmurei:

— Que posso fazer, meu Deus? Que posso fazer?

Todos se mantiveram calados. Então, fechei os olhos e disse:

— Meu Deus, eu sou teu instrumento, use minhas faculdades para realizar o que for a Tua vontade.

Naquele instante, a magia do Vril, mais uma vez, fez-se presente em minha vida, na longínqua Atlântida. Não estávamos na dimensão da Grande Energia, muito menos na Pirâmide de Baccidonia, mas parecia que isso não

por isso, pois seu corpo se tornara
 absolutamente perfeito.
 O que se seguiu foi uma explosão de
 alegria entre os al-
 deões e também entre as “divindades”, ou
 seja, nós. Ficamos
 todos em estado de plena alegria. Aquele
 povo simples ficou tão
 agradecido que realizou, naquela noite, uma
 grande festa. Sua
 música telúrica soou como a mais bela das
 sinfonias celestiais
 aos meus ouvidos. Fiquei feliz, como
 poucas vezes ficaria na-
 quele existência. O desejo que acalentava
 de utilizar meu dom
 para um objetivo essencial estava se
 concretizando. Longe de
 Atlântida e do olhar censor do grande
 Conselho do Vril, eu en-
 contrava a felicidade e a paz de espírito
 que tanto procurava.
 Assim, todos me elogiaram e
 manifestaram seu entusiasmo.

Conhecendo um novo mundo

Aquela noite foi mágica. Talvez poucas vezes em minha vida eu tenha sido tão feliz. Estava ao lado da mulher amada, que era um raio de luz que Deus colocara em meu caminho, e sentia-me verdadeiramente feliz pelo grande feito que realizara.

E estranho, mas o olhar de Evelyn transmitia um amor tão profundo e verdadeiro, que raras vezes tive a oportunidade de receber algo parecido em outras vidas. Ela transmitia um amor calmo e maduro, que brota somente nos corações das grandes almas. Aqueles lindos e meigos olhos eram o bálsamo que me acalmava a alma, trazendo-me a paz de espírito que insistia em fugir de minhas mãos, com tanta facilidade.

Além disso, ali eu tinha o apreço e a companhia de pessoas

felicidade verdadeira.

O som simples das flautas e atabaques; a gratidão sincera nos olhos daquele povo sofrido; tudo isso me fazia esquecer o luxo e a exuberância de Atlântida. Estávamos sentados em toscos tocos de árvores, muito rústicos mesmo, porém não sentia saudade nenhuma das luxuosas poltronas dos centros de eventos de Poseidon. Na verdade, percebia, no fundo da alma, que o estilo de vida de Atlântida era um grave perigo para almas imperfeitas como a minha.

Os aldeões sabiam que não podíamos comer ou beber com eles, por causa da diferença de frequências dimensionais. Mesmo assim, eles colocavam aos nossos pés tudo de bom que produziam, como se fossem oferendas. Nós apenas sorriamos e realizávamos gestos sagrados de agradecimento.

O leitor poderá, pouco a pouco, observar como surgiram os diversos cultos a divindades, por todo o globo, a partir dessas experiências que vivemos.

Inclusive, muitas referências dos povos primitivos aos deuses que vinham dos céus, as linhas de Nazca no Peru, as impressionantes construções e relevos com ensinamentos avançados trazidos por gigantes que vinham do céu,

ram a realizar estranhas práticas religiosas, como os desenhos em Nazca, no Peru, que foram anualmente conservados, até a época de Cristo, alimento a esperança de que os encontraríamos novamente.

Eles acreditavam que tínhamos perdido sua localização e elaboravam os desenhos para chamar a atenção de nossas naves. Não compreendiam a ideia de que vínhamos de outra dimensão, portanto, aguardavam nosso retorno do céu. Assim, utilizaram o conhecimento que aprenderam conosco para realizar aqueles gigantescos desenhos, apenas por meio de cálculos matemáticos, a partir de pequenos modelos. Depois escavava cada detalhe mínimo do pictograma. O mais impressionante é que não tinham como ver os próprios desenhos, já que não possuíam aeronaves. Eles jamais tiveram, em vida, ideia do fantástico resultado de seu árduo trabalho.

Os egípcios também acreditavam que vínhamos do espaço. Inclusive, as pirâmides de Gizé foram alinhadas com a constelação de Órion porque eles julgavam que era de lá que vinham os “deuses” que ajudaram a civilizar a terra de Kemi, em seus primórdios.

Mas o pior reflexo foram os sacrifícios, tanto de animais quanto de humanos.

mo um ano no astral, antes de nova encarnação; um ciclo bem rápido e que tinha seu objetivo.

Retornemos à narrativa. Quando a festa já estava em seu auge, peguei Evelyn pelos braços. Corremos, então, para o centro da dança dos aldeões. Eles pararam para admirar a alegria dos “anjos” ou “divindades”. Não tínhamos noção da luz que envolvia nossos corpos, naquela noite maravilhosa. Éramos criaturas de rara e delicada beleza, envoltos por uma magnífica aura de luz, irradiada pela felicidade de nossos corações. Sem dúvida, éramos retratos fiéis dos seres angelicais dos contos de todas as épocas.

A pele branca, os cabelos claros, os traços delicados, olhos de colorido e brilho impressionantes, aliados à sabedoria e à tecnologia atlante, impressionavam aquele povo simples, destinado a viver em uma dimensão grosseira, que exigia lutar contra animais selvagens e sofrer, diariamente, com as duras intempéries do tempo.

Alguns aldeões ajoelharam-se, então, em adoração, mas não percebemos o gesto. Estávamos em um mundo fechado, só nosso. Naquele momento mágico, eu disse à Evelyn:

— Amor da minha vida, é nessa

Em alguns momentos, eu e Evelyn pegávamos algumas daquelas crianças no colo, e elas, instantaneamente, sofriam metamorfoses de cura, causando espanto maior ainda entre os aldeões.

Assim, quando a festa terminou, tive muita dificuldade para dormir; não por causa do chão duro, coberto com palha, que nos foi oferecido na melhor morada, ou, então, em decorrência do cheiro de esterco dos animais que dormiam por ali. Mas, sim, por causa daquela nova e instigante oportunidade de vida que se descortinava diante de meus olhos.

Pela manhã, ainda bem cedo, acordei bem disposto e sai caminhando pela aldeia, para conhecer melhor aquelas pessoas tão diferentes. Sempre prestativos, eles me explicavam seu modo de vida e suas dificuldades. Rapidamente, eu me acostumei com o dialeto tribal e suas peculiaridades.

Em meio ao passeio, uma mulher trouxe outra criança disforme e colocou-a em meus braços, para que eu a curasse, mas, dessa vez, nada aconteceu. Eu olhei para Artemis, que caminhava ao meu lado, e perguntei por que. Ela suspirou e respondeu:

— Andrey, o Vril é uma energia

— Sinto muito, depende mais de Incal do que de mim.

Aquele povo chamava o Deus Criador do Universo de Incal.

A jovem mãe abaixou a cabeça, em sinal de tristeza, e achemou a criança em seu peito. Ela me observou com lágrimas nos olhos e disse:

— Eu te agradeço, assim mesmo.

Eu passei a mão no rosto da criança, em seu colo, e falei:

— Chegará o momento. Tenha paciência.

Ela concordou com um gesto sereno, enquanto enxugava as lágrimas com o antebraço. Depois seguiu em passos lentos para sua casa. O sentimento de impotência causou-me enorme desconforto. Ártemis observou-me com atenção. Percebi que ela estava aflita por eu não lidar bem com minhas limitações.

— Ardrey, você não é um deus, apesar de esse povo pensar assim. Você não deve se frustrar por não realizar algo dessa grandeza. Existe um propósito para essa criança reencarnar nessa condição. Caso você cure todas, estará prejudicando o processo educativo planejado pelo Criador.

Ela colocou, então, a mão em meu ombro e falou com firmeza:

— Respeite a vontade divina. Cure somente quando Deus

permitir. Não force o Vail. Não devemos

nesse mundo, mas não devemos nos escravizar por elas. Caso essa realidade mude, temos que demonstrar o desprendimento de seguir em frente, sem nos revoltar.

Artemis, segurando minha mão com carinho, arrematou:

— Andrey, você é muito abençoado, em todos os aspectos da vida. Não permita que qualquer contrariedade leve teu coração para o reino das sombras. A mesma grandeza que você teve para receber as dádivas divinas deve cultivar nos momentos de perdas.

Eu fiquei em silêncio, ouvindo os conselhos de Artemis, com o olhar perdido no horizonte, e depois suspirei:

— Estou tentando, minha mãe, estou tentando... Deus sabe o quanto...

Ela me abraçou, beijou minha testa e disse:

— Vamos lá! Quero que você conheça a pirâmide que está sendo construída aqui, para ajudar a melhorar a saúde desse povo sofrido. Eis um dos mais importantes projetos atlantes, que auxiliará muito no progresso da civilização da terceira dimensão.

Eu concordei e, pouco depois, estávamos seguindo com o grupo de trabalhadores de Atlântida até uma pequena pirâmide de pedra, que hoje em dia não existe mais; ela foi substituída por outras construções similares nesse local.

Obviamente que toda e qualquer manipulação energética ou “mágica” na Atlântida ocorria por intermédio do poder da mente, sem a necessidade de rituais ou comandos. Entretanto, tivemos que criar esse método de fixação mental para os habitantes do mundo primevo, que possuíam péssima concentração e precária interação com o mundo espiritual. Ali nasceram os rituais e “comandos cantados”, que se tornaram tão comuns nas religiões da Terra e que, hoje em dia, já estão em processo de extinção, com a natural evolução da humanidade.

Pouco a pouco, novas formas de entendimento espiritual, como o Universalismo Crístico, farão o homem do terceiro milênio compreender que os rituais são mecanismos primitivos para manter o iniciado sintonizado com o exercício espiritual a ser realizado, sendo desnecessário para a realização de uma verdadeira e eficiente conexão com o mundo espiritual superior e com Deus. Algo semelhante a uma criança que necessita de rodinhas auxiliares para aprender a andar de bicicleta, sem cair. Chegou a hora de a humanidade retirar as rodinhas auxiliares e pedalar sem medo, sentindo a brisa da liberdade em seu rosto.

Nós ficamos abraçados, acompanhando pela janela da nave os acenos do povo lá embaixo. Naquele instante, lembrei-me de quando chegamos, avistando aquela mesma cena, e tive uma atitude de repulsa, ao ver aquele povo simples e sem brilho. Agora os via com outros olhos, via-os como irmãos que precisavam de apenas um empurrão para chegar ao nível de civilidade que a Atlântida já havia atingido.

E esse era meu grande desafio: eu tinha descoberto um grande desafio, um objetivo para dedicar-me na vida. Agora,

Três encontros

Na semana seguinte ao nosso retorno a Atlântida, recebi um convite para me encontrar com Gadeir, em seu escritório, no Ministério das Relações Institucionais. Atlântida tinha um governo descentralizado, mas as principais decisões sempre partiam da capital Poseidonis.

O pai de Evelyn, mestre Nasser, exercia as funções de primeiro ministro, ou seja, aquele que levava o Conselho e os demais ministérios a uma decisão consensual. Na época de ouro, esse trabalho era tranquilo e pouco polêmico. Mas, nos últimos anos, Gadeir, atlante de origem capelina, assim como eu, começou a se destacar, com sua linguagem envolvente e de difícil contestação. Ele era um hábil político, porém muito ambicioso. Essa era uma característica muito clara dos capelinos.

mente, a chegada ao poder dos atlantes-
capelinos mudaria o
cenário administrativo da Grande Ilha e
traçaria o caótico perfil
da civilização terrena dos milênios futuros.

O rumo que as coisas estavam tomando
no continente
atlântico me preocupava. No lado oriental,
Atlas tinha assumi-
do o controle e parecia reger com poderes
absolutos. Existia a
figura do Conselho dos Anciãos, e seu
poder parecia intocável,
mas todos percebiam que nenhuma decisão
de Atlas era ques-
tionada.

No lado Ocidental, na Atlântida
Americana, Gadeir repetia
a mesma história. Era notório que os dois
competiam entre si,
e eu tinha a certeza de que Gadeir não
gostava nada de sua
desvantagem em relação a Atlas. Eu
pressentia que, a qualquer
momento, ele tentaria sobrepor-se ao
Conselho de Poseidonis,
para ficar com poder igual ao de seu rival.
Por causa de todos
esses fatores, o convite para reunir-me com
Gadeir me colocou
em preocupante estado de alerta.

Naquela mesma tarde, dirigi-me ao
amplo prédio onde se-
ria realizada a reunião. Aquela moderna
edificação fora cons-
truída com a técnica das “paredes
transmutadoras”, ou seja,
ficavam transparentes apenas com um
comando mental. Mais

sal de mil maneiras diferentes e em diversas aplicações. O Vril, elemento central da vida em Atlântida, para a humanidade atual é pouco mais que um plasma de difícil manipulação em laboratórios. A ciência da humanidade atual está tão atrasada no domínio do quinto elemento que até mesmo os sensitivos menos esclarecidos conseguem resultados superiores aos poucos cientistas que se detêm no estudo da energia prânica.

Atravessei os amplos corredores em passos lentos. O convite era aparentemente informal, apenas solicitando minha presença, não marcava hora específica.

Eu, então, senti grande vontade de falar com o mestre Nas-ser. Apesar de ser meu sogro, não tínhamos muita intimidade. Seu trabalho não lhe dava muito tempo para a vida social, e eu não gostava de incomodá-lo, pois sabia o quanto era ocupado. Entretanto, seria muito útil, antes de me encontrar com Gadeir, conversar com o sábio mestre, o qual se diferenciava do perfil comum por seus cabelos e barba longos e brancos, lembrando os antigos sábios chineses.

Naquele mesmo instante, recebi uma mensagem telepática dele, pedindo minha presença. Eu sorri e falei para mim mesmo:

Otimo! Preciso desenvolver esse

— Mestre Nasser, seus sábios conselhos me são sempre muito valiosos. Já que você percebeu meu encontro e o que está em meu íntimo, estou certo de que também está a par do que me preocupa nessa inesperada reunião com Gadeir.

Ele se sentou ao meu lado e falou, enquanto apreciava a beleza da serena fonte d'água à nossa frente:

— Sim, no curto período em que você esteve no mundo primevo, muitas coisas aconteceram. Foram acontecimentos previsíveis, porém determinantes para atingirmos com segurança que o roteiro de paz e harmonia de nosso país está seriamente comprometido.

Nasser suspirou, demonstrando cansaço, e concluiu:

— Atlas está realizando um trabalho poderoso de coerção no lado oriental da Grande Ilha. Sutilmente, ele calou o grande Conselho, utilizando-se de técnicas hipnóticas sorrateiras. Muitos atlantes da velha guarda desconhecem esse ardil para atender a interesses mesquinhos.

— Então, vamos “despertar” o Conselho e nos rebelar contra esse lobo disfarçado de cordeiro — afirmarei com firmeza.

Nasser sorriu e respondeu, com timidez: — Andrey, nós somos espíritos que

Eu abaixei a cabeça, meditei por alguns segundos, depois falei, com entonação triste: — Então é inevitável mesmo, iremos destruir esse paraiso.

Nasser colocou a mão sobre meu ombro e falou com sabedoria e firmeza:

— O futuro está em constante movimento. Não existe fatalismo na vida criada por Deus. Entretanto, os rumos que o destino está tomando levar-nos-ão, inevitavelmente, à guerra. E isso não depende apenas de Atlas e Gadeir. A nova geração da Atlântida apoia indiretamente essa tendência, com sua forma desequilibrada de pensar e agir. Cada povo sintoniza-se com o governo que deseja e merece. Os atlantes-capelinos desejam, e seu inconsciente, homens como Atlas e Gadeir para governá-los.

Eu fiz um sinal afirmativo, compreendendo a linha de raciocínio de Nasser, e perguntei:

— O que devo falar para Gadeir? Como devo agir nesse encontro?

— Você deseja a guerra? Quer participar dela?

— Claro que não! — respondi, um tanto alterado.

Minhas mãos ficaram trêmulas e nervosas, inclusive, sequei-as no uniforme que vestia dos sacerdotes do Vril, para disfarçar minha apreensão.

dindo quando ele me disse, fitando-me com seus olhos negros: penetrantes

— Outra coisa, diga a mesma coisa para Atlas, quando falar com ele. Os dois possuem perfis psicológicos semelhantes. Crejo que assim você ficará livre desse assédio quase obsessivo que sofrerá. Faça os dois saberem que você não está partidário de nenhum lado. Depois pensaremos em alternativas.

Eu me surpreendi com aquela afirmativa e perguntei:

— Atlas vai querer falar comigo também?

Násser esboçou um sorriso triste e falou:

— Andrey, você é um dos mais importantes sacerdotes do Vril. Quem não gostaria de ter você em seu exército?

— Exército? — pensei assustado. Meu Deus, que loucura iremos fazer nessa terra sagrada!

Depois de meditar sobre isso, cabisbaixo, voltei para o mestre e concordei, com imensa tristeza no olhar. Creio que Násser percebeu isso, porque se compadeceu de minha dor, ofertando-me um forte abraço.

Naquele momento, eu passei a perceber que dominar o Vril não era uma bênção assim tão maravilhosa. Talvez fosse uma dívida em um mundo perfeito, onde os homens procurassem

nistério, amarrando meus longos cabelos
louros à moda rabo
de cavalo, com respiração opressa e olhar
voltado para meus
passos, mil pensamentos passaram céleres
por minha mente.

Ao chegar ao escritório de Gadeir, nem
percebi as gentile-
zas de sua secretária. Sentei-me em uma
poltrona, na sala de es-
pera, perdido em meus pensamentos e
imaginei que iria esperar
por longos minutos, já que não tinha
marcado hora. No entanto,
fui atendido imediatamente. O dissimulado
capelino levantou
de sua cadeira e me abraçou de forma
muito amigável. Eu mal
o conhecia, só o tinha visto, até então, em
cerimônias oficiais.

Gadeir era um homem alto, de pele
clara, cabelo longo e
liso, como era comum entre nosso povo, e
parecia ser muito
maduro para ser um atlante-capelino. Creio
que ele deveria ter
sido um dos primeiros exilados de Capela
a reencamar na Terra.

Sem dúvida, sua personalidade era
muito forte, porém sa-
bia agir com delicadeza, para não
demonstrar as imperfeições
de sua alma. Além do mais, sabia como
seduzir a arrogante e
vaidosa nova sociedade que surgia. Como
afirmei, éramos ex-
celentes políticos, hábeis na arte de enrolar
e agradar a todos,
mesmo sem ter nada de útil a dizer.

lha sobre nós. Já ouvi comentários sobre isso. Todos dizem que ele anda afirmando que os vermelhos não são tratados mais em regime de igualdade pela administração da capital.

Eu sorri intimamente e resolvi implicar com Gadeir:

— Dizem? Todos? Quem diz?

Ele estranhou minhas perguntas e respondeu:

— Você sabe, Andrey, as pessoas, todas elas falam isso.

Logo percebi que Gadeir generalizava, distorcendo a realidade, para atender aos seus interesses. Na verdade, para ele não interessava o que Atlas disse ou fez. Ele apenas desejava remover aquele obstáculo de seu caminho, independentemente dos fatos.

Levantei-me e caminhei de um lado ao outro da sala, meditando sobre suas palavras, até que resolvi provocá-lo:

— Acredito que, em parte, Atlas tem razão. É possível perceber que aqui no lado ocidental do continente os melhores cargos públicos estão sendo passados para as mãos da raça branca. E creio que Atlas deve estar fazendo o mesmo com a raça vermelha, em seus domínios. Já é possível perceber grande migração dos atlantes da raça vermelha para o outro lado do continente, como se estivessem em fuga.

vida com mais profundidade que os leigos.
Nisso eu acredito.
Nossa arrogância será nossa ruína. Um
pouco de humildade
e reconhecimento de nossas fraquezas talvez
contivesse nossa
desgraça.

Gadeir desconsiderou minhas alegações
e atalhou:

— Bom, filosofias à parte, eu
gostaria de convidá-lo a estar
ao nosso lado nesse momento delicado pelo
qual nossa pátria
está passando. Necessitamos de todo o teu
poder com o quinto
elemento, para mantermos a ordem e a paz.
Precisamos de você
e também do poder de Evelyn, para manter
viva nossa nação.
Somente colocando um freio nas pretensões
de Atlas prosseguiremos
no caminho do progresso.

Eu me mantive em silêncio por alguns
segundos, depois
falei, de forma serena:

— Se as coisas seguirem pelo rumo
que você está dizendo,
entraremos, inevitavelmente, em guerra
contra a raça vermelha.
Nosso povo será dividido entre os do
ocidente e os do oriente;
entre os brancos e os vermelhos. Quando
isso acontecer, para
mim nossa pátria já estará morta.

Gadeir me olhou com irritação e
aguardou minha conclusão.
Eu preferi me posicionar, então,
conforme Nasser havia me
orientado.

aparentemente, pouca importância aos meus pensamentos. Acredito que sua arrogância, no fundo, fez-lo crer que eu cederia em breve.

— Pois bem, eu gostaria de pedir-lhe, então, apenas um favor, antes de sua partida. Leve até Atlas uma última manifestação de minha parte, para resolvermos essa questão de forma pacífica.

Mestre Násser estava certo. Gadeir queria me estudar e, ao mesmo tempo, analisar se eu teria alguma inclinação a apoiar Atlas. Tentei esquivar-me do compromisso.

— Por que você precisa de mim para essa tarefa? Basta comunicar-se diretamente, pelo intercomunicador, com o escritório de Atlas no hemisfério oriental.

Esse aparelho reproduzia som e imagem em tela de cristal, como um videofone da civilização atual.

— Prefiro que você vá até lá para conhecer pessoalmente Atlas e perceber suas intenções. Você é inteligente e é perspicaz. Vai logo perceber quem é esse camponês que ousa desejar para si o poder absoluto de nossa pátria. Talvez isso faça você mudar de ideia ou, então, motive-o a dar seu apoio ao lado certo, no momento em que isso for necessário.

Todos os tiranos são assim. Acreditam que o seu é o lado certo e justo. Eu desprezei seus

suas sombrias intenções,

Durante o jantar, Atônís, meu pai, falou com pesar:

— Acredito que chegou o momento de selecionarmos os atlantes-capelinos que deveremos instruir e enviar para o mundo primevo, antes do fim, conforme combinamos, depois daquela inesquecível manifestação do Grande Espírito no templo da Grande Pirâmide.

Nossos pais concordaram, e eu tive a sensação de *déjà vu*, recordando aquele memorável encontro, quando eu e Evelyn ainda nos encontrávamos no plano espiritual. Entusiasmado com a recordação, eu relatei a experiência mística a todos, com empolgação.

Criste sorriu e falou com carinho:

— Meu filho, você não estava nem em minha barriga ainda nesse dia. Como pode se lembrar de um evento que não presenciou?

Todos sorrimos, e eu disse, com grande euforia:

— Sim, eu sei. Nós estávamos lá em espírito, querida Cris-te. Foi nesse momento que fomos apresentados a vocês, nossos futuros pais, e fomos autorizados a assistir à preleção desse espírito iluminado que falou sobre o destino da Grande Ilha, caso os capelinos não seguissem pelo caminho da Luz.

Eu passei então a relatar detalhes de

Todos nós concordamos silenciosamente com aqueles ábios dizeres de Artemis. Evelyn, então, perguntou:

— Minha mãe, o que é o espelho de cristal? Como assim entrar na quinta dimensão?

A nobre mestra do Vril colocou a mão sobre o joelho da filha e falou:

— O espelho de cristal é uma peça perfeita, que se encontra dentro da Grande Pirâmide. No passado, alguns de nossos sábios conseguiam abandonar o corpo físico e entrar em espírito nesse espelho, acessando diretamente o mundo dos imortais, de onde todos nós viemos. A esfera física, como você bem sabe, é apenas um campo de experimentações para a evolução da alma.

Ficamos muito impressionados e, então, perguntei:

— E vocês entravam também por esse espelho?

Nossos pais confirmaram, com um gesto emocionado. Atônias chegou até a deixar escapular uma solitária lágrima, quando disse:

— Sim, em uma época em que nosso reino era regido pela paz e pelo amor incondicional. Hoje em dia, só conseguimos olhar através do espelho e ver a dimensão da quinta-essência. Algumas vezes, ouvimos conselhos dos mestres da Luz.

quarto e, quando desejava brincar e estava chovendo, manipulava as nuvens. Como revelar-te ainda mais poderes, meu filho?

Ficamos todos, por alguns instantes, em absoluto silêncio, até que Evelyn resolveu mudar de assunto e se colocou à disposição para auxiliar no projeto de preparar o pequeno grupo de atlantes que viriam a ser instruídos pelos mestres e que partiriam para a Terra primitiva, antes do fim de Atlântida.

Nasser, então, atalhou, dizendo, de forma suave e elegante:

— Não, minha filha, você deve partir com Andrey para o mundo primevo o mais breve possível. É importante que vocês fiquem longe da Grande Ilha. Enquanto o espírito da guerra pairar sobre nossa pátria, vocês não terão sossego. A medida que os atritos forem se intensificando, cada vez mais aqueles que dominarem o quinto elemento serão assediados para tomar partido no infeliz combate.

Aquela advertência fez-me lembrar de Arnach. Eu precisava demovê-lo da ideia de apoiar Gadeir e quem sabe até convencê-lo a partir conosco. Isso seria bem difícil, ainda mais diante de seu notório desprezo pelo mundo primevo ou “terra dos macacos”, como ele também costumava chamar

viverá a terra de Poseidon.

Ela, então, demonstrando espírito muito mais fraterno que o meu, disse-me:

— Andrey, você está pensando somente em nossa fuga para o mundo primevo. Eu choro pelos que vão morrer nessa luta insana, por aqueles que não receberão nosso auxílio. Nem todos os que vivem na Grande Ilha são espíritos guerreiros. Muitos sucumbirão sem reagir à violência dos fortes, inclusive nossos pais. Ou você acha que eles pegarão em armas para defenderem-se?

Só, então, parei para pensar na sorte dos milhões de habitantes de nosso mundo. Até aquele momento, eu pensava somente em mim e em Evelyn; para dizer a verdade, somente em mim mesmo, porque a ideia de perdê-la me causava forte desequilíbrio emocional, e isso eu queria evitar, de qualquer forma.

Fiquei atrás dela, em silêncio, beijando sua cabeça, com o olhar perdido no céu, por longos minutos, até que eu disse:

— Vamos dormir. Amanhã tenho um encontro com Atlas. Vamos ver se eu posso, de alguma forma, ajudar a evitar o inevitável.

No dia seguinte, pela manhã, ainda bem cedo, ingressei em uma das aeronaves de longo deslocamento, para atravessar o continente rapidamente e me encontrar com

ficou o Alto e o Baixo Egito e, posteriormente, como Moisés, o profeta do Deus Único. Sua personalidade era tão poderosa que o nome Atlântida nunca existiu para nós. Chamávamos nossa pátria de terra de Poseidon ou de Grande Ilha. Quem a designou pelo nome Atlântida foram os habitantes do mundo primitivo, que faziam fronteira com o lado oriental, entre eles, os gregos primitivos. Quando Atlas tentou anexar aqueles territórios para fortalecer seus exércitos, os antigos gregos, assustados, chamaram a terra de Poseidon de Atlântida, que significava terra de Atlas.

O retrato que fizeram desse grande homem, um gigante carregando o mundo nas costas, refletia bem o respeito e o medo que ele impunha a esses povos da dimensão primeva. Mas isso será narrado com mais detalhes no segundo volume deste trabalho, chamado *Atlântida - No Reino das Trevas*.

Eu nunca o tinha visto pessoalmente. A primeira impressão que tive foi bem satisfatória. Ao contrário de Gadeir, ele era bem sincero, direto e totalmente avesso a rodeios.

Ele me serviu um copo de suco de frutas e falou:

— Beba, a viagem é rápida, mas

— Não o conheço, mas gosto do seu jeito. Prefiro lidar com pessoas francas, que dizem o que pensam.

Ele sorriu e falou de um jeito sarcástico:

— Gosto de você também, apesar do seu jeito afetado, típico dos que residem na capital da Grande Pirâmide. Então, você está comigo nessa luta?

Eu dei uma gargalhada por causa de seu jeito franco e falei:

— As coisas não são assim tão simples. Na verdade, não acredito que a guerra vá resolver algo. Na verdade, as únicas vencedoras em uma guerra são a morte e a tristeza.

Atlas retribuiu a risada franca e falou:

— Deixe disso! Você pode tomar um grande guerreiro ao meu lado. Escolha que região deseja governar, e eu te darei. Pode ser até mesmo Poseidonis. Não ligo para a capital dos brancos.

Eu meneei a cabeça, atordoado com seu estilo prático e direto, e falei:

— Meu pai me ensinou que guerra não toma o homem grande. Pelo que vejo, essa será uma guerra racial: vermelhos contra brancos. Eu não seria bem recebido entre teus homens.

Atlas fez uma expressão de contrariedade e respondeu:

— Negativo. Não tenho nada contra brancos honrados, assim como você. Só quis dizer que a

Ele, então, logo percebeu meus pensamentos e disse:

— Talvez você tenha razão. De qualquer forma, alguém tem de fazer algo. Ou devemos deixar o destino da terra de Poseidon nas mãos de Gadeir?

Eu concordei, com um gesto sereno, e disse-lhe:

— Certamente não!

Ele assentiu com a cabeça, mostrando que estávamos seguindo a mesma linha de raciocínio, e perguntou-me:

— Então, você acha que fugindo para o mundo primevo dará sua contribuição para resolver esse impasse?

Ele esboçou um sorriso sutil e continuou:

— Talvez para você resolva. O que te importa o destino de nosso povo? Posso ser arrogante e egocêntrico, mas não sou egoísta. Não entrego o destino de meus irmãos à própria sorte. Vou lutar por minhas convicções.

Atlas tocou em um ponto que vinha me preocupando, desde a noite anterior. Certamente ele tinha captado meus pensamentos e aflições por causa das palavras de Evelyn. Depois de alguns instantes de hesitação, retruquei, bem mais sério:

— Você está me julgando mal. Tenho também minhas convicções e desejo ajudar os habitantes de nossa terra. Infelizmen-

— Agora preciso ir. Eu já cumpri
a tarefa que me trouxe
até aqui.

Atlas sorriu e confirmou, com um gesto
sereno:

— Sim, você cumpriu. Que o olhar
do Espírito Criador

acompanhe sua jornada no mundo de

Entrevista com Kundò

Alguns dias tinham se passado. Era madrugada. Atlântida repousava mergulhada em profundo sono, mas eu não conseguia pregar o olho. Levantei-me e percebi que Evelyn dormia o sono dos anjos. Lavei o rosto e fui até o templo da colina do Sol, utilizando um veículo extremamente silencioso. Durante o percurso, eu podia até mesmo ouvir o barulho sutil dos animais e insetos da noite. Os atlantes da época de ouro consideravam o sono algo sagrado. Praticamente não existia vida noturna, inclusive nos grandes centros. Mas, em breve, tudo mudaria.

A atmosfera sublime de Atlântida já não era mais a mesma. O clima febril, típico dos tempos que antecedem as grandes guerras, já se fazia presente.

Entrei no templo com passos lentos, chegando suavemente

questão. Foi feito um alinhamento perfeito com o cinturão de Orion, que é popularmente conhecido como as Três Marias.

Os egípcios primitivos acreditavam que vínhamos do céu, quando os visitávamos, mais precisamente, da constelação de Orion. Por isso eles decidiram alinhar as pirâmides com essas três estrelas, fato que resultou em vibração energética fútil para a Terra, haja vista que no platô de Gizé localiza-se um dos principais centros de força do planeta.

O Sol encontrava-se agora no signo de Virgem, e a velha Lua, passando por ele, estivera visível no céu naquela manhã. Agora, ocultara seu rosto, abandonando a noite a glória das estrelas, permitindo magnífica apreciação da abóbada celeste.

Preso em meus pensamentos, nem percebi quando se aproximou, com passos lentos, o sacerdote da chama violeta, mestre na ciência da energia das cores, chamado Kundō. Ele viria a ser conhecido no futuro principalmente pela personalidade de José, pai de Jesus, e por sua mais importante encarnação como conde de Saint Germain, o regente da era de Aquário.

Evelyn era muito amiga de Kundō e dedicava um dia da semana para ajudá-lo nos estudos e nas energias realizadas.

O sábio atlante deu de ombros e respondeu:

— É possível. Mas diga-me, jovem Andrey, o que o traz ao templo uma hora dessas? Abra teu coração. O descendente de meu grande amigo Atônis é como se fosse meu próprio filho.

Eu coloquei as mãos no rosto, tentando desanuviar meus confusos pensamentos, e respondi:

— Perdi o sono. Não quis incomodar Evelyn e resolvi meditar no templo do Sol. Esse lugar não traz tanta tranquilidade. Ele me faz lembrar minha infância. Época maravilhosa de minha vida, parece até que consigo me ver correndo de mãos dadas com Evelyn por esses corredores.

Kundô sorriu e disse:

— Sim, eu me lembro de vê-los assim, quando vinha aqui visitar seus pais. Você e Evelyn nasceram um para o outro, verdadeiramente.

Aquelas palavras do grande mestre me emocionaram muito, ao ponto de uma grossa lágrima correr por minha face. Meus olhos ficaram úmidos, e eu o abracei.

Em seguida, abri meu coração, sem reservas:

— O momento que estamos vivendo tem me preocupado muito. Sinto que devo me isolar para evitar que o poder do Vril que emana de minhas mãos seja utilizado para o mal. Não quero

O sábio mestre suspirou e falou, enquanto olhava ao nosso redor, como se enxergasse coisas que me eram invisíveis.

— A energia que nos circunda já é de outra natureza. A atmosfera de nosso mundo já está intoxicada, excitando as almas que estão em frequência inferior. Agora só nos resta rezar. Acalme teu espírito, meu filho. Eu sinto que um vulcão está pronto a emergir em teu peito, e cabe somente a você controlá-lo. Isso pode definir teu futuro para os próximos séculos. Vocês, oriundos de Capela, necessitam vencer os traumas gerados pelas vivências turbulentas que causaram o seu exílio para a Terra.

Eu concordei, com um gesto, e ele prosseguiu:

— A Alta Espiritualidade de nosso mundo acreditou que a encarnação de espíritos capelinos menos endividados na quarta dimensão poderia permitir que esse reino místico continuasse a realizar sua tarefa de promover o progresso na dimensão primeira. Isso realmente seria muito importante e necessário, mas creio que não se confirmará. A terra de Poseidon e todo o seu avanço tecnológico deverão desaparecer, para permitir que uma nova era, de evolução mais grosseira e distanciada do Espírito Criador, ocorra na Terra. Existem coisas

e Evelyn devemos partir para o mundo primevo, com o objetivo de evitar o assédio que sofreremos para aliar nossa força do Vril para servir a um dos lados nessa batalha insana. Vocês, atlantes da era de ouro, jamais seriam seduzidos, hipnotizados ou enganados a isso. Mas nós, os atlantes-capelinos, podemos vacilar.

Em breve, homens como você, mestre Kundô, partirão para dimensões superiores, enquanto nós descenderemos definitivamente para a dimensão primeva, para, naquele palco rudimentar, evoluirmos, em futuras e dolorosas reencarnações.

Kundô sorriu, irradiando maravilhosa energia de paz, e falou:

— Não esteja tão certo disso. Amo esse mundo e trabalharei por ele, enquanto Deus permitir. Mas, isso mesmo, Andrey, parta logo. Aprenda muito nesse novo mundo. Isso te será de grande valia. E não vá para as colônias da Atlântida Americana. Eu quero que você conheça o lado oriental, principalmente uma região maravilhosa onde existe um longo rio que desemboca em um delta, antes de chegar ao mar. Essa será uma das primeiras regiões a adquirir visível progresso no mundo da terceira dimensão.

Ele estava se referindo ao Vale do Nilo, futura terra de Kemi que conhecemos hoje em dia como

vir até aqui iluminar minha alma perturbada. Agora me sinto em paz.

Ele me abraçou e disse:

— Sentiremos saudades de você e de Evelyn, mas é o que deve ser feito. Siga e mantenha-se na paz de Deus, independentemente do que acontecer. Procure viver em puro equilíbrio. Não permita que a ação das trevas desestabilize sua harmonia interior.

Kundô olhou-me, então, de forma especial e concluiu, enquanto apertava firme meu ombro:

— E lembre-se: o lado negro é sedutor. Mantenha-se firme na fé e na filosofia de vida que seus pais te ensinaram. Jamais esqueça tudo de bom que eles sempre te proporcionaram. Nem todos os tesouros da Terra pagariam a vida que você teve até agora.

Eu abracei o sábio mestre e disse-lhe, sem dar a devida importância às suas palavras:

— Assim eu farei.

Depois dessas palavras, ficamos em silêncio, e Kundô percebeu a sombra que se projetou sobre minha alma. Ele me perguntou do que se tratava, e eu lhe disse:

— É um sonho que me persegue, eu diria até que é um terrível pesadelo. Eu me vejo só, sem Evelyn. Ela desaparece de minha vida, não sei como, e eu me vejo solitário em um castelo no

é agir da maneira correta, diante das tormentas da vida.

Kundô colocou a mão sobre o queixo, meditando sobre suas próximas palavras, e prosseguiu:

— Muito tempo antes de dominarmos o Vril, éramos um povo navegador. Poseidon representava o deus dos mares. E

você sabe por que sempre dominamos os mares? Porque o respeito

avíamos e tomávamos a decisão correta, independentemente

dos humores de Poseidon. Iioje, o deus dos mares tornou-se

apenas uma lenda. Evoluímos ao ponto de entender que Deus é

algo muito maior que tempestades do mar. O Espírito Criador é

o todo, absolutamente onipresente.

Depois de sua exposição, ele me perguntou, com seus vivos

olhos penetrando em minha alma, procurando tirar-me de meu

sombrio estado de espírito:

— Você compreende? Depende apenas de você tomar a

decisão correta, independentemente da situação que o destino

lhe apresentar. O mundo pode se tornar mau, a Grande Ilha

pode mergulhar em trevas, agora, seguir o caminho da luz ou

da sombra depende somente de você. Somos almas livres, que

decidimos nosso destino.

Kundô olhou para o céu, suspirou e profetizou:

Cada um de vocês poderá escolher

travesseiro e com as pernas encolhidas. Seus longos e lisos cabelos estavam esparramados sobre meu lado da cama.

Eu os ajeitei cuidadosamente e deitei ao seu lado. Ela virou-se para mim, sem acordar, e segurou em minha mão. Fiquei ali, com meus vivos olhos azuis a observar, fascinado, aquele encantador rosto dormindo o sono dos anjos, enquanto ela estava longe e sonhando.

Evelyn, então, sorriu enquanto dormia. Coisa linda! Será que sonhava comigo? Poderia passar minha vida inteira naquele

Capítulo 9

O mundo dos sonhos

Naquela tarde, o Sol brilhava alto na capital dos atlantes, e uma ideia não saía de minha cabeça: eu precisava pedir a Artemis para ver o espelho de cristal. Já tinha ouvido falar da possibilidade de comunicação com o mundo da quinta dimensão, o mundo plenamente espiritual, mas, ultimamente, passara a acreditar que se tratava de lendas, e não que fosse algo real e palpável.

Eis um dos mais notáveis traços dos capelinos: a descrença naquilo que os sentidos físicos não captam, apesar de vivermos em uma dimensão mais sutil que os homens que descendiam dos macacos.

Desde que chegamos do sistema estelar de Capela, mesmo tendo diversos motivos e comprovações de existência espiritual superior, parecia que insistíamos em não

Claro que, por causa da criação que recebi de meus pais e por minha sempre natural sensibilidade, jamais desmereci a existência da vida imortal, apenas andava entorpecido pelos cinco sentidos físicos, algo comum entre cientistas, mesmo os que trabalham com energias transcendentais, como era nosso caso.

Assim, a possibilidade de ver isso com meus próprios olhos terminou por deixar-me particularmente ansioso. Era uma união entre meu lado científico e o místico, características sempre presentes em minhas existências, tanto na Terra como em Triade.

No final da tarde, aguardei Ártemis terminar suas atividades na Grande Pirâmide. Eu sabia que, naquele dia, ela iria ao templo da chama de Antúlio para orar, e lá a esperei.

Logo ao entrar, ela percebeu minha presença. Eu estava meditando em um dos espaços dedicados a essa prática no templo. Ela me olhou, desconfiada, e perguntou-me, intrigada:

— Andrey, o que você deseja?

Eu abri os olhos e respondi com outra pergunta:

— É tão incomum me ver em estado de oração?

Ela meneou a cabeça, enquanto se sentava em posição de lótus. Naquele instante, a bela e sábia mentora vestia uma

Eu me aproximei, de cócoras, e disse-lhe, quase em tom de súplica:

— Por isso estou pedindo para uma grande mestra. Vamos tentar, minha mãe! Eu preciso viver essa experiência, antes de partir para o mundo primevo. Atenda ao meu pedido, por favor. Não sei se terei outra oportunidade. Talvez eu jamais volte à Grande Ilha.

Ela meditou por alguns instantes e, depois, respondeu, com um brilho no olhar e um tom de voz sereno e conciliador:

— Sim, meu filho amado, nós podemos tentar.

Naquela encarnação, talvez pela natureza feminina, Hermes raramente se negava a atender meus caprichos e curiosidades. Mas, hoje em dia...

Ela se levantou, e caminhamos em silêncio até o amplo salão onde eu a havia visto pela primeira vez, antes de reencarnar. No canto oposto, coberto por uma cortina vermelha, estava o imponente espelho de cristal. Eu me aproximei com passos lentos e fiquei meditando, quase em estado de oração.

Logo em seguida, os gatos vigilantes da pirâmide se aproximaram, com miados discretos, e avaliaram nossa frequência espiritual. Depois de atestarem nossa elevada sintonia, afastaram-se.

— Esse espelho não me deixa mentir.

Ela sorriu com meu elogio espontâneo, deu-me um beijo e falou:

— Você sim, está se tornando um grande homem. Fico feliz por minha filha ter encontrado a felicidade ao seu lado.

Eu baixei a cabeça, com o rosto corado, e falei:

— Sim, eu amo Evelyn demais. Ela é um inesquecível presente de Deus. Jamais esquecerei essa imensa oportunidade que recebemos. Apesar de nossa origem capelina, foram-nos dadas maravilhosas bênçãos em nossa primeira aventura evolutiva na Terra.

Ela meditou por alguns segundos, antes de refletir sobre minhas palavras:

— Meu filho, a quem muito foi dado muito será pedido. SÓ o que te peço é: seja digno da graça divina que você recebeu. Se você e Evelyn viverem essa existência com dignidade e dedicados ao trabalho pela evolução da Terra, terão seu passado delituoso em Capela resgatado.

Eu fiz um sinal afirmativo com a cabeça e, em seguida, confessei-lhe:

— Eu sei, por isso quero ir para o mundo primevo dedicar-me a auxiliar nossos irmãos que vivem difícil jornada naquele

nos recebeu falou diretamente a mim:

— Andrey, nós resolvemos atender às tuas orações realizadas há pouco no templo da chama de Antúlio. Nós queremos que você compreenda a amplitude da vida espiritual. Acreditamos que isso ajudará a estabilizar teu coração, durante a terrível provação que a terra de Poseidon viverá.

Eu assenti, com um sincero movimento de cabeça, sem compreender o porquê daqueles seres superiores se preocuparem tanto com minha compreensão das coisas. No entanto, naquele momento, não dei atenção a isso. Eu estava maravilhado com o espelho de cristal e suas possíveis aplicações. “Gostaria de ter um desses em casa” — pensei.

Do lado da quinta dimensão, o espelho era apenas um vidro transparente, que permitia enxergar, a todo instante, o que se passava na sala do templo. O mais impressionante é que meu corpo físico e o de Ártemis estavam lá, do outro lado, em estado sonambúlico.

Artemis, então, chamou minha atenção: — Vamos Andrey, nosso guia está nos convidando a acompanhá-lo. Nossos corpos de manifestação física estarão seguros no templo. As portas estão fechadas; ninguém entrará. Não há

tou terminando minha caminhada na Terra. Devo ascender a esferas ainda mais superiores, em outros mundos. Um dia você viverá experiência semelhante. Existe apenas uma coisa inevitável na criação de Deus: que nos tornemos seres iluminados. Uns chegarão lá mais rápido, por seu esforço; outros levarão muitos milênios, por sua teimosia em rejeitar o roteiro de Luz.

Ele tocou gentilmente meu ombro e continuou:

— Mas o que desejo te mostrar não é a luz, e sim as trevas. Acompanhe-me, por favor, vou levá-lo às esferas inferiores da dimensão espiritual. Eu segurei em sua mão, e fizemos, instantaneamente, uma viagem a uma frequência densa do mundo astral. Lá o ambiente era pesado, semelhante à terceira dimensão da Terra. Através de todos os canais sensoriais, eu percebia somente dor e sofrimento. As imagens eram densas e obscuras; o cheiro era de enxofre e gases fétidos; a sensação era de frio e umidade, mesmo estando próximo a grandes labaredas, que pareciam surgir do nada. Logo surgiram à nossa frente várias sofredoras, arrastando correntes, com o corpo coberto de chagas. Uma delas se jogou à nossa frente e passou a gritar:

Perdoa-me, meu Deus! Dá-me

navam e dominavam aquela legião de espíritos sofredores. Havia uma hierarquia. Todos desejavam o posto de capataz, para gozar de privilégios junto aos magos negros que coordenavam aquele funesto lugar.

Os que conseguiam a condição de domínio logo impunham terrível sofrimento e terror àquela turba de almas falidas. Enquanto isso, os senhores daquele vale de sombras criavam um mundo ilusório, dentro de seus castelos, usufruindo de tudo o que suas poderosas mentes criativas podiam conceber.

Aquela cena inusitada me chamou a atenção e perguntei:

— Como eles conseguem criar um paraíso no meio desse inferno?

O guia espiritual que nos acompanhava respondeu, reticente:

— O mundo é mental, meu filho. Podemos viver na realidade de nossa evolução, rumo aos braços de Deus ou, então, criar um mundo fantasioso, ilusório, para nos esconder de nossos erros cometidos na caminhada rumo à grande harmonia universal.

Eu havia entendido. O homem moderno ainda encontra-se escravizado a um rosário infundável de religiões, que ainda impõem seus costumes aos fiéis, em vez de oferecer-lhes a liberdade.

atrai um homem ainda aprisionado aos desejos da carne, algo típico de almas escravas da natureza humana.

Utilizando vigoroso poder mental e vontade induzida, eles construíam para si o mundo que desejavam, alimentando-se das energias geradas pela turba de sofredores em conflito ao seu redor, adiando, temporariamente, o encontro inevitável com suas próprias consciências.

Aquela cena me deprimiu. Logo percebi que a intenção em me mostrar era alertar-me para os perigos de cair na tentação de usar o Vril para alimentar a guerra iminente e para buscar poder ilimitado, a maior tentação entre aqueles que ainda estão sujeitos à sedução do lado sombrio.

Eu meditei por alguns instantes e, depois, disse-lhes:

— Isso é muito triste! Acho que já vou o bastante. Gostaria de voltar agora para nosso mundo.

Retornamos em silêncio até o espelho de cristal e, depois de rápidas despedidas, voltamos aos nossos corpos, que nos aguardavam em estado sonambúlico, na dimensão do continente atlântico.

Apesar de eu ter me chocado com as informações observadas no plano astral, minha mente perspicaz analisou e estudou com profundidade todo aquele estranho

muitos de seus dilemas. Entretanto, o homem moderno tem medo do silêncio. Ele foge do encontro com sua voz interior. Ao chegar à sua casa, liga desesperadamente a televisão ou o rádio, para não ter que ouvir sua própria consciência, em busca de resposta e iluminação. Prefere entorpecer-se, escravizando-se, mais uma vez, ao mundo das ilusões; assim como faz há séculos, na contínua roda das encarnações no mundo humano.

Dessa forma, o tempo passou e nem percebemos, tal era nosso estado de meditação. Quando despertamos para o mundo, o tempo estava vazio. Ártemis fez-me um sinal e disse:

— Vamos, Andrey. Evelyn já deve estar te esperando, e eu também tenho um encontro com Cristo.

Eu concordei, com um significativo olhar, e, quando estávamos nos levantando para sairmos, o impossível aconteceu: a chama de Antúlio vacilou por duas vezes, até que se apagou. Eu e Artemis ficamos estáticos, nem ao menos respirávamos.

Minha mãe ficou pálida, parecia que estava na iminência de sofrer um enfarte, tal o aperto em seu peito. Seus

Capítulo 10

Despedida de Atlântida

Nada mais me prendia à Grande Ilha. O início do conflito que levaria aquele paraíso ao seu terrível fim estava cada vez mais próximo, e eu não queria estar ali para presenciar aquele desfecho.

Como nosso país deslocar-se-iam em breve com seus discípulos para uma região erma, eu e Evelyn ficamos mais tranquilos com relação às represálias dos líderes guerreiros.

Sem mais demora, comecei a arrumar minhas coisas para a partida; Evelyn também passou a organizar as malas, sem resistência. Eu imaginei que ela fosse ficar triste, mas, pelo contrário, seu rosto irradiava alegria serena e contagiante. Acreditei que ela iria entristecer-se por ter que partir para um mundo rústico, mas estava enganado.

Impressionado com o que me ocorreu

Eu sorri, extasiado, e a beijei como poucas vezes o tinha feito, em toda aquela existência. Evelyn se pendurou em meu pescoço, e rolamos pela cama, esquecendo do mundo lá fora.

Nosso momento íntimo, porém, não durou muito. Logo fui avisado de que Arnach me aguardava na sala de visitas, para uma conversa. Levantei-me em um salto e disse à Evelyn:

— Artemis não quer que eu converse com Arnach, antes de partir, mas não posso me esquivar. Preciso falar com ele.

Sem esperar a opinião de minha esposa, dirigi-me rapidamente ao encontro de meu amigo. Ele estava sentado em uma poltrona, com seu porte nobre, quase arrogante, que seria sua marca registrada nos séculos futuros.

Quando me viu, ele sorriu, irônico, e falou:

— Andrey, não creio que você irá abandonar o campo de batalha. Esse comportamento não é de seu feitio.

Eu o cumprimentei e respondi no mesmo tom:

— Pelo que me lembro, Arnach, quando nos tornamos sacerdotes do Vril, juramos por tudo o que há de mais sagrado que somente utilizaríamos o quinto elemento para promover o bem e a paz, jamais para guerrear.

Arnach fez um gesto tipo "deixa disso"

tre as mãos e disse, olhando profundamente em meus olhos:

— Andrey, Andrey, somos irmãos! Olhe como somos parecidos. Temos que ficar juntos. Não me abandone agora. Se unirmos nossos poderes, seremos mais fortes que Gadeir. Depois do fim dessa guerra, quem sabe o que poderá acontecer...

Arnach piscou o olho direito e concluiu: — Mano, essa é a oportunidade para nos tornarmos reis da Grande Ilha. Nós poderemos impor todos os nossos projetos. Você mesmo quis mudar os rumos da aplicação do Vril em nosso país e sempre enfrentou a resistência desses retrógrados da velha geração. Lembre-se da atitude desprezível do Conselho do Vril, colocando-te à prova, como se fosse um criminoso.

Eu abaixei a cabeça e falei:

— Eles fizeram isso para nosso bem. É preciso controlar nossa arrogante herança capelina.

Arnach fez uma expressão de desprezo e gritou:

— Grande asneira! Isso é tudo uma mentira que eles criaram para impedir o avanço de uma geração superior à deles. Vou te dizer a verdade: esses velhos são uns invejosos. Criaram essa estória para evitar nossa supremacia.

Em seguida, ele se levantou e, gesticulando de forma frenética, arremeteu:

disse-me, com olhar hipnótico:

— Venha, meu irmão, vamos dominar a terra de Poseidon. Colocaremos todos aos nossos pés.

Arnach sorriu, com seu jeito malicioso, e arrematou:

— Eu sei que você quer isso. Eu o conheço muito bem.

Eu fiquei atordoado com suas palavras, quase cambaleante. Coloquei minhas mãos na cabeça e caminhei pela sala. Só naquele momento percebi Ryu recostado em uma das colunas, mais ao fundo. Ele estava em silêncio, cabisbaixo, mas com o olhar fixo em mim. Eu, então, perguntei-lhe:

— Ryu, meu irmão, você também será cúmplice dessa loucura?

Ele apenas fez um sinal afirmativo com a cabeça e, desconfortável com meu gesto de reprovação, falou:

— O que você deseja, Andrey? Que eu vá com você viver entre os homens das cavernas? Isso não faz sentido nenhum! Você é quem está louco. Nosso lugar é aqui, meu irmão. Essa é a vontade do Grande Deus; caso contrário, teríamos nascido no mundo das dores, assim como os demais exilados. Nós devemos seguir o fluxo da correnteza; não é isso que os sábios vivem nos dizendo?

Eu me sentei na poltrona, com o rosto

Arnach me olhou com raiva e, depois, dirigiu esse mesmo olhar à Evelyn. Em seguida, arrancou o emblema do Vríl de seu peito e jogou-o sobre a mesa.

Antes de retirar-se, falou:

— Fique com seu emblema e com essa filosofia barata, pois eu ficarei com a ação. No futuro, vocês agradecer-me-ão por eu ter ajudado a evitar que Atlas tomasse o poder total. Isso é típico de vocês dois. Sempre foram amáveis com o povo da raça vermelha; aqueles camponeses vão ter o que merecem! Chegou o momento de sermos os imperadores da terra de Poseidon. Agora, todos vão dançar conforme nossa música. Gadeir será o maestro, e eu estarei lá para ajudá-lo, porque é a música que ele oferece que desejo dançar.

Só, então, percebi que os olhos de Arnach não estavam mais azuis, e sim vermelhos, injetados para fora das orbitas, externando toda a sua raiva.

E, com a respiração ofegante, ele concluiu, aos gritos:

— Divirtam-se na dimensão dos macacos, porque eu vou trabalhar para salvar nosso mundo.

O intempestivo amigo girou, então, sobre os calcanhares e saiu com passos firmes. Ryu ergueu as mãos de forma irônica e saiu atrás dele; não sem antes nos dirigir um terrível olhar de

deixe levar pelos destemperos de Arnach.
Partamos já!

Eu concordei em silêncio, e, no final da tarde, dirigimo-nos ao cais de embarque das aeronaves que partiam para a terceira dimensão. Conforme aconselhado pelo mestre Kundô, partimos para o mundo primevo adjacente à Atlântida Oriental. Para isso, deveríamos cruzar toda a terra de Poseidon e atravessar o portal que se encontrava na região das Ilhas Canárias.

A viagem foi tranqüila. O único contratempo ocorreu quando cruzamos a região administrada por Atlas. Ali, um frio percorreu minha espinha. Olhei pela janela, talvez com o intuito de tentar vibrar uma energia de paz e conciliação, procurando evitar o pior.

Naquele mesmo instante, percebi telepaticamente uma onda de pensamento diretamente de Atlas, tentando dissuadir-me de partir. O vigoroso poder telepático do gigante me assustou. Como ele poderia ter essa capacidade tão desenvolvida, a ponto de sintonizar-se comigo, assim, sem termos nenhuma afinidade?

Como já disse, a telepatia era mais comum entre mães e filhos, pois possuíam ligação umbilical. Nos demais casos, era necessário desenvolver essa sintonia. Eu e

gente simples, porém trabalhadora,
procurando sempre auxiliá-
los em todos os aspectos, com o objetivo
de civilizá-los.

No meio deles, aprendemos a ser felizes
e adquirir valores
simples da alma, porém de imensa valia
para a formação do ca-
râter de filhos de um povo rico, que não

As gêmeas

Os anos de trabalho e integração com o povo da terceira dimensão transformaram nossos corpos físicos. Estávamos cada vez mais “materializados”. Já não éramos tão fluidicos para os habitantes da região.

Na verdade, tudo era apenas mera impressão. Possuíamos frequência mais leve, até porque éramos oriundos de uma dimensão superior. Não seria possível mudar nossas características, assim, de uma hora para outra. O descenso vibracional da quarta para a terceira dimensão era um processo lento, que levava décadas. E foi isso que aconteceu com Atlântida, até o apocalíptico dia de seu fim, quando ela afundou no Oceano Atlântico.

Nossos corpos continuavam a irradiar aquela mística aura luminosa, mas já nos sentíamos iguais a

resolveu tratar-nos como iguais para deixar-nos mais à vontade. Eles percebiam nosso desconforto por sermos diferentes. Não adiantava usarmos suas roupas rústicas e nos sujarmos na lida do campo. Éramos o que éramos!

Nós procurávamos realizar as mais simples tarefas, como plantar e cozinhar o pão, para não passarmos a imagem de privilegiados. Inclusive, eu usava o domínio do Vril raramente, até mesmo para não acostumá-los com algo que poderia lhes fazer falta no futuro, quando o Espírito Criador não nos permitisse mais viver naquela frequência.

O Vril era utilizado somente quando realizávamos alguma grande construção, como as pirâmides energéticas. Nós construímos, sim, algumas naquele local, que foram destruídas um pouco antes da edificação das definitivas pirâmides de Gizé, que estão de pé até hoje. Sabíamos que ali estava localizado um dos mais importantes centros de força da Terra e procurávamos captar toda a magnífica energia ali gerada, assim como ocorre na região do Planalto Central, no Brasil.

Nessas regiões do planeta, assim como na capital Poseidonis, o fluxo de energia é de cinco a seis vezes maior que o normal. Como a terceira dimensão é mais densa, foi fundamental

Evelyn, ficaram, de acordo com o que lhes falava o coração.

E, assim, ali naquele mundo selvagem, minha esposa amada encontrou sua real e definitiva vocação: a medicina. Vê-la carregando aquelas frágeis crianças no colo, irradiando sua magnífica luz divina, era algo mágico, que alegrava meu coração de forma espantosa.

Nem sempre o Vril era suficiente para curá-las ou amenizar suas dores. Em alguns casos, tínhamos que realizar comandos hipnóticos, para quebrar as cadeias inconscientes de autopunição. Nas camadas mais primitivas do cérebro humano, aqueles espíritos descarregavam, inconscientemente, toda a sua dor moral e se flagelavam por terem vivido em situação criminosa, em seus mundos anteriores, no sistema de Capela.

Além de alimentar doenças orgânicas, esse estado de espírito causava preocupantes distúrbios psicológicos às novas gerações da Terra da terceira dimensão. Era bem comum termos de atender crianças e adolescentes em profundo estado de depressão e tristeza. Algumas, inclusive, com tendências suicidas. impressionantes

O amor incondicional de Evelyn foi um bálsamo curador para a alma enferma de muitos dos

Assim, agindo naturalmente e nos integrando à comunidade, pouco a pouco, eles deixaram de nos ver como deuses e passaram a tratar-nos como irmãos que apenas queriam auxiliá-los, sem esperar nada em troca. Isso muito nos alegrava. Esses simples momentos, em meio a um povo que não compreendia nossas profundas reflexões filosóficas, faziam-me feliz.

Algumas vezes, eu parava minhas atividades e ficava observando Evelyn de longe. Sim, ela era o amor de minha vida. Sua candura e o carinho com as crianças e idosos me envolviam em profunda paz. Uma suave terapia de irradiação para todos nós! Evelyn transmitia amor por onde passava. Isso era um fato.

Nesses momentos, eu me aproximava dela e sussurrava em seu ouvido a frase que lhe dizia desde criança:

— Estou a meio caminho do paraíso.

Ela sorria sutilmente, sem perder a atenção em suas atividades; depois, dirigia-me significativo olhar, que eu entendia perfeitamente, pela linguagem telepática. Em seus olhos, eu lia a frase “eu te amo”, carregada da mais pura energia que esse sentimento pode nos trazer.

Somos seres integrais e completos. Não dependemos

sava que não precisava preocupar-me com nenhuma desgraça. O perigo estava em Atlântida. Parecia que o povo da terra de Poseidon havia nos esquecido. Em alguns dias, eu ficava olhando o mar, desejando ter uma nave que me levasse de novo até a Grande Ilha, para rever os familiares queridos, saber notícias dos amigos e dos rumos que as coisas estavam tomando, naquele paraíso sagrado.

Será que a guerra tinha sido deflagrada? Como seriam os combates: utilizando o Vril ou homem a homem, como nas sociedades primitivas?

Muitas perguntas habitavam minha mente. Eramos uma sociedade com amplos recursos de telecomunicações, todos possuíamos telefones móveis. A mudança para uma dimensão primitiva, sem esses recursos, causava-me incômoda aflição. Só podíamos contar com nossas intuições, que nos indicavam que os familiares estavam bem e em segurança.

Assim o tempo passou, dia após dia, até que, em uma bela manhã da estação da colheita, enquanto ajudávamos no trabalho dos aldeãos, ouvimos um familiar som vindo dos céus, muito sutil, típico dos motores das naves atlantes. Eu olhei para Evelyn e disse-lhe, com brilho no olhar:

Devem ser nossos pais. Estou

desceram pela rampa do veículo e correram para nos abraçar. O encontro foi um momento de grande felicidade. Abraços, beijos, muitos sorrisos, olhares luminosos. Naquele instante de extrema felicidade, minha aura voltou a vibrar de forma mais intensa, e os aldeãos perceberam que, na verdade, apenas tínhamos nos “apagado” temporariamente. Aquela era nossa natureza; a natureza divina, segundo eles diziam.

Estranhei a tranquilidade e o despojamento de Nasser. Então, brinquei com o grande mestre da paz, dizendo:

— Mestre Nasser, quanta tranquilidade! Nem parece o preocupado administrador da Grande Ilha que conheço.

Ele me abraçou com carinho e falou:

— Meu filho, fui obrigado a uma aposentadoria forçada. Agora, estou me dedicando à formação dos discípulos que enviaremos para terras como esta.

— Folgo saber que, apesar da tragédia que está se abatendo sobre nossa pátria, vocês estão realizando trabalhos de Luz!

Mas as emoções não tinham acabado. Quando estávamos nos retirando para a grande varanda do templo, local mais acolhedor para conversar com as visitas, por causa do forte Sol do fim da manhã, surgiu na rampa da aeronave duas pequenas

As duas trajavam belos vestidos brancos, com sandálias douradas. Na cabeça, usavam a sempre tradicional tiara de flores, utilizadas pelas moças atlantes.

Elas, então, viram-me, soltaram-se das mãos da babá e correram para meus braços. Eu fiquei surpreso com aquela reação e me ajoelhei para abraçá-las.

Artemis sorriu e disse-me:

— Andrey, essas são Sol e Lua. Desde cedo demonstraram espantoso domínio sobre o Vril, assim como você e Evelyn.

A poderosa mestra do quinto elemento ajeitou os cabelos e disse, com pesar, irradiando doce energia de seus olhos acinzentados:

— Algo cada vez mais raro! Os imortais parecem restringindo o domínio sobre o Vril. Essas meninas foram as únicas, nos últimos doze anos, que nasceram eleitas para manipulá-lo. E como! Você ficará espantado com o que elas podem realizar.

Eu olhei admirado para Ártemis e falei:

— Notável, minha mãe! Mas como elas podem estar aqui no mundo primevo, sendo assim tão novas? Eu e Evelyn demoramos muitos anos para conseguir essa autorização.

Criste passou a mão em meu rosto e falou:

— Meu filho, você não imagina o

nossa nação tomava. Mais uma vez, aquele desejo de voltar a Atlântida tomou conta de mim. Perdido em meus pensamentos, fui trazido de volta por uma voz angelical. Era Sol. A lourinha extrovertida chamou minha atenção, sem timidez nenhuma. Naquele instante, até acreditei que ela não sabia o que estava dizendo. Com sua mãozinha acariciando meu rosto, falou:

— Andrey, nossa grande mãe, Ártemis, disse que você é um dos maiores sacerdotes do Vríl que nossa terra já conheceu. Eu e minha irmã queremos que você seja nosso mestre e esposo. Você aceita?

Eu fiquei espantado com aquele pedido direto de Sol e, ainda mais confuso com o olhar penetrante de Lua, que parecia analisar os detalhes mais íntimos de minha alma, verdadeiramente me senti nu, na presença daquele doce olhar.

Todos riram com a manifestação espontânea de Sol. Eu respondi, então:

— Claro, minha lindinha! Vou ensinar-lhes tudo o que sei. Porém, lamento, já sou casado com Evelyn. Contudo, ficarei muito feliz se vocês me considerarem como um pai. Pai e mãe são aqueles que educam. Ártemis não é minha mãe biológica, mas a chamo assim porque me ensinou

lyn, No entanto, minha esposa era um espírito muito superior, e o ciúme jamais habitou seu coração. Todos apenas rimos e ficamos magnetizados por aquelas duas fadinhas encantadas.

Evelyn se aproximou e beijou o rosto das meninas. Ela foi muito bem recebida, abraçada com verdadeiro carinho. Isso me deixou feliz. Abracei as três, dizendo:

— Veja, Evelyn, são nossas filhinhas queridas. Deus nos abençoou. Espero que vocês apreciem a estadia neste mundo.

Criste demonstrou-se sufocada com o clima árido da região e perguntou:

— Podemos conversar na sombra?

— Claro que sim! Vocês devem estar bem desambientados com a frequência da terceira dimensão. Vamos sentar na varanda.

Assim caminhamos até lá. Eu de mãos dadas com Sol, e Evelyn, com Lua no colo. Mal sentamos, mestre Nasser passou a nos inteirar da situação em Atlântida, enquanto algumas queridas senhoras do mundo primevo ofereciam água às visitas.

— Meus filhos, a guerra está mais complexa do que imaginávamos. Gadeir e Atlas parecem ter tecido um equilíbrio de forças no que se refere à manipulação do Vril. Logo, os embates estão ocorrendo de forma localizada e com armas primitivas.

var nossas vidas, para o projeto de preparar os atlantes que colonizarão o mundo primevo. Ainda utilizamos as dependências da Grande Pirâmide, eventualmente, porém nós abrimos nossa escola no campo. Gadeir e os demais não deram importância à nossa iniciativa. Eles acreditam tratar-se apenas de uma despreziosa escola filosófica. Desconhecem nossas reais intenções. Por isso precisamos partir para as montanhas de Kandur em breve. Somente lá estaremos protegidos da mente telepática de Gadeir, Atlas, Arnach etc.

— Arnach? — perguntei, sobressaltado.

Artemis abraçou-me com carinho e falou:

— Sim, meu filho, ele se tornou um guerreiro das sombras. Eu tentei dissuadi-lo, mas ele me evitou em várias ocasiões. Nem ao menos olhava em meus olhos. Gadeir o fascinou, fez-lhe promessas de que garantiria a sedução de uma moça que não se entregou aos galanteios dele, quase o enlouquecendo. Você sabe como Arnach é fraco para as questões sentimentais e sexuais.

Eu concordei, com olhar decepcionado, enquanto Evelyn abraçava sua mãe e dizia:

— Sim, compreendemos. Mas vocês deveriam ter nos avisado antes. Vamos voltar com vocês para

poder com o Vril e se insinuou, com a intenção de criá-las. Não sabemos por quanto tempo poderemos evitar que ele nos tire a guarda delas. Vocês sabem como são as leis em mundos que se encontram em declínio moral, elas atendem aos interesses dos poderosos. Por isso as trouxemos, queremos que vocês cuidem das meninas até nos estabelecermos definitivamente nas montanhas de Kandur e isso será muito em breve. Urge que nos afastemos dos acontecimentos da grande capital Poseidonis.

Imediatamente puxei as duas meninas para meu colo e falei:

— Não se preocupem quanto a isso. Jamais permitirei que esses anjinhos terminem nas mãos de Gadeir. As defenderei com minha própria vida. Enquanto estiverem aqui, ensinar-lhes-ei tudo o que puder sobre o quinto elemento.

As duas, então, aninharam-se em meu peito, pedindo proteção. Os mestres da paz sorriram, e Artemis falou com severidade:

— Andrey, ensine-as somente as aplicações básicas. Elas são muito novas para deter nas mãos o amplo poder que o Vril poder oferecer. Ainda desconhecemos os limites delas. Creio que serão sacerdotisas com enorme potencial, mesmo com o declínio do quinto elemento no mundo.

Concordei com um gesto e disse-lhe

hein? Ela não quer que fiquemos com o pensamento sintonizado com a terra de Poseidon, para não alertar Gadeir. Mas não posso ficar aqui, sem notícias. Preciso saber o que está acontecendo por lá.

Depois de algumas horas de trabalho, as gêmeas olharam assombradas, com as mãozinhas sobre a boca. No espelho de um metro quadrado, em vez de surgir nossos reflexos, apareceu a imagem da chegada dos mestres em Atlântida. Logo depois, consegui, usando o Vril associado à telepatia, ouvir inclusive suas conversas.

Sol sorriu e falou, com empolgação:

— Andrey, você é um bruxo poderoso!

Eu me gabei do feito e disse-lhes:

— Isso mesmo! Portanto, obedecem-me ou eu vou transformá-las em sapos, e vocês nem imaginam como são feios os sapos do mundo primevo.

Sol deu uma gostosa risada e falou, com um brilho no olhar:

— Nunca vamos desobedecer-te. Nós seremos sempre tuas discípulas fiéis.

O treinamento das gêmeas

O tempo em que vivemos no mundo primeiro foi de paz e tranquilidade. Afastar-se do caldeirão de conflitos do reino de Atlântida foi uma decisão acertada.

Um dos fatos mais marcantes nesse período de aprendizado é que é digno de menção aconteceu no dia em que Lua correu até mim e me puxou, sem ao menos dar explicações. Eu estava orientando os camponeses em algumas técnicas de plantio, junto com alguns outros atlantes, e a pequena menina prodígio nem me deu tempo para encerrar o assunto.

Ela era muito tímida e jamais tinha atitudes daquele tipo. Esse era mais o perfil de Sol, sempre espreitada! Nesse aspecto, nem pareciam irmãs. Por isso não a contestei.

Ela, então, em absoluto silêncio, levou-

dote do Vril. “Essa menina será uma magnífica sacerdotisa no futuro” — pensei.

Eu estava ainda me divertindo com a cena, quando ela falou, apontando o dedo para Evelyn, com os olhos arregalados:

-Veja!

Eu olhei, então, para minha esposa, e o crível aconteceu. O Vril se materializou no mundo físico. O éon do quinto elemento, no mesmo formato do número oito (ou do símbolo do infinito deitado), dançava graciosamente como sutil manifestação plásmica.

Eu não tinha ainda mostrado esse verdadeiro espetáculo para as gêmeas, o que terminou impressionando ainda mais minha curiosa pequena companheira. Os olhos da menina demonstravam o tamanho de seu espanto.

Apreciei o espetáculo maravilhado com a beleza da energia gerada por Evelyn. Em seguida, perguntei para Lua:

— Desde quando você sabe disso?

Ela segurou minha mão, assustada, e falou:

— Ontem. Eu não quis ir com Sol comer bolinhos na casa da tia Virginia e vim passear por aqui. Então, presenciei isso. Andrey, o que é essa energia?

Eu sorri para a linda menininha e disse-lhe:

Isso, Lua. É a manifestação

materializando o Vril, naturalmente, por um tempo maior do que eu estava acostumado. Ao ver-nos, ela se desconcentrou, e o espectro do quinto elemento desapareceu, como por encanto.

Depois me lembrei de quem ela era filha e pensei: “Certamente esse poder estaria em seu sangue”. Em seguida perguntei:

— Evelyn, desde quando? Por que você nunca me contou?

Ela abaixou os olhos, descruzou as pernas saindo da posição de lótus, e falou:

— Andrey, você se tornou um dos sacerdotes mais visados desde que materializou pela primeira vez o Vril no mundo físico. Desde então, temos que nos esquivar da cobiça de Gadeir e Atlas. Imagine se eles souberem que nós dois temos esses poderes, e não somente você! É melhor que ninguém mais saiba disso.

Eu abaixei a cabeça, serenamente, e concordei:

— Sim, você tem razão. Eu jamais deveria ter me exposto daquela forma.

Ela me abraçou, passou a mão no rosto de Lua e falou com carinho:

— Aquele era outro tempo. Não conseguíamos acreditar que nosso mundo enveredaria para as sombras. Mas, infelizmente, as previsões se confirmaram. Por isso, devemos manter

Apesar da avançada idade, ela não se queixava de nada e ajudava as mulheres mais novas na pesada rotina diária. Não me lembro de tê-la visto um dia sequer reclamando da vida ou de mau humor. Parecia que ela abençoava a vida e o trabalho em todos os momentos de sua longa existência.

Um dia, enquanto eu a ajudava a carregar os pesados jarros de água das margens do Nilo, utilizando-me sutilmente do Vril, já que não poderia realizar isso fisicamente, perguntei de onde ela tirava tanta disposição e alegria para viver, mesmo tendo de enfrentar tantas adversidades.

O mundo primevo era rigoroso. Clima inóspito, doenças sorrateiras, ataques de animais selvagens ou, então, de mosquitos com cargas virais devastadoras. Poucos tinham a sorte de sobreviver sem seqüelas.

Ela sorriu abertamente, mostrando sua dentição arruinada, e falou:

— Meu filho, eu decidi viver assim! Felicidade não é consequência, e sim causa. A gente decide ser feliz ou não. Simplesmente assim. As coisas não vão mudar por eu reclamar dessa ou daquela situação. Portanto, eu decidi agradecer à Grande Deusa pela oportunidade da vida. Não nasci como vocês.

tando, em agradecimento pelo tanto que a amo. Ah, minha vida querida!

A sábia anciã silenciou, e eu fiquei ali, com o pesado jar de água nas mãos, boquiaberto, sem paavras para agradecer por aquela bela lição de vida ministrada por uma alma simples do mundo primevo.

Eu, então, apenas disse-lhe, tentando conter as lágrimas:

— A sabedoria da Grande Mãe se revela por meio de toda a sua criação. Hoje, o Espírito Criador falou por teus lábios, abençoada mulher.

Ela sorriu novamente e agradeceu, sem jeito:

— Obrigada, meu unjo. E obrigada por tudo o que você e seus irmãos que vêm de longe têm feito por nosso povo.

Eu, então, deitei o vaso no chão e a abracei, agradecendo ao Mais Alto pela lição obtida. Eu era um abençoado e não conseguia ser feliz, enquanto ela vivia imensas dificuldades e enxergava a glória de Deus nas mínimas coisas.

Aquela minha postura perante a vida, decididamente, precisava mudar. Eu tentava, mas não era fácil. Minha herança milenar de outras vidas conspirava contra minha tentativa de valorizar as pequenas dádivas do dia a dia.

Algo que era facilmente cultivado por

Manipular o Vril em um mundo denso era sempre mais trabalhoso, assim como treinar cavalos na areia do deserto. Mas as meninas realizavam feitos notáveis, alguns bem infantis, que muito me alegravam, como, por exemplo, dar vida a pássaros de papel, movimentar objetos, gerar energia cinética para seus brinquedinhos, multiplicar sementes, hipnotizar as camponesas para fazerem os doces que elas mais gostavam.

Lua cumpriu sua palavra e guardou segredo sobre a materialização do Vril realizada por Evelyn. Não contou nem mesmo à sua irmã e nunca mais me cobrou para ensiná-la. Eu lhe havia dito que, quando chegasse o momento, eu seria o primeiro a tomar a iniciativa para esse treinamento.

Então, em determinado dia, mais de um ano após a chegada das meninas, enquanto elas se exercitavam levitando objetos com o Vril e, de olhos vendados, conduziam-nos por intrincados labirintos, Evelyn se aproximou, deitou o rosto em meu ombro, como ela costumava fazer, e falou:

— Andrey, você está sofrendo neste mundo. Somos cientistas. A vida agrícola não é para nós. Percebo o brilho em seu olhar, quando ensina às meninas os segredos do Vril. Você ganhou vida desde que elas chegaram.

da purificação. É a vontade de Deus, não devemos intervir. Eles precisam passar por esse doloroso processo retificador da alma.

Eu a abracei e falei, com empolgação:

— Concordo, mas creio que, se Deus nos deu o poder sobre o Vril também no mundo primevo, é porque existe um propósito e, se conseguirmos intervir, é porque o Espírito Criador assim quis. Recuso-me a ficar de braços cruzados. Ademais, minha mente não consegue descansar. Eu passo o tempo todo pensando em mil coisas, procurando criar soluções para os problemas que vejo todos os dias neste mundo imperfeito. As âmeas chegaram em boa hora, meu amor. Não aguentava mais caminhar pelos campos, realizando a colheita, mas com a mente voltada para a ciência do Vril. Eu não nasci para ser um fazendeiro, e, sim, para ser um sacerdote do quinto elemento. Eis meu destino e o propósito de minha vida. Está escrito nas estrelas. Eu vejo isso todas as noites, quando deito na rede e fico perdido em meus pensamentos. Amor de minha vida, eu vivo em outra frequência e somente na frequência do Vril serei feliz.

Uma lágrima correu por meus olhos, acalmei meu coração e concluí:

Desculpa, meu amor, mas não

Minha fada protetora secou as lágrimas e respondeu:

— Andrey chora porque ama o progresso. A vida dele só faz sentido quando serve a uma causa maior. Ele é uma alma irrequieta, sempre desejando trabalhar em nome do Grande Arquiteto do Universo.

Lua e Sol beijaram meus joelhos e disseram, a uma só voz:

— Não chore, meu amor. Nós cuidaremos de você. Obrigada por nos ensinar tantas coisas importantes nesta vida!

E Sol complementou:

— Não permitiremos que a tristeza ofusque o brilho de tua alma generosa. Nós nos tornaremos grandes mulheres e deveremos tudo a ti.

Aos poucos, eu e Evelyn havíamos nos acostumados com aqueles arroubos quase apaixonados das meninas e nem nos importávamos mais.

Por mais que as censurássemos, elas não compreendiam o motivo de nossas advertências. Sol e Lua apenas estavam agindo de forma natural, sem malícia. Agiam impulsionadas por um amor infantil, porém com características de mulheres adultas. As crianças atlantes eram bem mais avançadas que as atuais. E as gêmeas eram ainda mais especiais e maduras.

Em seguida, Evelyn disse:

esconder seu assombro e sua alegria. Não demorou muito para ela me censurar, mais sorrindo do que me repreendendo.

— Andrey, você sabe que Ártemis não concorda com isso.

Eu a beijei e disse-lhe:

— E você sabe que nunca fui muito bom em seguir regras.

As meninas nos olharam com expressão arteira e disseram, em meio a muitas risadas:

— Nós também não!

Eu belisquei as duas e censurei-as:

— Comportem-se, meninas. Dessa forma, Evelyn vai achar que as ando mimando demais.

Eu suspirei e terminei desabafando:

— Agora, eu me sinto mais animado. Parece que o sangue voltou a correr em minhas veias. Sei que não serei fascinado por Gadeir e Atlas. E com vocês três ao meu lado, meus amores queridos, serei forte para fazer o que é certo. Não sucumbirei à tentação de usar o Vril para o mal.

Evelyn assentiu com um movimento de cabeça e perguntou:

— Mas diga-me, como estão nossos pais? Não acredito que você não me revelou nada sobre o espelho, durante todos esses meses.

— Não revelei, porque era desnecessário. Pelo que percebi, eles não estão tendo problemas com os rebeldes, apesar de nos-

mundo primitivo da região do portal oriental já descobriram as terras atlantes em meio às brumas e que uma dessas embarcações, desatenta, chocou-se contra as rochas de nosso continente, afundando. Ou seja, a terra de Poseidon está se tornando cada dia mais concreta no mundo primevo.

Enquanto conversávamos, Sol começou a gritar, assustada:

— Andrey, veja isso!

Corremos para o espelho e vimos meu pai, Atônis, discutindo com Gadeir, no templo da colina do Sol:

— Gadeir, desista! Jamais o apoiaremos na guerra. Não somos guerreiros, não sabemos manipular o Vril para a prática do al. É inútil insistir.

O inescrupuloso ditador manteve-se ativo e retrucou:

— Creio que vocês estão apresentando essa desculpa apenas para não cumprirem seu sagrado dever, como filhos da terra de Poseidon. Minha paciência esgotou-se, vou levá-lo para a sede do governo, lá você ficará incomunicável, até que mude de ideia. Talvez vocês só estejam precisando de um pequeno impulso para tomar a decisão correta.

Atônis manteve-se em silêncio. Com olhar amargurado, re-darguiu:

— Quanta insensatez! Gadeir, você

Eu alisei o espelho, como se estivesse querendo acariciar o rosto de Atônias, e falei:

— Evelyn, nós precisamos partir. Nossos pais necessitam de nosso auxílio.

Ela me abraçou, beijou minha nuca e respondeu:

— Sim, meu amor, você tem razão. Partamos o mais breve possível.

Retornando a Atlântida

Tivemos de esperar duas semanas até que uma nave atlante chegasse à nossa colônia. Seus ocupantes ficaram ainda cinco dias atendendo aos seus propósitos, antes de voltar. Mas não estávamos preocupados. Dois dias depois da prisão de Atônis, Artemis e Criste, convenceram Gadeir, com diplomacia, que seria uma insensatez manter preso o sumo sacerdote do templo do Sol. O olhar determinado de Criste fez ele repensar seu ato impulsivo. Ela não aceitaria uma negativa.

Enfrentar quatro poderes e dominavam o Vril, sendo um deles a própria Ártemis, seria um desgaste pelo qual Gadeir não precisava passar naquele intenso momento de embates contra Atlas. E ele sabia disso.

Acompanhamos toda a negociação através do espelho de

habitantes da colônia. Elas eram realmente fascinantes. Todos, então, desejavam uma última visita delas, antes de partirmos.

Nas casas em que passavam, eram recebidas com muitos doces e mimos. E, no dia da partida, todos estavam lá para nos desejar boa sorte na viagem e agradecer pelos anos de trabalho conjunto, em que realizamos grandes avanços para melhorar a qualidade de vida daquela comunidade. As mães que tiveram seus filhos curados ou sua dor atenuada por mim e por Evelyn nos abraçaram com lágrimas nos olhos.

Assim que entrei na nave, lembrei-me do dia de nossa chegada à aprazível colônia do Nilo. Naqueles dias, ainda usávamos os uniformes de sacerdotes do Vril. Agora, retornaríamos usando roupas rústicas do ambiente em que tínhamos vivido nos últimos anos.

Eu e Evelyn agora éramos outras pessoas. Havíamos conhecido um novo mundo, e essas novas experiências tinham enriquecido nossas personalidades, transformando-nos em pessoas melhores. Aquele estágio no mundo primevo foi muito importante para nossas vidas.

Poderíamos, usando o elemento criador do Vril, elaborar roupas refinadas para a viagem, mas

Ele suspirou, tran^{sparecendo} grande angústia em seus olhos cansados de presenciar a insensatez da nova geração, e prosseguiu:

— Desde que a chama de Antúlio se apagou, perdemos o direito de viver em uma esfera de luz. Os planos superiores não nos pertencem mais. Agora, só o que nos resta é trabalhar para deixar às gerações futuras um legado de paz e harmonia que talvez as inspire a resgatar o reino de luz que abandonamos por causa da infeliz ambição de alguns que desejam ser melhores que os outros. Nossa civilização perdeu-se. E é difícil acreditar que séculos de harmonia e paz podem desaparecer no espaço de uma única geração.

Eu e Evelyn concordamos, com um gesto sincero, depois abaixamos nossas cabeças, em sinal de concordância e respeito àquelas palavras. Em seguida, voltei-me para a janela e fiquei apreciando a chegada da nave à Grande Ilha.

As mudanças estruturais de uma sociedade sempre ocorrem de dentro para fora. Nada muda somente porque um líder mundial assim deseja. Ele pode influenciar nas transformações, mas elas só ocorrem de forma coletiva quando uma geração

berta e crística. Alguns entre eles terão mais dificuldades, outros tropeçarão, mas jamais se entregarão a esse modelo ilusório, que apenas engana almas fracas e primárias. Serão rebeldes em sua infância, não por serem espíritos inferiores, mas, sim, por sentirem grande tristeza e revolta em seus corações, por perceberem que o homem moderno ainda vive entregue à ilusão de crer que pode ser feliz seguindo um modelo social excludente e predatório.

No entanto, eles unir-se-ão e construirão um novo mundo, para que as gerações futuras possam utilizar a escola Terra para o novo estágio de evolução espiritual programado há séculos para ocorrer aqui, exatamente nessa época. O planeta Terra finalmente deixará de ser um mundo de dor e sofrimento, para tornar-se uma consciente escola de regeneração espiritual. Os primeiros sinais da mudança já poderão ser percebidos em alguns anos.

Eu, então, dirigi-me à proa da aeronave e fiquei observando nossa chegada à capital Poseidonis. A nave era grande, quase da altura de um prédio de três andares. Eu me aproximei de uma ampla janela de quatro metros de altura, que ia dos pés até

vive dentro de cada um é muito difícil. No entanto, é bem fácil ceder às tentações oferecidas pelas vaidades da vida humana. Creio que os grandes mestres sempre souberam que o destino de Atlântida nas mãos da geração oriunda de Capela seria este mesmo: a destruição.

Eu meditei por alguns instantes e prossegui:

— Acho que não deveríamos ter fugido desse campo de batalha. Não podemos nos esconder das tentações humanas. A vitória somente ocorrerá se vencermos todo o tipo de assédio que tente nos unir à essa barbárie.

Com olhar que misturava tristeza e desilusão, concluí:

— Eu olho para o que a terra de Poseidon se tomou e sinto apenas piedade e tristeza. Creio que por nada nesse mundo me aliarei a homens como Gadeir e Atlas. Sinto-me seguro para ficarmos aqui e lutarmos até o último de nossos dias pelo bem de nossa pátria e de nosso povo. Farei o que for possível para me opor a essa insanidade que parece ter enfeitado a tudo e a todos.

Evel sorriu e me falou, enquanto beijava meu rosto:

— Eu também sinto isso! Ryu estava certo, naquele dia, antes de partirmos. Se nós nascemos na

espírito fraternal sobre a filosofia atlante; atores e atrizes representavam a beleza da vida em peças artísticas com profundo valor espiritual, debaixo das acolhedoras sombras das árvores e sobre um gramado verdejante.

Lembrei-me dos maravilhosos festivais de música e dança que eram realizados no parque central, próximo à Grande Pirâmide, onde as belas meninas atlantes dançavam com seus graciosos vestidos brancos e com tiaras de flores a prender seus encantadores cabelos. Os jovens, alegres, sempre as cortejando, com olhares apaixonados, em uma verdadeira e sincera demonstração de amor. Todas essas atividades sempre enriquecidas com muita paz e alegria. Porém, com o avanço crescente da ação do mal sobre Atlântida, em breve aquelas mesmas ruas, que então começavam a viver o caos, estariam manchadas de sangue. Era só uma questão de tempo para a asa negra do mal encobrir totalmente a outrora gloriosa terra de Poseidon.

Minha mente, então, pareceu dar um salto para o futuro, assim como fazem os profetas, e pude ver aquelas alvas calçadas maculadas pelo sangue de nossos irmãos, por causa de uma louca guerra fratricida, confirmando minha intuição. Mas

Só então percebi que muitas pessoas se locomoviam pelas ruas montadas em cavalos, em uma demonstração de que o ingresso de Atlântida no mundo primevo era apenas uma questão de tempo. Em breve, a Única energia que moveria o reino de Poseidon seria a gerada a partir de meios mecânicos. O Vril se recolhia, abandonando a Grande Ilha, a qual serviu por séculos.

Dessa forma, armas primitivas foram desenvolvidas, e a luta passou a ser homem a homem, enquanto os poucos sacerdotes do Vril que ainda conseguiam manipular o quinto elemento realizavam duelos com as cada vez mais escassas “forças mágicas”.

Eu, então, disse a Evelyn:

— Vamos entrar no veículo. Iremos operá-lo manualmente.

Não tivemos nenhuma dificuldade para isso, no entanto, logo chamamos a atenção das equipes de combate. Poucas navies voavam, naqueles dias, pelos céus de Atlântida, ainda mais uma de passeio e abandonada.

Fomos abordados por três aeronaves militares.

O soldado que nos interceptou era um sacerdote do Vril, a quem eu tinha dado lições básicas, quando ele ainda era apenas uma criança. Ele rapidamente me reconheceu, talvez por causa de meus

Eu olhei para Evelyn com preocupação e falei, antes de partirmos:

— Diga a Arnach que em breve irei visitá-lo. Estou com saudades de meu grande amigo.

O soldado sorriu abertamente e sinalizou às demais naves para que abrissem passagem. Assim, em poucos minutos, aterrisamos próximo à Grande Pirâmide e fomos ao encontro de Artemis.

Não tivemos problemas para entrar na gigantesca estrutura. Mas, quando coloquei os pés dentro da pirâmide, percebi que a energia Vril me envolveu, fazendo uma sonda em e, depois, recombinações de meu DNA. Por sua vez, nem sequer se aproximou de Evelyn ou das meninas.

Eu, então, corri até um painel de controle e analisei os procedimentos que a Grande Energia realizava, conforme programação feita pelos antigos sacerdotes do Vril, séculos antes.

Evelyn me acompanhou e disse:

— São toxinas da alma que estão descendo para teu corpo físico.

— Mas como? — perguntei, em tom decepcionado. Vivemos um período tranquilo e voltado para bons sentimentos, nesse longo estágio no mundo primevo.

Evelyn sacudiu a cabeça e falou, com

amplo saguão da maior pirâmide já construída na Terra, joguei-me na maca e aguardei o silencioso trabalho do Vril. Antes de recostar a cabeça, pude ver as três adentrando nas áreas reservadas da pirâmide, envolvidas por uma luz cintilante.

Somente ali, no ambiente sagrado, percebi como meu corpo estava pesado. Ajudiçoei a mim mesmo, e o Vril reagiu de forma negativa, estremecendo meu corpo. Pedi desculpas à força viva e depois fiquei em estado de oração, para auxiliar no processo.

A salutar prática de entrar em comunhão com Deus serenou meu espírito, e caí em profundo sono. Acordei três horas depois, com Evelyn e Artemis ao lado da maca, conversando alegremente, enquanto as meninas brincavam com o Vril. Dentro da pirâmide, o poder para manipulá-lo quintuplicava. As gêmeas estavam deslumbradas com a facilidade em realizar suas proezas, que tanto treinaram no mundo primevo.

Eu sorri para minha segunda mãe e leyantei-me para abraçá-la. Entre lágrimas, disse-lhe:

— Saudades, minha mãe! Que a paz do Espírito Criador esteja com você!

Artemis me abraçou com lágrimas nos olhos.

— E onde estão Atônis e Criste?
Espero que estejam em
segurança.

Evelyn segurou minha mão e disse-me:

— Tranqüilize seu coração, meu
amor. Nossa mãe já me
informou, enquanto você dormia, que eles
foram para a colônia,
nas montanhas de Kandur, levando consigo
um pequeno grupo
de atlantes, para construir as instalações
onde viverão os esco-
lhidos, na tarefa de legar aos povos
primitivos o conhecimento
atlante.

Artemis concordou, com olhar marcante,
e falou:

— Seu pai conseguiu manipular o
Vril de forma única, neu-
tralizando toda a região montanhosa, para
que nenhum artefa-
to de espionagem possa nos localizar.

Ela sorriu e completou:

— Na verdade, ele fez algo mais
impressionante. Atônis,
utilizando-se dos poderes solares, em
consórcio com o Vril, con-
seguiu elevar aquela região a uma
frequência acima da Grande
Ilha. Ele abriu um novo campo
dimensional, que só pode ser
acessado por um portal muito difícil de ser
localizado.

Eu suspirei aliviado e disse-lhes:

— Excelente! Assim que eu
realizar o que me traz aqui,
poderemos todos nos exilar nas montanhas
de Kandur e lá tra-
balhar nos seus projetos. Serão uma forma de

demonstrando preocupação.

— Lembre-se, Andrey, esse contato será muito arriscado para você. O lado sombrio pode ser muito fascinante e sedutor, caso você não esteja em completa paz e equilíbrio.

Eu ergui o queixo, de forma arrogante, e falei, com firmeza:

— Esse período na Terra da terceira dimensão enriqueceu minha alma com valores sólidos. Nada mais no reino de Poseidon me atrai. Creio que venci os desejos humanos.

Sinceramente, não desejo perder os valores que conquistei por causa dessa luta insensata pelo poder, que Atlas e Gadeir estão travando.

A sábia mentora entristeceu-se com minha ingenuidade.

— Meu filho, ao entrar na pirâmide, o Vril detectou desequilíbrios em sua contextura espiritual. Você acredita mesmo que está em condições de enfrentar o assédio de Gadeir, Atlas e de seus amigos?

Eu fiquei em silêncio por alguns instantes, sentindo-me vencido pelos argumentos de Artemis. Entretanto, não quis dar o braço a torcer e disse-lhe:

— Se nem eu confiar em mim, minha mãe, quem confiará? Eu preciso cumprir meu destino. Creio estar fortalecido para resistir. Além do mais, Evelyn jamais cederá. E eu não quero suportar

natureza ou encarcerado em uma cela
escura. O homem que
venceu a si mesmo necessita apenas de sua
integração com o
Espírito Criador para estar em paz.

Enquanto Artêmis proferia seus sábios
ensinamentos, po-
derosa luz irradiou-se do alto de sua
cabeça, pelo chacra coro-

Reencontros com Arnach

Dois dias depois, quando estávamos descansando em um sítio nos arredores da capital, recebi um convite de Arnach, que dizia o seguinte:

“Irmão Andrey, fico feliz com teu retorno à Grande Ilha! Aguardo-te em meu escritório, para matarmos a saudade e colocarmos os assuntos em dia. Tenho muitas novidades para lhe contar. Abraços de teu grande amigo Arnach!”

Eu não podia negar que aquele comitê me trouxe boas lembranças. Apesar de tudo, Arnach era um grande amigo. Eu gostava de sua companhia e também de suas brincadeiras in- consequentes. Por um momento, minha mente viajou à nossa adolescência, quando apenas tínhamos que estudar no templo

por fora e vermelho-escarlata por dentro. No futuro, aquela seria a vestimenta sagrada dos senhores da escuridão, os mestres do Vril do lado negro.

Senti-me como um mendigo em sua presença. Eu ainda usava as roupas simples que eram habituais no mundo primeiro: macacão rústico e surrado e, nos pés, sandálias gastas, típicas de camponeses acostumados à dura lida do campo.

Arnach percebeu meu constrangimento e logo chamou um de seus serviçais. Rapidamente, ele me trouxe um uniforme utilizado pelos sacerdotes do Vril. Arnach me repassou a elegante vestimenta, com educação, dizendo:

— Para você, meu querido irmão. Você me disse, na última vez que nos encontramos, que eu não era mais digno de usá-lo. Assim o fiz, em respeito à tua advertência: nunca mais vesti o uniforme sacerdotal. Seria uma honra para mim se você o vestisse, ainda mais que temos a mesma altura e complexão física. Vai servir-lhe muito bem.

Aquele gesto agressivo e, ao mesmo tempo, gentil de Arnach me desconcertou. Eu agradeci e pedi licença para vestir-me. Assim que retornei, ele me esperava com duas taças de bebida nas mãos. O líquido era de um amarelo

— Arnach, eu agradeço o convite, mas minha vida mudou muito desde a última vez que nos vimos. Hoje em dia, as festas agitadas, os sentimentos pueris e a arrogância do *status* que possuíamos não mais me atraem. Eu vejo que nosso país mergulhou em trevas, realizando guerras. Irmãos matando irmãos! Não podemos ser felizes, beber e festejar com um cenário desses lá fora. Eu lamento! E não consigo entender como isso pode ser natural para você.

O ardiloso amigo colocou seu copo também sobre a mesa e, de forma séria, repousou as mãos sobre meus ombros, antes de falar:

— Eu fico feliz que pense assim, Andrey! E foi Deus quem te chamou para retomar a terra de Posseidon. Imaginei que você estivesse aqui somente para tratar de assuntos pessoais, pensando apenas em si mesmo, contudo, vejo com alegria que o grande idealista de outrora, meu irmão do coração, jamais abandonaria seus compatriotas.

E, dando ênfase teatral à sua fala, concluiu:

— Sim, Andrey, é possível acabar com essa matança insensata. E você pode ajudar-nos a realizar esse feito, que será lembrado para sempre pelas mãezinhas

— Mas o que isso tem a ver com a guerra?

— Tudo, meu amigo! — respondeu Arnach. A cada dia, a luta está se tomando inevitavelmente homem a homem, causando mais mortes e mais sofrimento. A batalha do Vril está travada. Há um equilíbrio de forças entre nós e o time de Atlas. Ele possui menos sacerdotes habilitados, mas sua força com o quinto elemento é enorme, e não temos ideia de qual é seu limite.

Eu meditei por alguns instantes e disse-lhe:

— Não sei como poderia ajudar. Envolver-me com a guerra somente esquentará mais os ânimos, provocando mais baixa para ambos os lados.

Arnach sorriu, feliz com minha disposição para o diálogo, e convidou-me:

— Venha, veja com seus próprios olhos.

Subimos ao terraço de seu escritório e lá entramos um veículo com perfeito *design* aerodinâmico. Logo percebi que era uma nave muito veloz, supersônica.

Arnach, sempre divertido, brincou comigo, dizendo:

— Você quer dirigir essa belezinha?

Aceitei. Sempre adorei pilotar. Abracei Arnach, contagiado por sua alegria. Eu precisava me divertir. Ultimamente, andava

Já mais solto, perguntei-lhe:
— Quais são as coordenadas,
chefe?

Ele, então, passou-me o plano de voo, sob forte animação, e pediu-me para utilizar a velocidade máxima. Foi o que fiz. A nave rasgou os céus de Atlântida em velocidade supersônica, absolutamente sem solavancos, por causa da sutil atmosfera da quarta dimensão e também pela perfeita aerodinâmica do veículo. Chegamos ao nosso destino em pouco mais de cinco minutos.

Arnach gritava como uma criança em uma montanha russa. Sempre admirei sua facilidade em divertir-se com tudo. Mesmo o assuntos mais sérios ele levava “na flauta”, enquanto eu parecia sempre estar carregando meus tenebrosos fantasmas.

Quando desacelerei aquela potente aeronave, quase um foguete, percebi que adentrávamos em um imenso campo de batalha. Minha animação desapareceu. Milhares de soldados enfileirados, assim como nas guerras históricas que todos conhecemos, armados com lanças, espadas e algumas poucas armas de disparos de projéteis apareceram.

As oficinas ainda não tinham desenvolvido tecnologias bélicas mais avançadas, por causa do gradual

que eu tinha era de que tínhamos saído de Atlântida e estávamos no mundo da terceira dimensão.

Esfacelamentos de corpos, mortes cruéis, irmãos das raças branca e vermelha trucidando-se como se fossem animais irracionais. Aquela cena dantesca causou-me forte apreensão e me fez pensar como o pacífico povo de Atlântida poderia ter se tomado tão selvagem, no espaço de uma única geração.

Cheguei a imaginar que, em minha ausência, todos tinham sido infectados por um vírus alienígena, que provocava raiva incontida e irracional, assim como vemos em alguns filmes modernos de ficção científica.

Naquele momento, eu nem imaginava que, nos séculos futuros, muitas vezes eu estaria no alto das colinas, acompanhando o movimento das tropas em batalhas. Primeiro, durante a unificação do Alto e Baixo Egito, pelo faraó Menés, reencarnação futura de Atlas; depois, ao lado do general Horemheb, que era reencarnação de Nereu, na época do Egito de Akhenaton; e, posteriormente, ao lado de Moisés e Josué (Atlas e Nereu), durante a implantação do monoteísmo na Terra. A vida realmente é uma caixinha de surpresas!

Fiquei ao lado de Arnach, em silêncio,

tamos em terras orientais. Esse é o domínio de Atlas.

Ele sorriu, de forma astuta, e disse:

— Fico feliz que você já se considere um dos nossos, mas essa não é a solução. Recuar seria entregar a vitória para Atlas, e isso nós não permitiremos, pelo bem de nossa pátria.

Eu fiquei confuso e falei:

— Não estou de lado algum, somente não posso ficar calado, enquanto meus irmãos de raça se digladiam contra os vermelhos.

Gadeir fez sinal para Arnach, e este se afastou. Ele, então, colocou a mão sobre meu ombro, chegou ao meu ouvido e disse, de forma conciliadora:

— Andrey, todos nós já estamos cansados dessa matança sem fim. Você pensa que eu não me entristeço ao ver esses jovens morrendo, dia após dia, e ter de levar a triste notícia a seus familiares? Arnach já te explicou agora há pouco, nada podemos fazer, enquanto existir o equilíbrio de forças com Atlas. Nossa ação com o Vril é nula. Basta você erguer as mãos e manipular o quinto elemento, e tudo poderá mudar. Você é o peso que falta nessa balança, para modificar o rumo da batalha. Eis seu destino. É esse o motivo pelo qual você voltou à terra de

raça branca fez-me perder o controle. Naquele momento, nem parei para pensar se suas afirmações eram verdadeiras ou apenas tinham a intenção de dominar meus sentimentos, com o objetivo de direcioná-los para atender aos seus interesses. Minhas mãos começaram, então, a suar, e eu as ergui para o céu e gritei:

— Parem!

Minha voz ecoou por todo o vale, superando, inclusive, o barulho estridente das armas de guerra. Naquele instante, um vento soprou, com prenúncio de uma tempestade. O Vril se preparava para servir-me. Ártemis sempre me dizia: “Andrey, nós temos de servir ao Vril, e não o contrário. Não force o quinto elemento para atender às tuas vontades”. Mas, agora, não poderia dar ouvidos aos apelos de minha querida mãe.

As armas de todos os soldados foram arrancadas de suas mãos e manipuladas pela força mágica. Elas subiram aos céus. Lá foram desmaterializadas como por encanto, transformando-se em breve e inofensiva chuva.

Pouco depois, uma onda energética ergueu todos os guerreiros de Atlas e os afastou dos exércitos de Gadeir. Eles foram conduzidos a mais de dez quilômetros de distância e lá foram

minutos depois, surgiu Ryu, que avaliava a batalha de outra colina. Com olhar empolgado, ele me abraçou e falou, quase às lágrimas:

— Meu irmão, que alegria revê-lo! Saudade, Andrey!

E, olhando para Arnach, complementei, com forte empolgação:

— Agora ninguém mais nos segura. Essa guerra é nossa!

Eu me virei para Arnach e olhei profundamente em seus olhos. Depois, girei sobre os calcanhares e embarquei em sua veloz nave, retornando sozinho para a capital Poseidonis.

Arnach tentou me dissuadir, dizendo:

— Meu irmão, ninguém te enganou ou quis se aproveitar. Essa atitude estava dentro de você e era a decisão mais acertada.

Primeiros conflitos

Assim que voltei para casa, fui recebido pelos mestres, que rapidamente repreenderam minha atitude, demonstrando grande apreensão. Indignado com a censura, disse-lhes:

— O que eu deveria fazer? Ficar assistindo aquela chacina insana e nada fazer para evitar?

Em seguida, arremessei longe uma cadeira, revelando meu visível descontrole, e gritei:

— Por que, então, Deus me deu esse maldito poder, se não posso usá-lo para evitar mortes e destruição? Eu não posso calar frente a tudo isso. Ficar impassível a essa situação é como assistir a uma criança se afogando no mar, e não jogar uma corda para salvá-la! Meu Deus! Meu Deus! Por que Você me coloca nessa situação?

Nasser se aproximou com carinho e

— Meu filho, volte para o mundo primevo! Você não está em condições de enfrentar essa delicada situação.

Eu, então, desvencilhei-me dos braços de Nasser e disse, com certa irritação, mas em tom respeitoso:

— Vocês já opinaram demais sobre minha vida. Agora, deixem-me pensar.

Os mestres da paz, então, retiraram-se profundamente preocupados. Evelyn acompanhou-os até a porta e prometeu que conversaria comigo, assim que eu me acalmasse. Depois, mais tarde, ela se aproximou, com carinho.

— Meu amor, você está transtornado. Ouça a voz da razão. Meu pai está certo. Você está se deixando levar pela conversa ardilosa de Gadeir.

Eu segurei sua mão e disse-lhe, com os olhos fixos no chão, como se estivesse revendo cada cena do que narraria:

— Evelyn, você não imagina o que eu vi nos campos de batalha, algo inacreditável. Irmãos matando irmãos, com ódio enlouquecedor no coração. Parecia até que todos estavam hipnotizados. Sim, não eram homens, e, sim, seres irracionais, beirando a animalidade.

Ela me abraçou, com lágrimas nos olhos, e falou:

Andrew e eles escolheram esse

Veja o poder que temos nas mãos. Depois, poderemos instaurar um reinado sob nosso controle, fazendo toda a população seguir nossas diretrizes.

Ela passou a destra em meu rosto, apiedando-se de minha ingenuidade, e perguntou:

— Meu amor, você acha que os milhões de habitantes de nosso país tornar-se-ão mansos e pacíficos somente porque nós iremos cercear seus impulsos guerreiros usando a força? Você pretende instaurar um regime de terror para subjugá-los? E isso que você quer para o futuro da Grande Ilha?

Eu fiquei um tanto confuso e disse-lhe:

— Se for necessário, controlá-los-emos com o poder do Vril, até que aprendam a amar uns aos outros. Cercearemos a liberdade individual até que aprendam a comportar-se com dignidade.

Evelyn abaixou a cabeça e concluiu:

— E por isso que o Espírito Criador planeja extinguir a terra de Poseidon. Nós, capelinos, não merecemos esse paraiso e não somos dignos dele. Nosso lugar é no mundo primevo, no universo da terceira dimensão. Apenas isso, Andrey. E muito simples. Você é que não quer ver. Nós mesmos não estamos à altura deste mundo. E, na verdade, você não está preocupado com

sões magnéticas para destruir os exércitos rivais, sem preocupar-se com os danos irreversíveis que ocasionariam à atmosfera do planeta e aos povoados indefesos da região que seria afetada.

Sim, Evelyn tinha razão: os atlantes-capelinos eram maços em um palácio de cristal. A dimensão superior de Atlântida era uma estrutura muito delicada e avançada para abrigar espíritos embrutecidos pelo ódio e a ganância. Ademais, todo o delicado ecossistema do planeta estaria correndo sérios riscos enquanto os espíritos sombrios dominassem o Vril. O fim de Atlântida era a decisão mais acertada.

Eu, então, levantei-me, voltei até a janela e fiquei a observar aquele lugar maravilhoso, que aprendi a amar desde criança. Os imponentes e belos prédios, os veículos com tecnologia avançada, a vegetação exuberante, os pássaros de rara beleza, que jamais veríamos novamente na Terra, além do mais, tudo era tão agradável. Então, pensei: “Evelyn tem razão, mas será uma perda lamentável para a humanidade de todo o planeta”.

No livro **Akhenaton - A Revolução Espiritual do Antigo Egito**, tecemos alguns comentários sobre os grandes atrasos evolutivos que nosso planeta sofreu por causa da ignorância humana sempre retardando o progresso. E

de um milhão de volumes. Ele usou os manuscritos clássicos como combustível, durante seis meses, para aquecer os quatro mil banhos públicos da cidade. Em uma lamentável demonstração de sua ignorância, alegou que, se os livros antigos continham informações que estavam no Alcorão, então, eram superfluos, e, se detinham conhecimentos que não se encontravam no livro sagrado islâmico, não possuíam valor algum para os verdadeiros crentes.

Ninguém sabe quantas referências a Atlântida podem ter sido usadas para esquentar a água dos conquistadores árabes, pois Alexandria não era só um centro literário, mas também um importante pólo científico. Essa barbárie ocorreu no século VII, sendo que, três séculos antes, o imperador romano Teodósio já havia cometido semelhante atrocidade contra esse magnífico aceno literário da humanidade.

Certamente, a destruição da biblioteca de Alexandria agravou ainda mais o atraso da humanidade terrena nos séculos futuros, fazendo com que, doze mil anos depois da submersão de Atlântida, ainda não se tenha evoluído semelhante a daquela época, no continente perdido.

Em seguida, dirigi-me até Evelyn,

Só reconhecemos o verdadeiro caráter de alguém quando lhe é retirado tudo o que mais deseja. Sim, o apego, algo que transforma as almas, revelando seu verdadeiro temperamento. Por esse motivo, somente espíritos que são livres e amam de forma desprendida tornam-se verdadeiramente felizes. Quem precisa da posse para amar geralmente se desilude e perde o rumo de sua caminhada em direção à luz de Deus.

Nos dias seguintes, os conflitos cessaram. Uma trégua informal entre as duas raças se estabeleceu. Isso apenas reforçou ainda mais minha ideia de que eu estava no caminho certo para apaziguar os ânimos na Grande Ilha. Mas, na verdade, os dois lados estavam apenas se estudando. A paz estava com os dias contados.

Gadeir ficou ainda mais convencido de que precisava de meu apoio para “pender o peso da balança do Vril” para seu lado, e Atlas ficou tão preocupado que veio falar comigo pessoalmente, porém de forma muito discreta, sem chamar a atenção de ninguém. Apesar de seu tamanho descomunal e de seu jeito grosseiro, ele sabia ser elegante e discreto, quando queria.

Eu estava sentado em um dos bancos do

Ele percebeu meus pensamentos e disse:
— Você desconhece meu poder sobre o Vril. Eu te aconselho a não crer que, aliando-se a Gadeir, podereis me vencer. Nem mesmo juntando suas forças aos imensos poderes de tu a esposa, triunfareis. No máximo, retardareis minha vitória. Eu sei o tamanho do poder que tendes, mas desconheceis o meu.

Como ele poderia saber todas essas coisas? Somente eu e Lua conhecíamos o poder de Evelyn sobre o Vril.

Ele apreciou a paisagem, por alguns segundos, sentado ao meu lado, no banco, depois prosseguiu:

— Não se iluda, meu jovem. Essa luta não será vencida apenas pelo poder excepcional de uma única pessoa. Somos dois grandes exércitos de sacerdotes do Vril. Alguns possuem mais poder, outros os estão perdendo, por causa da descida vibratória de nosso mundo. A raça vermelha é mais preparada para viver na dimensão mais grosseira, e, neste momento em que o Vril desaparecer e a luta for homem a homem, Gadeir perderá.

Ele, então, colocou a mão em meu ombro e concluiu:

— Andrey, fica do meu lado e terminaremos já com esse estado de sofrimento e caos. Caso contrário, essa luta arrastar-se-á por muitos anos. Se juntarmos nossos

No momento, aquelas palavras não tiveram muito impacto, mas, em razão dos imprevistos acontecimentos dos meses seguintes, elas me levaram a crer que Atlas era meu inimigo. Ele só desejava convencer-me, mas, um tempo depois, vi segundas intenções naquela sua última frase.

O ardiloso jogo das palavras e das percepções individuais. Nem sempre entendemos o que as pessoas querem dizer e nem sempre sabemos nos expressar de forma clara, como gostaríamos. Eis a difícil arte da comunicação.

Capítulo 16

Em busca da cura

Nas semanas seguintes, Arnach e Ryu tentaram, de todas as formas, convencer-me a retomar aos campos de batalha. Como Atlas havia prometido, os combates reiniciaram. Eu me mantive evasivo, sem dar resposta definitiva.

Gadeir voltara a afirmar, por meio de recados trazidos por Arnach, que minha participação colocaria um ponto final naquela luta sangrenta, em poucas semanas. Algumas vezes, ele sutilmente tentava me responsabilizar pelas mortes, alegando que minha indecisão somente adiava o fim da batalha.

Como eu não me posicionava, eles se ocuparam em atrair outros raros sacerdotes do Vril, que estavam neutros e ainda possuíam algum poder. Sábios foram aqueles que não se deixa-

internos, assim como você sempre quis. Esse foi o mal mais devastador que presenciei nesses anos de estudo, no mundo primevo. Se desenvolvermos uma técnica curadora semelhante à recombinação do código genético que ocorre ao entrarmos na Grande Pirâmide, será ótimo para aliviar o sofrimento desses povos e poderemos utilizá-la dentro das pirâmides que foram construídas por nosso povo na terceira dimensão.

Eu vibrei com a ideia, e, a partir daquele momento, começamos a dividir nosso tempo entre incansáveis pesquisas dentro da Grande Pirâmide e rápidas viagens ao mundo primevo, onde levávamos cristais, energizados com as manipulações do Vril, para realizar testes nos presentes.

Nossos pais tranquilizaram-se com minha sincera disposição de retornar ao meu verdadeiro ofício, deixando de lado aquela batalha que nada tinha a ver comigo.

O retorno ao contato com os mais necessitados trouxe-me novo ânimo para viver. Sempre que eles me agradeciam, eu pensava, com sincero sorriso no rosto:

— Eu é que devo lhes agradecer por serem instrumentos divinos que me fazem recobrar a paz de espírito e a alegria de viver.

sacerdotes se dedicavam a trabalhos naquele templo sagrado, já que a grande maioria havia se entregado ao fascínio da guerra, que transcorria sem maiores novidades, ou, então, tinham se afastado para a região campestre.

Assim, todo aquele colossal centro de pesquisa estava à nossa disposição. A Grande Pirâmide era a “casa do Vril”, e lá ele possuía vida própria, sendo alimentado pela energia cósmica universal. Dentro da pirâmide, ninguém conseguia utilizá-lo para o mal, por causa de uma intrincada programação de segurança, codificada séculos antes, por sábios sacerdotes. Logo, ela foi desprezada por aqueles que lutavam ao lado de Gadeir ou Atlas. Inclusive, quem estivesse sintonizado com a guerra não conseguia ultrapassar o átrio de entrada desse majestoso templo.

Nossas primeiras experiências práticas com a solução da desagregação molecular foram realizadas com pedras colocadas dentro de uma sala de vidro, onde descarregávamos a energia Vril trabalhada para esse fim. Em poucos segundos, os átomos se desuniam, transformando a pedra em pó monoatômico.

Eu e Evelyn retirávamos os óculos de proteção contra a intensa energia desprendida no fenômeno.

mesmo sabemos até onde o que ensinamos a eles poder ser aplicado. O poder que eles têm com o Vril não é igual ao nosso, mas não custa tentar.

E, assim, nossas vidas transcorreram tranquilas, por longos meses, mesmo em meio ao caos da guerra.

Até que, certo dia, Gadeir convocou uma reunião com seus sacerdotes mais próximos, para avaliar a situação da guerra. Ele estava ansioso para obter logo um desfecho favorável, contudo, só via avanços de Atlas.

Muito irritado, andando de um lado a outro em busca de soluções, ele se lembrou novamente de mim e perguntou para Arnach:

— E os progressos com Andrey como estão? Já estou cansado de sua indecisão.

O sedutor amigo o colocou a par de minha atual posição, dizendo-lhe que estava cada vez mais difícil convencer-me a entrar na guerra.

Gadeir socou a mesa e disse, com irritação:

— Precisamos convencê-lo, de alguma forma. Arnach e Ryu, vocês, que são amigos dele desde a infância, digam como podemos fazê-lo mudar de ideia.

Os amigos se entreolharam, indecisos, mas, para não perder a confiança de Gadeir, Arnach falou:

Sem dúvida, a única forma é

sido uma das primeiras a seguir para o lado negro, no início dos conflitos. Ela era absolutamente fiel a Gadeir, seguia suas ordens sem questioná-lo e ainda odiava Evelyn, por desejar-me. E ele sabia disso.

O sinistro mago das trevas, então, olhou com indisfarçável desejo para aquela bela mulher loura, vestida com trajes que, pouco a pouco, foram se tornando exclusivos dos sacerdotes do lado sombrio: calças e casacos justos e negros, muito brilhantes, tal qual napa sintética, e suntuosa capa, preta por fora, como a asa de um corvo, e escarlate por dentro. As mulheres usavam botas de salto alto que iam até a altura dos joelhos, enquanto os homens, apenas sapatos discretos.

Ela sorriu para ele e perguntou, com tom irônico

— O que você pretende? Quer que eu seduza Andrey?

Gadeir se levantou, segurou o queixo dela de forma delicada e falou em seu ouvido:

— Para essa tarefa você já se demonstrou ineficaz. Até hoje ele nem ao menos olhou para você como mulher. Talvez Andrey até nem tenha se dado conta de sua existência. Ele só tem olhos para Evelyn, que é o amor de sua vida.

A bela loura se ofendeu e olhou para Gadeir com raiva e indignação. Em seguida, perguntou sem

fundas técnicas de hipnose, também, e certifique-se de que isso ocorra em uma situação em que Andrey veja. Logo após, mate nossa isca. Isso nos livrará de alguma prova futura e, ao mesmo tempo, acenderá as energias do lado negro na alma de Andrey. Depois, será só uma questão de tempo para ele juntar-se a nós. Gadeir suspirou e disse para si mesmo: — Sim, sim, Andrey, eu conheço teu íntimo mais do que

Ensinamentos de luz

Em determinada manhã, Atônis e Criste, acompanhados pelas gêmeas, entraram sorridentes em nossa sala de pesquisas, no templo da Grande Pirâmide, e disseram, enquanto observávamos o resultado de uma desagregação molecular ao microscópio:

— Meus filhos, vocês precisam de um descanso. Queremos convidá-los a viajar conosco para as montanhas de Kandur. O ambiente está preparado, e iremos levar os primeiros alunos para lá se instalarem.

Eu me levantei da cadeira, preocupado, e perguntei:

— Meu pai, vocês sofreram nova ameaça?

Ele fez sinal para eu me tranquilizar e falou:

— Não, meu filho, mas é bom nos precavermos. Em bre-

creativos. Agora, estavam jogadas nos estacionamentos, cobertas de poeira, por causa da escassez do Vril. Naqueles dias, somente raros sacerdotes tinham a capacidade de erguê-las do solo.

Criste informou aos soldados que iríamos levar os alunos para um exercício de oração e meditação nas montanhas. Meus pais e seus discípulos eram tratados cada vez mais com pouco interesse. Gadeir estava se convencendo de que não tinha como utilizar os poderes dos velhos atlantes para o mal e achava que os discípulos eram almas fracas, que não desejavam lutar pela glória de Atlântida. Além do mais, eles pareciam não possuir nenhum poder com o Vril, portanto, ele não dava muita atenção às atividades daquela escola filosófica.

Assim, desde a prisão de Atônís, Gadeir resolveu esquecer-se de nós e concentrar sua atenção na batalha, ainda mais que, a cada dia, a balança do Vril pendia mais para o lado de Atlas, complicando suas estratégias de guerra.

Quanto às gêmeas, felizmente ele as esqueceu. Entretanto, jamais as deixávamos aparecer em público. Viviam escondidas nos templos e, durante as viagens, acobertávamo-nas entre a bagagem. Elas adoravam a brincadeira. Falávamos a elas que esse era o preço da fama. Cada uma delas fariam

xa vibratória, e nem achei também relevante perguntar. A nave aterrissou em um recanto aprazível, onde foram construídos alojamentos e um pequeno templo sagrado. Eu sorri para Atôn- nis e perguntei:

— Eis o novo templo da colina do Sol?

Ele sorriu e falou, com satisfação:

— Não é tão belo e imponente como o da capital, mas, no momento, tem energias mais puras e salutares.

Eu concordei, com um gesto, e o abracei. Ele deixou escapular uma lágrima e falou com emoção:

— Estou muito feliz por você, meu filho. Parabéns por ter conseguido reverter seus sentimentos e por ter encontrado o equilíbrio nesse abençoado trabalho que realiza ao lado de Evelyn.

Eu fiquei com os olhos marejados e falei, com a voz embar- gada pelas lágrimas:

— Obrigado, meu pai. Só Deus sabe o quanto tem sido difí- cil para mim.

O sonhador Atôn- nis deu-me um forte abraço e disse-me:

— Sim, meu filho querido, aproveite esses dias de descanso para se integrar ao Espírito Criador e enraizar a paz em seu coração.

E assim aconteceu, passamos agradáveis dias de descanso naquele paraíso. Evelyn aderece observar

contrar meu próprio equilíbrio interior. O amor entre meus pais biológicos, Atônis e Criste, deveria ter me servido de exemplo. Eles se amavam intensamente, mas eram completos por si só. Jamais a perda de um causaria o desequilíbrio do outro. Ele compreendiam que não somos metades que necessitam se completar, mas, sim, seres integrais que apreciam andar lado a lado com aqueles que possuem especial afinidade. Esse é o verdadeiro conceito de almas gêmeas.

Mas eles eram atlantes da era de ouro, plenamente realizados, e eu, apenas um capelino passando por difícil provação na esfera do poder. Seria mil vezes mais fácil ter reencarnado na Terra como um daqueles simples camponeses que viviam naquelas mesmas montanhas por onde passeávamos e que, ao nos avistar, faziam mil reverências, ao sentir nosso elevado *status* sacerdotal.

Porém, Deus quis outro destino para mim. Em sua augusta sabedoria, quis testar-me no campo do amor, em oposição a todo conhecimento que eu havia adquirido por séculos. Para nos tornarmos anjos, é necessário desenvolver as duas asas: a do amor e a da sabedoria, caso contrário, a queda será inevitável. Eu tinha amplo conhecimento e no

No dia seguinte, ao final da tarde, Cristo falou para os jovens discípulos no recém-inaugurado templo das montanhas de Kandur.

Talvez, se estivéssemos na capital Poseidonis, eu não encontraria tempo para ouvi-la, por causa de minha intensa dedicação ao trabalho como cientista do Vril. Mas ah, de mãos dadas com Evelyn, passeando com passos lentos pelas hortas recém-plantadas, chamou-me a atenção aquela prédica de minha mãe.

Aquele ambiente bucólico e acolhedor desacelerou meu ritmo mental, despertando-me para a beleza de pequenas coisas, que antes me passavam despercebidas, assim como se fosse possível colocar em “câmera lenta” o movimento frenético das asas de um beija-flor.

Aproximamo-nos calmamente e nos sentamos junto dos discípulos, nos simples bancos artesanais. Olhei ao redor e observei com atenção aquele seletivo grupo de almas eleitas, que caldeariam nossa cultura com a dos povos primitivos da Terra, com o objetivo de promover o progresso. Observei-os, admirado, principalmente pela harmonia do grupo, ainda mais que existiam discípulos das duas raças: a branca e a vermelha.

foi a civilização dos celtas, da antiga Bretanha, que também recebeu, em seu passado distante, as visitas dos atlantes. Após a submersão da Grande Ilha, alguns dos discípulos que ali ouviam as palavras de minha mãe foram habitar aquela região e caldearam nossa cultura com a deles, assim como aconteceu com os egípcios, gregos, sumérios, incas, maias e demais povos do mundo que receberam a avançada herança atlante.

Em seguida, Criste prosseguiu:

— Abençoe, Mãe Querida, nosso esforço pela manutenção da Luz. Enquanto nossos irmãos lutam pelo poder, movidos pela ambição de serem melhores que os outros, nós estamos aqui, cumprindo Tua vontade, estabelecendo alicerces para civilizar o mundo da dimensão mais grosseira. Percebemos que a terra de Poseidon, este lindo paraiso, está descendo para a esfera comum. Em breve, ela deixará de ser um mundo de sonhos, uma lenda mágica para os habitantes primitivos da Terra, e fará parte integrante do cenário da vida humana, em seus últimos momentos. E é com o objetivo de salvar parte do patrimônio intelectual da Grande Ilha que aqui, neste santuário sagrado, treinaremos e cultivaremos a essência de

canalização, entendemos de forma mais profunda a essência divina e o que o Espírito Criador espera de nós, durante a jornada imortal que devemos realizar, rumo à sua Luz. Longe do conforto e das tentações de Poseidonis, nós poderemos voltar nossos corações para os verdadeiros valores da alma. Eis o maior patrimônio da humanidade: os bens da alma, que são imperecíveis, eternos, pois jamais morrem, os quais carregaremos conosco para a Vida Maior. O homem verdadeiramente feliz é aquele que já percebeu que o verdadeiro tesouro é a paz de espírito, obtida pelo cultivo do equilíbrio da alma. Aquele que se deixa seduzir pelas ilusões da vida humana abandona seu tesouro eterno para adorar algo que o fascina momentaneamente, mas que, em breve, murchará e morrerá, assim como ocorre com a mais bela flor, levando-o ao sofrimento.

Sim, as palavras de Cristo faziam pleno sentido. Quantas vezes abandonamos a paz dos valores espirituais eternos para nos escravizar na vaidosa glória do mundo das formas, que, cedo ou tarde, perde seu encanto por ser naturalmente perecível?

Nos dias seguintes, sempre ao final da tarde, eu me aproximava do pequeno templo e sentava bem

E, assim, naquele período em que descansamos em Kandur, senti paz interior e segurança incrível. Os pesadelos cessaram, e, às noites, eu dormia feliz nos braços de Evelyn.

No dia do regresso para a capital, conversei com Evelyn, e decidimos que retornaríamos somente para concluir as pesquisas com a desagregação molecular que dependessem do potencial energético da Grande Pirâmide, depois, retornaríamos para a colônia de Kandur. Ali seria nosso noyolar e de lá realizaríamos nossas expedições ao mundo primevo.

Como Atlântida estava cada dia mais integrada ao restante do globo, poderíamos realizar as viagens com aeronaves co-

Fim do sonho

Nos meses seguintes, trabalhamos de forma incansável em nossas pesquisas. Os avanços eram lentos, mas sabíamos que estávamos no caminho certo. Era só uma questão de tempo para encontrarmos a técnica definitiva para manipular o Vril, com o objetivo de provocar a desagregação molecular das células enfermas nos habitantes do mundo primevo.

Depois, era só levarmos os equipamentos necessários para as montanhas de Kandur e de lá realizarmos expedições ao restante do planeta, a fim de melhorar a qualidade de vida daqueles povos sofridos.

Evelyn estava muito ansiosa, parecia uma menina prestes a ganhar seu presente de Natal. Somente quem observou sua luta, nos anos em que vivemos na colônia,

tomamos consciência de que também poderíamos ter renascido naquela situação, ficamos ainda mais motivados a ajudá-los. Essa era nossa missão primordial: ajudar no progresso do mundo primevo.

E, assim, tudo parecia estar sob controle. Era apenas uma questão de tempo para darmos esse importante salto rumo à evolução da ciência médica humana. Até que um dia acordei um pouco mais tarde, por causa do cansaço, e percebi que Evelyn não estava mais em casa.

Ela havia deixado um recado, avisando-me de que não tinha conseguido dormir por causa de novas ideias que surgiram em sua cabeça e que ela iria ao laboratório mais cedo, para avaliar a viabilidade dos testes que projetou durante a noite.

Eu, então, levantei-me calmamente, tomei um banho, fiz uma rápida refeição e me dirigi à Grande Pirâmide. Contudo, ao colocar os pés na rua, um estranho aperto no coração me provocou intensa angústia.

Estaquei o passo e fiquei preocupado, pensando qual poderia ser o motivo daquele estranho presságio. Logo imaginei que poderia ser algo ligado à guerra e refleti:

— Ainda bem que agora falta pouco para sairmos deste triste cenário. A cada dia a paisagem de

ximou-se dos painéis de comando fora da sala envidraçada, onde as experiências eram realizadas. Infelizmente, Evelyn estava ali, ajeitando os tecidos cancerígenos dos pacientes, trazidos para testes, posicionados em cima da mesa, no centro da sala.

Electra, a distância, acompanhava os acontecimentos por meio dos circuitos internos de segurança da Grande Pirâmide. Assim que ela observou, por uma das câmeras de segurança, que eu estava prestes a entrar no laboratório, dirigiu uma ordem mental ao seu "robô", para que este executasse o crime.

De forma mecânica, ele disparou o raio energético do Vril, atingindo em cheio o delicado corpo de Evelyn. Naquele mesmo momento, eu abri a porta do laboratório, e nada pude fazer, além de presenciar a triste cena, que ofuscou meus olhos, já que não usava os óculos de proteção.

Evelyn desfaleceu no centro da sala envidraçada, após o forte clarão, enquanto, ao fundo, do outro lado do compartimento de vidro, o zumbi sinistro acompanhava o desfecho de seu ato vil. Em seguida, ele me viu e tentou fugir.

Infelizmente, naquele momento, não consegui perceber seus gestos mecânicos, típicos entre criaturas que foram laboratiza-

nessa vez, não a tigo Egito, à prática desventurada do suicídio. Os fatos que se seguiram àquela explosão de luz se passaram em minha mente como em “câmera lenta”, em preto e branco e sem brilho, com o som muito abafado e distante. O corpo de Evelyn caiu lentamente no solo do laboratório, enquanto o assassino fugia.

“Deus, conceda-me forças para narrar esse doloroso fato!”

Eu corri até a porta da sala de experiências e tentei abri-la. Nós a lacrávamos por segurança. Somente um minuto depois do experimento, ela se abria automaticamente. Eu, então, gritei desesperadamente, como uma ave ferida, enquanto socava a porta com toda a força:

— Não! Não! Não!

Naquele dramático instante, um sentimento de ódio correu por minhas veias, como se fosse um fogo vertiginoso, e eu me virei para o assassino, enquanto ele fugia pelos corredores.

Com os olhos vermelhos, injetados para fora das órbitas, eu gritei, com toda a força de meus pulmões:

— Morra, desgraçado!

A onda de raiva que percorreu meu corpo induziu o Vril a transformar-se em uma força destrutiva e irradiar-se em direção ao alvo. O corpo do assassino, então, explodiu em mil pedaços.

telepático, ainda mais em um momento tão intenso como este.

Electra saiu rapidamente do centro de segurança, localizado em um prédio anexo à Grande Pirâmide, e desapareceu por meses.

O sistema de proteção da Grande Energia, então, despertou para meu desequilíbrio e tentou controlar minha reação raivosamente, utilizando-se do sistema de inteligência artificial, programado há séculos pelos antigos sacerdotes do Vril. Entretanto, eu estava bloqueado de tal forma que nada conseguia atingir-me.

As forças do bem e do mal que habitavam meu coração colocaram as forças do Vril em um misterioso estado de impasse; logo, ele optou pela neutralidade, algo realmente muito estranho. Aquela magnífica energia parecia ter vida própria e reconhecer-me.

Imediatamente, percebi que Evelyn estava sofrendo total desagregação molecular. Juntei, então, todas as minhas forças para manter as moléculas de seu corpo coesas. Em seguida, ergui-a com o Vril, sem entrar na sala, e a coloquei sobre uma maca ao lado.

Aquietei meu espírito, sabendo que necessitava de todas as forças possíveis para sustentar a vida de minha esposa. Entrei em profundo estado de meditação e assim

triste tragédia que se abateu sobre nós, mas temos de aceitar o destino. Você não é Deus. Aceite, meu filho. Isso que você está fazendo só vai prolongar nosso sofrimento e o de Evelyn.

Eu apenas virei levemente o olhar para ela e disse-lhe:

— Não, eu não permitirei que Evelyn morra assim.

Naquele breve segundo que me desconcentrei, minha esposa soltou um gemido sofrido, provavelmente porque desestabilizei o Yril. Rapidamente, voltei à concentração máxima e não lhes dei mais ouvidos.

No silêncio de meu difícil trabalho de sustentação da vida de Evelyn, fiquei relembrando nossos momentos felizes, cada pequeno detalhe de nossas vidas em comum. Desde que nasci ela estivera sempre comigo, como uma verdadeira companheira, apoiando-me nos momentos difíceis e vencendo todas as batalhas ao meu lado. Éramos inseparáveis, mas o destino, então, traçava roteiros diferentes para nós dois, e eu não podia aceitar. Eu não teria como viver sem ela.

Será que estávamos sendo punidos por tentar mudar a inexorável lei de ação e reação? Os capelinos que reencarnavam no mundo primevo sofriam com a ação das toxinas da alma, por causa do karma que traziam do passado e

Enlouquecido pela aflicção de ver Evelyn sofrendo fortes dores, pensei em acionar o desagregador molecular novamente sobre nós dois, assim, iríamos juntos pelo mesmo caminho, como fora desde sempre. Entretanto, eu queria viver e desejava que fosse ao seu lado. Eu tinha de achar uma solução, uma forma de reverter aquele processo de desagregação, mas, no máximo, conseguia evitar a total dispersão atômica de seu organismo.

No segundo dia de vigília, Evelyn milagrosamente despertou, mas qualquer movimento causava-lhe fortes dores. Conversamos mentalmente por diversas horas, procurando uma alternativa, mas ela, então, falou algo que me cortou a alma:

— Lamento, Andrey, mas não há solução. A única coisa que você pode fazer por mim agora é deixar-me partir para a terra dos imortais. Essa é a vontade da Deusa, a Criadora da vida!

Eu tentei relutar, mas ela não me deu ouvidos e pediu a presença de nossos pais, para despedir-se. Pouco depois, estávamos todos reunidos à sua volta, e ela se sentou na maca, mesmo sentindo fortes dores, a cada singelo movimento. Disse-nos, por meio de linguagem telepática, olhando em nossos olhos:

Eu sou muito feliz porque vivi

— Não posso! Eu não posso!
Criste e Artemis me abraçaram, e eu comecei a chorar de forma descontrolada. Logo percebi que isso só causaria mais sofrimento à Evelyn e rapidamente me recompus.

Sequei as lágrimas do rosto e, sem falar nada a ninguém, abri a porta da sala de vidro que nos isolava de Evelyn e entrei. Meu pai tentou me dissuadir. Eu apenas disse a todos:

— Não me impeçam. Nada pior pode me acontecer. Em verdade, já estou morto, minha alma está morta. Só o que vocês veem aqui é o triste corpo que terei de carregar até o último de meus dias.

Criste colocou as mãos nos lábios, chocada com minhas palavras, e apoiou o rosto no peito de Atônias.

Eu entrei, então, na sala, aproximei-me de Evelyn, que estava sentada sobre a maca, e disse-lhe, com um sorriso forçado no rosto:

— Meu amor, nós ainda podemos lutar. O Vril é nosso aliado.

Ela esboçou breve sorriso e falou de alma para alma, para poupar forças:

— É inútil, Andrey. Isso levaria muitos meses, e você, em breve, precisará dormir. Faz dias que você está em vigília. Ninguém conseguirá me manter assim por

que criaram vincos em seu rosto, como se fossem canais de água correndo por solo arenoso.

Eu passei as mãos nos lábios e só então percebi a extensão da tragédia que ela estava vivendo. Evelyn disse-me, com uma ponta de agonia, tentando controlar a dor:

— Eu te amo muito. Queria ficar, mas é impossível. Só estou ainda viva por tua interferência.

Eu mordi os lábios e falei:

— Eu te amo mais que tudo e sempre vou te amar, mas entendo que devo deixá-la partir.

Ela sorriu, com o rosto já se tomando desfigurado, e agradeceu:

— Obrigada, meu amor. Que a paz do Espírito Criador esteja sempre com você.

Mal contendo as lágrimas, eu lhe disse:

— Você sempre me perguntava no que eu pensava no momento em que beijava seus olhos, antes de dormirmos, e eu nunca te respondi.

Eu levei minha mão até seu rosto, mas logo me lembrei de que não poderia tocá-la e recuei. Apenas disse-lhe, cabisbaixo, vencido pela dor:

— Todas as noites eu agradecia a Deus por estarmos juntos.

Evelyn estremeceu e sussurrou:

— Eu te amo. Eu te amo e sempre vou te amar.

Eu, então, falei-lhe pela última vez a

— Por favor, Andrey, não desista, seja forte...

Não consegui mais vê-la naquele doloroso estado, o rosto havia se desfigurado ainda mais, e liberei a poderosa ação coercitiva do Vril sobre seu organismo. Em uma fração de segundos, as moléculas se desagregaram, e seu corpo se desfez, restando apenas um pequeno morro de pó.

Cal de joelhos e gritei novamente, como uma ave ferida, extravasando toda a minha dor. Nossos pais, do lado de fora da sala, ficaram inconsolados com a tragédia. Minhas duas amadas mães se abraçaram, mortificadas pela dor da perda daquele pequeno anjo, um doce beija-flor que havia sido abatido pelos monstros que agora dominavam a outrora gloriosa Atlântida.

Em seguida, passei a mão por entre aquele pó monoatômico, que até alguns segundos manifestava a vida física do espírito que mais amei e disse a mim mesma:

Reaprendendo a viver

Depois da morte de Evelyn, dediquei-me a constantes caminhadas pelos bosques de Kandur. Todas as manhãs, eu passeava em silêncio por aqueles mesmos locais que foram cenários de encontros mágicos, procurando rememorar os últimos bons momentos que vivemos juntos. Algumas vezes, eu me surpreendia, rindo sozinho de nossas brincadeiras; em outras, uma melancolia profunda me invadia a alma, dobrando minhas pernas e puxando-me ao solo, onde eu chorava como uma criança.

De vez em quando, eu fazia o passeio na companhia das pequenas gêmeas, que procuravam me alegrar a todo instante. Lua era tão sentimental que chorava só de sentir minha tristeza, impedindo que eu externasse minha dor. Em alguns momentos,

de era algo muito natural, por serem crianças. Eu não via suas brincadeiras como algo ofensivo à memória de Evelyn. Esse clima festivo, principalmente de Sol, resgatava-me de momentos de profunda tristeza, em que meu coração parecia desejar parar de bater para sempre.

Durante a tarde, eu participava dos estudos ministrados por meus pais. A vida parecia continuar. E elas estavam sempre ali, ao meu lado. As gêmeas não desgrudavam de mim um minuto sequer, pareciam duas guardiãs; cada qual sentada a um lado, como se estivessem ali com a tarefa de me proteger. Sol guardava o flanco esquerdo, e Lua, o direito. Sempre foi assim. Nunca compreendi por que elas escolheram essa forma. Não me lembro de tê-las visto em posições trocadas. Se eu virasse para o lado de olhos fechados, saberia quem encontraria à esquerda ou à direita.

E, à noite, eu continuava ensinando-lhes tudo o que sabia sobre o Vril. Em alguns momentos, esquecia que eram apenas crianças e explanava sobre conhecimentos avançados. Sol ficava perdida em seus pensamentos infantis; já Lua captava tudo com imensa profundidade, formulando, inclusive, perguntas que eu jamais esperaria de uma criança. Mesmo

Naquele instante fugaz, recordei-me das palavras do pai de Artemis, no dia em que fui sabatinado pelo Conselho do Vril: “Espero, meu filho, que nunca chegue o dia em que você irá amaldiçoar essa energia poderosa que hoje o fascina”.

Sim, o dia de amaldiçoar o Vril havia chegado. Ali, recostado na relva, observando as gêmeas brincarem, pensei que seria mil vezes melhor ser um simples camponês, sem poder nenhum, mas ter Evelyn ao meu lado, até o fim de meus dias.

Meus olhos se encheram de lágrimas e nem percebi quando Lua se aproximou e disse, com sua voz sussurrante, enquanto envolvia seus bracinhos em volta de meu pescoço:

— Evelyn se foi, mas nós estamos aqui, meu amor. A vida continua.

A maturidade com que a pequena morena falou aquilo me causou forte impressão. Ela não parecia uma criança. Sol também era uma menina notável e provaria isso com o passar dos anos. No entanto, Lua parecia ter pulado a fase da infância, com seu comportamento notadamente maduro.

Eu sorri concordando com suas palavras, e lhe dei um carinhooso abraço.

— Obrigado, Lua. Não sei o que seria de mim sem você.

— Devo voltar para a capital. Eles sabem que costumávamos trazer os alunos para cá. Devem suspeitar de que criamos uma colônia nessa região, ainda mais que o centro de treinamento na capital está praticamente abandonado.

Meu pai fez um sinal de negação com a cabeça:

— Não é necessário. Eles não têm como nos descobrir. É impossível acharem o portal de acesso e o código da frequência.

Eu concordei, mas insisti:

— Sim, eu sei, mas é melhor não despertarmos suspeitas desnecessárias. Vai ser bom eu voltar. Preciso rever a capital da Grande Ilha. Essa mudança de ares vai ser importante para minha recuperação. Não posso viver eternamente isolado aqui em Kandur, preciso oxigenar meu cérebro com novas paisagens.

Atônís concordou, mas disse, compadecidamente:

— Vá, meu filho! E, caso a tristeza te assalte, retorne imediatamente. Não permita que a depressão se instale em teu coração, justamente onde a educação das sombras possa te conquistar.

Eu concordei com suas advertências e disse-lhe a saudação sagrada dos atlantes da era de ouro:

— Que a paz do Espírito Criador esteja com você, meu pai.

nach, para assim evitar novas expedições militares pelas montanhas de Kandur.

Ele me recebeu com um grande e afetuoso abraço e falou:

— Andrey, meu irmão, você não sabe o quanto sofri com a notícia. Evelyn era alguém muito especial para mim também. Eu sentia grande afeto por sua esposa, apesar de ela sempre me reprimir.

Eu fiz sinal de agrado, pela sincera expressão de pesames de meu amigo.

— Sim, ela era especial para todos, uma mulher única. Talvez jamais encontre alguém semelhante, em toda a minha vida. E, na verdade, nem desejo isso. Acho que agora meu coração se fechou para sempre. Vou apenas dedicar-me ao trabalho, para tentar esquecer essa tragédia.

Arnach, então, percebeu que era o momento de semear discordância e falou:

— Andrey, eu percebo que o choque da morte violenta de Evelyn fez você apagar da mente as causas de semelhante desgraça. Pelo que fiquei sabendo, foi um homem da guarda pessoal de Atlas quem assassinou sua adorada esposa.

Ele, então, mirou profundamente meus olhos e falou:

— Meu irmão, você precisa de um motivo para viver e vingar

nhamos cada lance daquele triste momento, despertando monstros que estavam adormecidos dentro de mim.

Arnach apenas observava minhas reações, raramente olhando para a projeção das cenas à nossa frente. Ele queria estudar minhas reações, para ver em que pontos, especificamente, ele deveria trabalhar para finalmente convencer-me.

E não fazia isso por mal. Em sua cabeça, aquele era o caminho mais interessante e acertado para nós dois. Além disso, Arnach sentia muita falta de nossa parceria e desejava dividir essa experiência comigo. Ryu era um grande amigo em comum, mas eu e Arnach éramos como verdadeiros irmãos, apesar da diferença entre nossas personalidades.

A projeção ficou se repetindo na tela de cristal, desde o momento em que entrei no laboratório até o instante em que explodi o assassino e gritei desesperado para socorrer Evelyn.

Virei o olhar para não mais ver aquela traumática cena, e Arnach disse-me, com seu habitual tom irônico:

— Belo fim teve esse assassino. Gostei da explosão interna. Vou treinar essa técnica também.

Eu, então, joguei-me na poltrona, olhei para o teto e suspi-

Eu retomei para as poltronas e aguardei
as palavras.
Arnach ficou em silêncio por alguns
segundos, com seu olhar
perdido, voltado para a paisagem lá fora,
tentando lembrar
os acontecimentos e planejando a melhor
forma de me contar.

— Você se lembra de Ariane, irmã
de Nereu?

Fazia tanto tempo que eu não me
inteirava das conquistas
de Arnach, que mal fazia ideia. Apenas
disse-lhe:

— Se bem me recordo, acho que
você a namorou há alguns
anos. Lembro-me dela durante a cerimônia
do ano novo solar,
na época em que eu ainda era noivo de
Evelyn.

Ele concordou com um gesto.

— Sim, essa mesma. Pois bem,
tivemos um breve relacio-
namento naquela época, mas logo me
afastei, como sempre.
Anos depois, tentei seduzi-la novamente,
mas ela foi resistente.
A cada nova tentativa de conquistá-la,
parecia que ela se tor-
nava ainda mais distante, certamente por
não confiar mais em
mim. Isso me deixou, no início,
desconcertado e, com o passar
dos meses, desesperado. Nunca tinha
recebido negativa de uma
mulher; não estava preparado para ser
rejeitado. Quase surtei.
Nessa mesma época, Gadeir já tentava me
convencer a abandonar a ideia de

as raças ganhando cada vez mais força. Ter essa criança seria uma loucura. O ódio racial aumentava rapidamente a cada dia, entre os dois lados. Assim, recorri novamente a Gadeir, e ele me aconselhou a provocar um aborto em Ariane, utilizando-me sutilmente do Vril.

Eu coloquei as mãos na cabeça e exclamei:

— Meu Deus, Arnach, o que você fez? O Vril é sagrado, ele representa a vida, jamais você poderia ter cometido esse sacrilégio!

Ele deu de ombros e continuou:

— Já estamos fazendo coisas bem piores, agora, com a guerra. O que estou lhe contando foi apenas meu passo definitivo em direção ao lado sombrio, o momento em que constatei que não teria mais volta.

Ele suspirou e prosseguiu narrando sua desgraça.

— Naquela noite, Ariane abortou a criança, sentindo fortes cólicas. Ela perdeu muito sangue e quase morreu. Contudo, percebeu que eu, no dia anterior, havia feito algo. Não consegui disfarçar, durante os momentos em que passei ao seu lado. Alguns dias depois, ela me procurou e disse que contaria a Nereu que eu a usei para saciar meus desejos sexuais e que quase tinha lhe causado a morte para livrar-me do fruto da

do mal e utilizássemos o poder do quinto elemento para saciar nossos desejos, em vez de promover o bem, que é sua aplicação natural.

Ele fez um sinal sincero de que reconhecia em minhas palavras a verdade e concluiu:

— Eu pensei que o assunto tinha se encerrado ali, com a morte de Ariane. Entretanto, ela já tinha revelado o fato a uma prima, que ao descobri-la morta, imediatamente informou Nereu de tudo. Ele é mais forte que eu com o Vril. A única forma de escapar de sua ira foi aliar-me a Gadeir. Desde então, virei seu fiel assessor e, ao mesmo tempo, refém dessa situação. Afastar-me de Gadeir significa assinar minha própria sentença de morte.

Arnach me olhou com os olhos úmidos e falou:

— Nossa força unida poderia evitar a vingança de Nereu, mas, meu irmão, você não estava mais aqui, já havia partido para o mundo primevo. Não pude nem ao menos me aconselhar com você. Não tive escolha, entreguei-me docilmente ao rigoroso comando de Gadeir.

Ele silenciou e ficou aguardando minhas palavras. Eu me levantei e aproximei-me da janela, olhando para o parque em frente perdido em meus pensamentos.

resta sermos nós mesmos e contar com a infinita misericórdia do Espírito Criador.

Eu, então, agradei-o por sua sinceridade em me contar francamente aquela história, dei-lhe forte abraço e saí do prédio. Caminhei pela esplanada dos edifícios administrativos da capital atlante e, depois, segui para a Grande Pirâmide.

As pessoas que passavam por mim realizavam escandalosas reverências, como se estivessem na presença de um rei. Os guardas tratavam-me como um comandante superior. Todos aguardavam ansiosos que eu fosse o peso que faltava na poderosa balança do Vril, para que a raça branca ganhasse a guerra.

Ao chegar diante de meu antigo local de trabalho, dirigi-me ao templo da Chama de Antúlio e lá observei que o local de meditação estava abandonado, com objetos derrubados ao chão e a chama eterna apagada.

“Se até mesmo os imortais tinham nos abandonado, por que prosseguir lutando contra nosso destino?” — pensei.

Depois, segui até o amplo salão, onde eu e Artemis tínhamos penetrado no misterioso espelho de cristal, adentrando na dimensão superior do mundo espiritual. Retirei a cortina delicadamente e me ajoelhei em frente ao

no Espírito Criador, pois Ele sabe melhor que nós quais experiências podemos ou não vivenciar, em determinados momentos de nossas vidas.

Compadecido com as tragédias que eu estava vivendo, ele prosseguiu dizendo:

— Andrey, meu filho, coloque teu destino nas mãos de Deus e não se desespere quando as coisas não acontecerem como você deseja. Os desígnios do Criador, vez por outra, são-nos estranhos, porém existe uma finalidade maior para isso: educar nossas almas.

Eu me sentei no chão, enxuguei as lágrimas e disse-lhe:

— Compreendo a sabedoria divina, o problema é resolvê-la. Algo me impede de conformar-me. Já começo a sentir...

Kundô percebeu minha indecisão em completar a frase e falou:

— Entendo. Você começa a sentir o desejo de vingança pela morte de Evelyn.

Eu abaixei a cabeça e gritei:

— Sim! Sim! Eu sei que é um ato irracional e que só vai me prejudicar, mas não consigo controlar esse vulcão que nasce dentro de mim com tanta força.

O mestre atlante sentou-se ao meu lado, no chão, e falou, com serenidade:

Os canais que reconectam

paz, seguindo o caminho do amor, então, surge o sofrimento como a natural resposta às suas ações. Almas imperfeitas necessitam da dor para despertar. O caminho da sabedoria e do amor lhes é tedioso e incompreensível.

Eu olhei para o mestre com atenção e falei-lhe:

— Sim, isso é simples e óbvio, assim como sabemos que o Sol nascerá no horizonte todas as manhãs. Talvez seja este meu caso. Evelyn apenas mantinha-me naturalmente sob controle; sua simples presença era suficiente para me afastar do caminho das sombras. Mas agora...

Ele concordou, com um gesto, e exclamou:

— Exatamente. Agora, a decisão depende somente de você. Luz ou treva? Amor ou ódio? Compreensão ou vingança? E digo-lhe mais, Andrey, não será uma resposta racional, porque você conhece os mecanismos da vida criada por Deus. Você sabe onde se encontra a razão. Sua decisão será fundamentada nas conquistas de seu coração, onde simbolizamos as emoções humanas. E lá que brotará o caminho que você seguirá. Cabe somente a você decidir.

— E você não vai tentar me dissuadir de seguir pela estrada do mal?

Kundô sorriu e respondeu:

quando, durante os eventos da Revolução
Franc^{sa,} o mesmo
mestre Kundô, então na personalidade de
Conde de Saint Ger-
main, conseguiu, finalmente, fazer-me
despertar definitivamente
para essa realidade, abandonando o mundo
das ilusões.

Eu, então, fiquei imóvel, sem saber o
que dizer. Ele estava
quase transpondo a porta, quando gritei:

— Desculpe pelo espelho!

Ele fez um sinal com a mão,
demonstrando que não tinha
importância, e falou:

— Ele perdeu sua utilidade. Os
mestres do Mundo Maior

Alucinando

Resolvi não retomar para a colônia de Kandur, mesmo correndo o risco de cair na tentação do lado sombrio, e passei a procurar respostas por minha própria conta. As palavras de mestre Kundô haviam sido fundamentais. Agora, meu tempo de decidir estava acabando, e essa não seria uma decisão racional, e, sim, emocional.

Eu precisava encontrar minha luz interior, com urgência, ou, então, seria tarde demais. Meditei por vários dias e, infelizmente, a cada instante, meu desejo de vingança aumentava, como se fosse um vulcão, prestes a entrar em erupção. Meu ódio parecia não estar centrado em Atlas, porque, na verdade, no fundo de minha alma, eu sentia que ele não era o mandante daquele crime. Minha intuição fazia-me odiar

tiga caia; era uma de suas joias mais queridas. Ela adorava usar aquele mimo em ocasiões especiais. Havia sido um presente de Artemis, quando nos consagramos sacerdotes do Vril.

Sempre depois de minhas meditações, eu beijava o pingente e dizia para mim mesmo, com voz sinistra e olhar vingativo:

— Sua morte não será em vão, meu amor. Aqueles que te fizeram sofrer pagarão pelo mal que te causaram. Você foi uma vítima inocente da ambição desses covardes. Matarei todos, independentemente de raça e facção política. Não terei lado nessa luta, serei o mensageiro do caos.

Assim, com o passar dos dias, fui me desinteressando por orações e práticas salutares que nos fazem encontrar a paz de espírito. Sentia motivação somente para me inteirar sobre os rumos da guerra. Desejava saber mais detalhes sobre as batalhas, queria informações sobre tudo, desde em que pé estava o equilíbrio do Vril e as ações e estratégias de Gadeir até o desenvolvimento de novas armas convencionais.

Todas as informações que eu solicitava me eram repassadas em poucos minutos. Arnach colocou, inclusive, alguns secretários particulares à minha inteira disposição. A impressão que eu tinha era de que eles negociavam com o

laçã à guerra e também respeito sua indefinição. Sei que você passou por um grave abalo emocional, todavia, o tempo está esgotando. Se Atlas e os sacerdotes do Vril da raça vermelha conseguirem manipular a energia das pirâmides orientais a seu favor para a guerra, será nosso fim.

Eu fiz um gesto sereno com a cabeça, demonstrando ter compreendido sua preocupação, e falei:

— Entendo. Hoje mesmo começarei a estudar uma forma de quebrar os lacres da Grande Pirâmide. Isso manterá o equilíbrio de forças com o Vril, caso Atlas consiga manipular as pirâmides orientais para o mal.

Gadeir me abraçou emocionado, algo raro naquele maldito coração de pedra, e saiu, com passos largos.

Desde aquele dia, passei madrugadas dentro da central de controle da Grande Pirâmide. Eu deitava nas cadeiras inclinadas e vasculhava, nas centrais de informação, as antigas programações realizadas séculos atrás, pela geração de ouro de Atlântida. Até que encontrei códigos antiquíssimos e identifiquei-os.

Era uma linguagem completamente esquecida, uma língua morta dos códigos computacionais atlantes. Mesmo assim, decifrei sua codificação e iniciei os procedimentos que quebrariam a

mãos suadas e trêmulas. A pirâmide ficaria sob meu total controle. A intenção era fechar o código para somente eu poder utilizá-la com fins bélicos. Em minha mente ingênua, acreditei que jamais a usaria, que seria apenas uma forma de eu manter o controle sobre a guerra, uma forma de rivalizar com o imenso poder de Gadeir e Atlas.

Depois de dar o último comando, aliando a informação codificada ao poderoso fluxo da energia Vril que corria por entre as paredes de cristal, ouvi a voz solene do computador central informar:

— Nova programação de segurança efetuada. Sacerdote Andrey autorizado para total controle, com amplos poderes. Centrais do Vril da Grande Pirâmide sob seu comando exclusivo, para qualquer fim.

Eu dei um grito de alegria, como se estivesse comemorando um gol, e caí sentado na cadeira às minhas costas. Enquanto eu respirava ofegante, completamente suado pela emoção, com um sorriso de satisfação no rosto, percebi uma aproximação silenciosa pela porta lateral.

— Eu sempre soube que isso aconteceria um dia, mas jamais imaginei que seria por suas mãos, caro Andrey.

Era mestre Kundô. Ele estava ali, de

— Você tem razão, no entanto, agora é tarde demais. É esse meu destino, sempre foi. Só me resta, agora, conformar-me com essa realidade.

Respirei profundamente, olhando para o teto, mantendo as mãos na cintura, e falei em tom amigável:

— Mestre, siga para as montanhas de Kandur. Atônís já lhe passou o acesso ao portal dimensional que criou. Em breve, as coisas piorarão por aqui. Você também tem o domínio sobre o Vril. Não quero que lhe façam mal.

Ele me abraçou com imenso carinho, irradiando-me paz, e disse:

— Obrigado, meu filho, por preocupar-se comigo, mas não é necessário. Eu estou com o Espírito Criador, e aquele que está com Ele nada teme.

Aquela ação generosa de Kundô me desarmou, fazendo-me cair de joelhos, em choro convulsivo. Ele tentou me consolar, mas ergui a mão, pedindo que saísse. Serenamente, ele foi embora, deixando-me ali, sozinho com meus fantasmas interiores.

Nos dias seguintes, mantive-me em profundo autismo. Isolou-me totalmente do mundo; passava horas analisando o contexto da guerra. Orientei os assessores a mim designados para impedir qualquer intromissão.

Até que em determinada tarde

Eu corri até o banheiro e percebi, com espanto, que meus olhos, antes azuis como o céu, agora estavam com a íris escarlate. Eles pareciam duas bolas de fogo.

Lavei meu rosto, suspirei e falei para mim mesmo:

— Como fui permitir? Não tenho mais como evitar.

No fundo, eu ainda acreditava que agia com o coração voltado para a Luz, mas os olhos são o espelho da alma. Não havia como negar. Aquela imagem sinistra no espelho dizia tudo. Sim, eu também tinha me tornado um sacerdote das sombras.

Arnach costou-se no marco da porta do banheiro e falou, de forma despreziosa, com os braços cruzados sobre o peito:

— Não se preocupe, eles ficam assim somente quando estamos com muita raiva. Hoje à noite, quando você vir as lindas mulheres que te cortejarão a todo instante, eles ficarão bem azuis. Os sacerdotes da sombra são criaturas camaleônicas: anjos no campo da sedução e demônios para enfrentar os inimigos.

Arnach soltou uma sonora gargalhada e completou:

— Vejo você mais tarde. Essa noite você vai renascer para a verdadeira vida.

Aquela frase de Arnach me pareceu um tanto irônica. A verdadeira vida era a plenitude espiritual e

longos cabelos louros, os olhos azuis fascinadores, a pele irrepreensível e o porte atlético, aliados às graves cicatrizes que eu tinha sofrido na alma, criavam uma aura mística sedutora em torno de mim.

Arnach se aproximou e falou ao meu ouvido, com discrição:

— Você não tem ideia como essa roupa lhe caiu bem! As mulheres estão todas aos seus pés. Agora sorria, não faça essa cara de mau. Elas gostam de homens invertidos. Bem-vindo, meu amigo, ao paraíso das conquistas.

Ele fez um gesto só seu, com o copo de guaianás na mão, e completou:

— Você bem sabe que essa guerra não me interessa tanto quanto uma nova conquista a cada noite.

Em seguida, ele chamou um garçom, que me serviu um copo daquela bebida envolvente, que nos levava rapidamente ao mundo da fantasia. E era lá que eu queria estar. Talvez no mundo da ilusão minha dor não fosse tão intensa e eu conseguisse passar alguns minutos em estado de felicidade, mesmo que ilusória; não aquela que Jesus, milhares de anos depois, chamaria de felicidade eterna, porque era maior que todos os reinos do mundo.

Gadeir recebeu-me com honrarias especiais demonstrando

cessem pessoalmente. Não era necessário me apresentar, pois todos já tinham ouvido falar de mim. A intenção era me integrar aos aliados e obter minha adesão definitiva. Deles obtive importantes informações sobre o andamento da guerra, em todas as regiões do vasto continente atlântico.

Depois dessa parte mais formal, Arnach fez questão de me levar à companhia das mulheres. Rapidamente, entrei no obsceno jogo de sedução da decadente sociedade atlante, e aquilo anestesiou minha alma. Foi uma estranha forma de esquecer a dor pela perda de Evelyn.

Imaginei que jamais desejaria tocar outra mulher, mas foi por esse caminho que meu espírito encontrou relativa paz. Entreguei-me ao mundo das ilusões, com a esperança de que o distanciamento da realidade me fizesse acreditar que a morte de Evelyn fosse somente um terrível pesadelo. Como eu não conseguia digerir a dura realidade, resolvi enganar-me.

Naquela noite, comecei um ciclo contínuo de conquistas, assim como faziam Arnach e Ryu. Cada flerte era um desafio e, após seduzir e obter a total subjugação da mulher, o sentimento morria; assim como ocorre nas relações superficiais em que não

— Você não sabe como estou sofrendo. Não faço isso por mal, apenas não consigo mais amar ninguém. Meu coração morreu junto com Evelyn, naquele dia.

O irônico amigo sorria e falava, divertindo-se:

— Que meigo! Boa desculpa para quando elas vierem nos cobrar o afastamento, não é, Ryu? Acho que vou adotar essa tática.

Eu, então, saía da presença deles e me isolava, perdido em meus pensamentos. Ryu pedia para Arnach não me amolar e respeitar minha dor, mas ele não dava atenção, alegando que precisava fazer com que me soltasse mais, para, assim, libertar-me da dor que dilacerava minha alma. Desde a morte de Evelyn, eu andava sempre muito calado.

Nós três, então, passamos a viver apenas nos picos das relações, momento em que os neurotransmissores, como a endorfina e a dopamina, produzem sensações de prazer e satisfação. Meras “adrenalinhas românticas” que mantêm satisfatoriamente a ilusão do amor. Como eu sentia grande tristeza pela perda de Evelyn, não conseguia habituar-me à rotina diária com nenhuma outra mulher. Eu as tinha à noite e, durante o dia, evitava-as. Assim passei a viver: durante a

controle de Gadeir nossa pátria viveria, nos séculos futuros, em riqueza abundante, dominando e educando os povos do mundo primevo.

Sim, pensei comigo mesmo: “Dominação, subjugação, esses são os adjetivos que melhor retratam as intenções de Gadeir”. Depois ri; na verdade, quase gargalhei, disfarçando para não ser mal interpretado. Todos ali acreditavam que a grande Atlântida viveria ainda por muitos séculos. Contudo, eu sabia que a Grande Ilha, em breve, agonizaria, e nosso destino seria trágico. Quando a noite sem fim se abatesse sobre o orgulhoso reino de Atlântida, muitos guerreiros arrogantes chorariam como crianças indefesas.

Que Hermes me auxilie a narrar com perfeição o maior apocalipse já vivido na Terra!

Desse modo, eu ouvi com interesse todos os discursos, prestando especial atenção a uma bela loura de cabelos crespos e olhos verdes, que estava sentada ao lado de Gadeir. Quando Ryu passou perto de mim, puxei-o pelo braço e perguntei quem era.

— Aquela é iMaia, a irmã preferida de Gadeir — respondeu Ryu. Ele tem verdadeira adoração por ela. Maia é mais influente que seus próprios conselheiros. Eles a chamam de “dama de ferro”

equilíbrio do Vril pender finalmente para
nosso lado. Somente
por meio do quinto elemento essa guerra
terá um fim. Os terri-
veis e sanguinários combates homem a
homem, nos campos de
batalha, servem somente para manter uma
guerra psicológica,
duradoura e sem resultados definitivos.

Olhei profundamente nos olhos de
todos, com firmeza, e
completei:

— Eu não quero mais ver a morte
de meus irmãos, ter de
olhar nos olhos sofridos das mães que
recebem a triste notícia
de que seu filho não voltará mais para
alegrar o lar. Por isso, va-
mos trabalhar com afinco para colocar
Atlas de joelhos diante
de nossos pés e, assim, pôr fim a essa
época sombria da história
da terra de Poseidon. Que o Espírito
Criador esteja conosco!

Todos, então, aplaudiram de pé,
enquanto eu retomava, de
forma altiva, para meu lugar junto dos
amigos. Gadeir ainda fez
algumas observações elogiosas a meu
respeito e, depois, todos
se entregaram à informalidade da festa.

Poucas horas depois, Ryu se aproximou
de Arnach e disse-
lhe, ao pé do ouvido, com seu jeito
discreto:

— Acho que temos um problema.
Andrey está seduzindo
Maia, na frente de Gadeir.

Arnach dispensou a moça que estava

— Negativo! Negativo! Gadeir não é meu mestre.

E, deixando aflorar toda a minha arrogância represada por anos, falei com convicção:

— Eu sou o mestre! Nós somos. Não vou me curvar aos pés de Gadeir. Estou do lado dele apenas por conveniência. Você e Ryu são meus irmãos, só vocês! E vocês me devem lealdade. Eu abandonei a Luz por sua insistência, Arnach. Maldito seja por isso!

Eu respirei profundamente, andando de um lado a outro, procurando realinhar os pensamentos alterados pelo guaianás. Depois, peguei as mãos dos dois com firmeza e disse-lhes:

— Vocês se lembram de quando éramos crianças e fizemos um pacto de fidelidade?

Eles me olharam, espantados, lembrando-se daquele momento.

— Quero ratificar esse pacto. Por tudo que há de mais sagrado em nossas vidas, vamos ser um só. Será nós contra todos. Independentemente de quem vença essa guerra, morreremos unidos!

Ryu adorava esses meus gestos intempestivos e falou:

— Estou com você, Andrey. Irmãos para sempre.

Arnach sacudiu a cabeça e exclamou:

— Vocês são loucos, completamente pirados!

Depois tomou mais um gole de

— Andrey, Andrey... Eu só queria aproveitar a vida, curtir umas festas com belas companhias, e você está nos arrastando para uma luta contra os dois homens mais poderosos de todo o continente. Por que tanta insanidade? Vamos apenas curtir, meu irmão.

Eu sorri e falei:

— Relaxe, Arnach. Vamos beber mais guaianás. Essa bebida é realmente maravilhosa. Eu estava precisando disso. Além do mais, eu quebrei o lacre de segurança da Grande Pirâmide. Eu a tenho em minhas mãos. Assim que Atlas tentar utilizar a força das pirâmides orientais contra nós, eu o neutralizarei.

Arnach e Ryu falaram, a uma só voz:

— Andrey, vamos, então, ganhar a guerra agora. Por que esperar Atlas ter o equilíbrio?

Eu coloquei as mãos nos ombros dos amigos e disse-lhes:

— Vocês não conhecem Atlas. Ele já tem o poder das pirâmides nas mãos, posso sentir. Ele só está esperando o momento oportuno para usá-lo. É inútil agir agora. Vamos utilizar esse poder para barganhar com Gadeir. Lembrem-se, nós não temos líderes, nós somos os mestres!

Eu esbocei um riso sombrio e falei:

— Agora que nós vamos começar a dar as cartas, vocês querem saber com o jogo? Nada disso!

de envolvê-la ainda mais, levando-a, por fim, a uma paixão incontrolável e enlouquecedora.

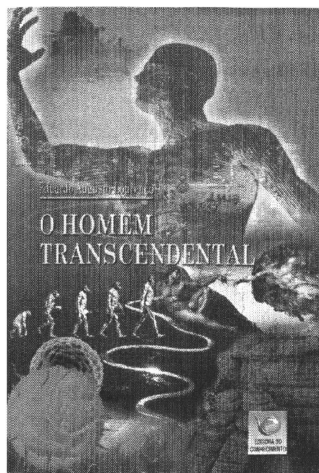
Aprendíamos avançadas técnicas de hipnose, como sacerdotes do Vril, com o objetivo de realizar curas também por meio da reprogramação do inconsciente. Como já narrei, isso foi muito útil durante os trabalhos realizados no mundo primevo. Ao lado de Evelyn, eu utilizava essa ferramenta para curar, porém, agora, só e revoltado, abusava da hipnose para destruir.

Quando percebi que Maia estava completamente entregue, afastei-me, desdenhando seu amor. Ela entrou em profunda depressão. Nunca mais seu rosto sorriu. Gadeir perdeu a companhia alegre da irmã, Mês a mês, ela foi definhando, até ficar com a metade de seu peso normal. Maia perdeu seus lindos cabelos cacheados, e seu rosto tornou-se uma triste caveira. Dois anos depois de nosso primeiro encontro, ela cometeu suicídio.

Gadeir desejou, com todas as forças, matar-me, inclusive, ameaçou-me verbalmente, mas eu tinha o poder da Grande Pirâmide nas mãos, e não o revelava a ninguém. Atlas já havia demonstrado ter o domínio das pirâmides orientais; eliminar-me seria perder a guerra. Então, apenas disse: he.

marcantes oportunidades de aprendizado. Doze mil anos se passaram, e, hoje, sou um novo homem. Que essa confissão pública

lismo Cristico na Terra”,
acesse o site
www.universalismocristico.com.br.



O Homem Transcendental

EDUARDO AUGUSTO

LOURENÇO

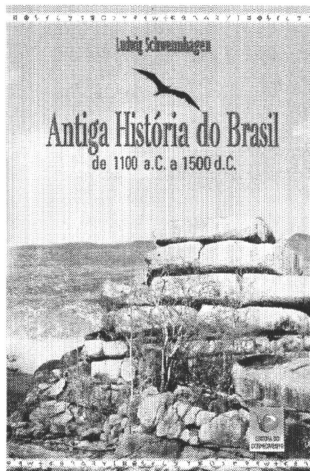
Formato 14 x 21 cm •

O homem é um ser que transcende a matéria. E, como tal, desde sua criação está destinado a percorrer

o caminho da luz. O fisiologista cético, no entanto, insiste em enxergá-lo apenas como um aglomerado de células; o incrédulo pensa que ele se finda com a morte, e o fanático religioso ainda o condena às penas eternas. Mas, este princípio inteligente, tendo estagiado em todos os reinos, é convidado a caminhar em uma estrutura mais elaborada - a da forma humana na qual poderá manifestar suas potencialidades.

por diversas áreas da ciência, cujos detalhes

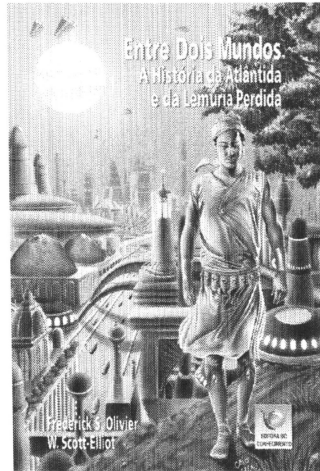
"inexplicados" já foram comprovados. E a ciência terrena descobriu a individualidade após a morte do corpo, através da experiência de quase-morte (EQM); a memória extracelular é a sede do espírito sendo vasculhadas a fundo; a eficácia do passe magnético e da água buda colocada em evidência; a comprovação da importância do ectoplasma na cirurgia espiritual; e a força da oração e a funcionalidade da meditação como agentes do equilíbrio da saúde. Enfim, uma análise sobre a formação do princípio inteligente do homem.



Antiga História do Brasil

de 1100 a.C. a 1500

Foi Pedro Álvares Cabral quem, de fato, descobriu o Brasil, ou os fenícios teriam estado aqui antes dele? Cabral teria chegado ao Brasil por acaso, ou já conhecia descrições da costa brasileira? Quem primeiro oficiou funções religiosas aos nossos índios: Henrique de Coimbra ou sacerdotes da Mesopotâmia? Quais os primeiros mineradores a explorar ouro e pedras preciosas no Brasil: verdadeiro lançado aos pesquisadores historiador austriaco Ludwig Schwegler, cujas teses têm despertado o apoio de órgãos do governo, e o interesse de leitores comuns que a vêem como uma instigante literatura que poderá reformular a História do Brasil. Com base em manuscritos, documentos e análises de inscrições petroglíficas encontrados no norte e nordeste brasileiros, ao pesquisar



Entre DOIS MUNDOS
A história da Atlântida e da Lemúria perdidas
FREDERICK S. OLIVIER / W. SCOTT-ELLIOT
Formato 14 x 21 cm • 288 p.

Entre as civilizações perdidas do planeta, não há outra que desperte mais fascínio que a Atlântida, seguida de perto pela Lemúria.

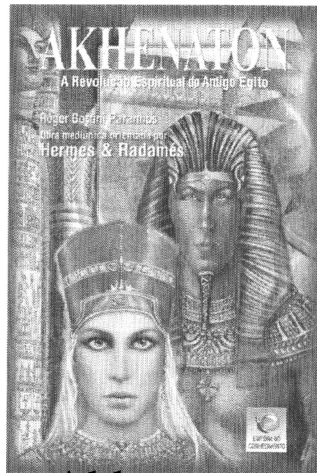
Esta obra contém dois livros que constituem a mais autêntica e fascinante descrição, já reunida, da Atlântida.

O texto de W. Scott-Elliott é um clássico: o mais abrangente e esclarecedor sobre a totalidade da civilização atlante, a quarta raça-raiz planetária. Sua descrição das sub-raças,

o painel definitivo mais importante

da literatura espiritualista sobre a civilização atlante. O autor é um clarividente inglês reconhecido no meio teosófico, e sua pesquisa foi feita diretamente nos registros akáshicos (a memória da natureza), uma garantia de autenticidade e sobriedade.

O texto do espírito Phyllos traz o depoimento real e emocionante de um atlante da última fase; um habitante de Poseidônis que relata suas aventuras e desventuras,



Akhenaton

A revolução espiritual do Antigo Egito
 ROGER BOEHM CORRALES
 BUJILINI

Jesus, deveria ter nascido em solo egípcio e pregado suas mensagens às margens do sagrado rio Nilo, em meio a uma civilização mais desenvolvida e espiritualizada das civilizações da Idade Antiga. Esta não é uma ficção, mas sim a programação que a alta espiritualidade planejou para concretizar-se no palco terreno e que promoveria o grande avanço da humanidade vendendo a verdade que se oculta atrás de fatos que a História pouco registrou ou que são matéria de especulação entre os arqueólogos modernos. Impressionante por sua mensagem filosófica-espiritual, esta obra mediúnica ditada por Hermes e Radames retrata com fidelidade a trajetória do mais brilhante e enigmático faraó, Akhenaton, o enviado do Cristo, que muito

ATLÂNTIDA - NO REINO DA LUZ

foi confeccionado em impressão digital, em novembro de 2012

Conhecimento Editorial Ltda

(19) 3451-5440 — conhecimento@edconhecimento.com.br

Impresso em Super Snowbright_B 70g, Hellefoss AG